



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

AMURIELLE ANDRADE DE SOUSA

**O IDEÁRIO DA ESCOLA NOVA NA PARAÍBA: Circulação de novos saberes
nos discursos de José Baptista de Mello (1930-1936)**

**JOÃO PESSOA
2015**

AMURIELLE ANDRADE DE SOUSA

O IDEÁRIO DA ESCOLA NOVA NA PARAÍBA: Circulação de novos saberes nos discursos de José Baptista de Mello (1930-1936)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador: Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

JOÃO PESSOA
2015

AMURIELLE ANDRADE DE SOUSA

O IDEÁRIO DA ESCOLA NOVA NA PARAÍBA: Circulação de novos saberes nos discursos de José Baptista de Mello (1930-1936)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 28/08/2015

Prof. Dr. Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia da Silva Nunes (Membro Interno)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Dr. Ramsés Nunes e Silva (Membro Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao meu orientador, o professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira, por sua atenção, sugestões e pelas sinceras críticas ao trabalho, pois elas me motivaram nos momentos mais importantes. Também quero agradecer à professora Dr.^a Aparecida de Lourdes Paes, por sua amizade e conselhos valiosíssimos.

Não posso deixar de mencionar todos os professores da linha em História da Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, os quais me fizeram perceber, nas aulas e nas conversas informais, a profundidade da pesquisa sobre educação dentro de um determinado contexto histórico, ajudando, assim, a reafirmar e consolidar o objetivo deste trabalho.

À família, que tantas vezes compreendeu a reclusão necessária de uma investigação desta natureza, sempre oferecendo gestos de apoio e carinho. Em especial à matriarca Ademilda Maria Andrade e minha querida irmã Anielle Andrade de Sousa.

Também agradeço aos poucos amigos que restaram nesta longa caminhada, que muitas vezes tiveram que ouvir minhas preocupações repetidamente, em especial a Gerlande Costa Paiva e Roberta Aguiar.

Por último, agradeço especialmente ao meu amado Wesley Rennyer Martins Rabelo Porto, que sempre me ofereceu o incentivo e a confiança que precisei. Sua presença provocativa, e ao mesmo tempo afetuosa, me fez confiante e tornou possível completar essa árdua trajetória.

O ensino primário na Parahyba tem passado por sensíveis modificações. Alguma coisa temos feito em prol de tão importante ramo da administração. Já a escola de nossos dias está bem longe daquela que, para nós, creanças de outrora, constituída um espantalho. O velho mestre cheio de rigorismo e de pragmática, foi substituído pela professora moderna que as creanças adoram, e no meio dessas se confunde em vivacidade e carinho.

(José Baptista de Mello-1933)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a circulação do ideário da Escola Nova no estado da Paraíba, através dos discursos do professor José Baptista de Mello encontrados nos jornais A União e A Imprensa. Considerando a influência desses discursos na circulação e propagação de um novo ideário pedagógico, que rompe com um modelo de ensino tradicional, para métodos de ensino moderno, enriquecido pelo pragmatismo e interesses comuns da época. Os estudos aqui empreendidos, segue as contribuições teórico-metodológicas da Nova História Cultural, interligados com os procedimentos metodológicos de Laurence Bardin e Michel de Certeau, a partir das quais será analisada, especificamente, a importância do discurso na propagação da informação para a historiografia. Portanto, é significativo enfatizar que a “Escola Nova” é um movimento bastante importante para a historiografia da educação brasileira, que afirmava, em seu método, as teorias científicas ligadas à biologia, sociologia e psicologia, para que, a partir das hierarquias das capacidades, ocorresse uma aprendizagem significativa para os educandos, recebendo influências didáticas e filosóficas de Dewey, Montessori, Decroly entre outros. O Brasil participou ativamente deste movimento que se consolidou com a divulgação do documento conhecido como Manifesto dos Pioneiros, no qual os seus signatários debruçaram-se sobre as novas diretrizes para a educação brasileira. Entretanto, a divulgação deste ideário nos demais estados ocorreu em épocas e maneiras diferentes. Na Paraíba, ocorreu no ano de 1930, iniciado através dos discursos publicado pelo professor José Baptista de Mello; que a partir dele surgiram outros discursos referentes ao assunto. Acredita-se que este professor tenha seja um dos pioneiros a tratar a Escola Nova no estado, fazendo circular este novo saber na imprensa, influenciando inúmeros educadores em favor desta inovação educacional.

Palavras-chaves: Escola Nova. José Baptista de Mello. Imprensa.

RÉSUMÉ

Le présent travail a pour objectif principal d'analyser la circulation des idées de la «Nouvelle Ecole» dans l'Etat de Paraíba à travers les discours du professeur José Baptista de Mello rencontrés dans les journaux A União et A Imprensa. Compte tenu de l'influence de ces discours dans la circulation et la propagation des nouvelles idées, rompt avec un modèle d'enseignement traditionnel, pour des méthodes d'enseignement enrichis par la pratique et la préparation pour le travail, comportant les attentes et les intérêts communs de l'époque. Alors, il est important de souligner que la «Nouvelle Ecole» est un mouvement très important pour l'historiographie de l'éducation au Brésil, alors qu'elle affirmait dans sa méthode les théories scientifiques liés à la biologie, la sociologie et la psychologie, de sorte que, à partir des hiérarchies de capacités, il ait lieu un apprentissage significatif pour les apprenants, obtenant des influences didactiques et philosophiques, entre autres, de Dewey, Montessori, Decroly. Le Brésil a participé activement à ce mouvement qui a été consolidée avec la publication du document appelé « Manifeste des Pionniers » dans lequel les signataires se sont penchés sur les nouvelles directrices pour l'éducation au Brésil. Toutefois, la divulgation de cette idéologie dans les autres Etats a eu lieu à des moments et moyens différents. En Paraíba, le premier discours qu'on peut trouver dans les journaux remonte à l'année de 1930, publié par le professeur José Baptista de Mello, à partir, il est apparu d'autres discours rapportant au sujet. Il est estimé que ce professeur a été l'un des pionniers à parler de la « Nouvelle Ecole » dans l'Etat, en faisant circuler ce nouveau savoir dans la presse, influençant d'innombrables enseignants en faveur de l'innovation éducative. Donc, les études menées ici se composent par un ensemble de procédures méthodologiques telles que : l'analyse du contenu, l'utilisation des sources telles que les journaux, les magazines ainsi que la production de discours. Nous utilisons également les contributions théorico-méthodologiques de la «Nouvelle Histoire culturelle», dans laquelle nous analysons spécifiquement l'importance de la presse dans la diffusion de l'information à l'historiographie.

Mots-clé: Nouvelle Ecole ; José Baptista de Mello ; Press

LISTA DE TABELAS, QUADROS E IMAGENS

IMAGEM I: José Baptista de Mello.....	30
TABELA 1: Distribuição percentual da população do estado e regiões do Brasil no período de 1900 a 1939.....	31
TABELA II: Número de Analfabetos entre 1872 e 1920.....	41
QUADRO I: Relatórios e discursos de 1931 a 1936.....	62
QUADRO II: Artigos sobre o sistema decrolyano.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A REPÚBLICA DOS MEUS SONHOS	13
1.1 AS ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: A ESCOLA NOVA COMO INSTRUMENTO DE ESTADO	17
1.2 EXTRA! EXTRA! O MANIFESTO DENÚNCIA: A REPÚBLICA NÃO CONSEGUE CRIAR A ESCOLA QUE O BRASIL PRECISA	24
2 A EDUCAÇÃO EM RUÍNAS: E AGORA, JOSÉ?	28
3 POR UMA NOVA ESCOLA: A REINVENÇÃO DE ESPAÇOS E SUJEITOS	37
3.1 A ESCOLA NOVA E AS ESCOLAS NOVAS: ORIGENS E INFLUÊNCIAS INTERNACIONAIS.....	41
3.1.1 Jean Ovide-Decroly e os centros de interesses.....	43
3.1.2 Jonh Dewey: Influências filosóficas e teóricas	46
3.1.3 Maria Montessori: Em busca de uma educação libertadora	49
4 UMA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: CIRCULAÇÃO DE NOVOS SABERES NOS DISCURSOS DO PROFESSOR JOSÉ BAPTISTA DE MELLO	51
4.1 MAQUINARIAS DISCURSIVAS: A ESCOLA NOVA NA PARAÍBA NO DISCURSO DE BAPTISTA DE MELLO	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

O movimento da Escola Nova no Brasil é visto, por alguns pesquisadores, como um divisor de águas pela historiografia da educação, por ser um momento em que uma nova prática pedagógica – ligada às novas descobertas da ciência – começava a ser o principal anseio dos intelectuais brasileiros em educação nas primeiras décadas do século XX.

Os intelectuais brasileiros em educação começaram a expressar este movimento através de jornais, revistas, palestras e livros, a fim de circular essa ideia nos demais esta

dos brasileiros, mas as particularidades e as características regionais moldaram tal movimento, colaborando para anseios específicos da região. Conhecer as características regionais permitiu distinguir não apenas seus aspectos educacionais, mas suas particularidades sociais e políticas, que foram configuradas em um determinado momento histórico.

No banco de dados da Scielo e do Google Acadêmico, foram encontrados vários trabalhos sobre a temática da Escola Nova, com objetivos diversos, como propagação e divulgação da Escola Nova, sua influência no contexto social e político da época entre outros. Trabalhos como “Ideário Pedagógico Moderno nos discursos dos intelectuais Henrique Fontes e Oswaldo Cabral: Escola Primária Catarinense (1920-1930)” de Solange Aparecida de Oliveira Hoeller; “Os discursos sobre educação no Piauí: reflexos dos ideais da Escola Nova (1920-1947)” de Ana Maria Gomes de Sousa Martins; “A Infância nas Páginas do Jornal: discursos (re)produzidos pela imprensa na primeira década do século XX” de Welington da Costa Pinheiro. Através das pesquisas e estudos empreendidos sobre a temática, fomos conduzidos pela curiosidade a abranger os estudos visando a entender como este movimento foi disseminado no Estado da Paraíba.

É importante ressaltar, que estas inquietações surgiram com ingresso desta pesquisadora no grupo de pesquisa denominado “Grupo de Estudos e Pesquisas: História, Sociedade e Educação no Brasil – seção Paraíba” (HISTEDBR – PB), no ano de 2007, sob a coordenação do professor Dr. Charliton José dos Santos Machado. A partir desse momento, ainda no curso de pedagogia na Universidade Federal da Paraíba, iniciamos nossa participação no Projeto “Educação e Educadoras do Século XX: Práticas Leitura e Representação”, que proporcionou a aproximação com a pesquisa em História da Educação, discutindo suas limitações, temas e fontes, nas primeiras décadas do século XX.

A partir de pesquisas e debates no HISTEDBR-PB, uma temática começou a nos chamar a atenção, a qual veio estampada numa edição do jornal paraibano “A União”, que

fora publicado na década de 30; nele foram encontradas algumas matérias intituladas de “Escola Nova”, escrita por vários autores paraibanos como Mercedes Dantas, Assuéro Azevedo, Adamantina Neves, José Baptista de Mello, José Baptista Leite, José Vinagre entre outros. Apoiando novo modelo pedagógico, denominado de “Escola Nova”, exaltando sua importância para a vida dos educandos e para o desenvolvimento do Estado da Paraíba.

Sendo assim, continuamos a pesquisar em outros mecanismos de divulgação da imprensa e encontramos uma revista intitulada “Revista do Ensino”, fundada em 1932 por iniciativa da diretoria de Instrução Pública, a fim de colaborar para a difusão de novos métodos para a educação paraibana. Nesta época, este órgão tinha, como diretor, o professor José Baptista de Mello, que colaborava diretamente para as publicações da referida revista. Durante a investigação, nos perguntamos: Quem era José Baptista de Mello? Quem era esse sujeito-educador que estava instituindo uma nova política para a educação paraibana? Quem era este intelectual que, além de divulgar o método na Escola Nova nos jornais, também colaborava em uma revista especializada no assunto? Quais eram seus objetivos com a divulgação deste novo método? O professor Mello, neste momento, além de professor, era o diretor do ensino primário que demonstrava ter ambições para o desenvolvimento da educação paraibana, ampliando os serviços de fiscalização e desenvolvimento do ensino o qual, segundo ele, encontrava-se precário.

De acordo com José Baptista de Mello, em seu livro “A Evolução do Ensino na Paraíba”, a década de 30 foi a época em que a educação pública paraibana desenvolveu-se com maior intensidade, com os interventores Antenor Navarro, Gratuliano Brito e o Argemiro de Figueiredo, que contribuíram a favor de várias medidas para a modernização do ensino, tais como: a fiscalização escolar; revista de ensino; semanas pedagógicas; congressos municipais; entre outros. Todas estas reformas na educação eram em favor de melhorias nas práticas educativas, como destaca Mello (1996, p. 98): “Visando melhorar as condições técnicas da instrução, a Diretoria tomou várias medidas que contribuíram eficazmente para a renovação dos métodos e processos de ensino, nos estabelecimentos de educação, a partir dos grupos escolares da Capital”.

Sendo assim, o principal objetivo dessa pesquisa é analisar a circulação do ideário da Escola Nova no estado da Paraíba, através dos discursos do professor José Baptista de Mello publicados na imprensa paraibana, que colaborou ativamente na propagação deste ideário no estado.

O recorte histórico deste estudo delimita-se aos anos 1930 a 1936, por ser o momento em que as publicações sobre o método da Escola Nova se tornam frequentes em jornais e

revistas da Paraíba; tal método abrange aspectos sociais, políticos e econômicos específicos, e contribuiu para o desenvolvimento de debates sobre a importância da modernidade e da democracia no desenvolvimento brasileiro. Entende-se, no presente trabalho, que o recorte histórico não se dá por uma simples preferência, mas através de escolhas de determinadas fontes.

Quanto à escolha do quadro teórico, considerou-se a necessidade de interrogar a produção historiográfica sobre o tema da pesquisa, de forma a deixar claro os motivos da escolha do referido quadro e avançar em relação à construção do objeto de estudo. A partir dos trabalhos de Pinheiro (2002), Valdemarin (2010), Monarcha (2009) e Saviani (2011), revisaram-se os enfoques sobre o movimento renovador, procurando afastar as dicotomias existentes e situando o objeto da pesquisa numa perspectiva que levasse em conta as dinâmicas das afinidades sociais. O questionamento dos quadros teóricos existentes sobre o movimento renovador colaborou para a compreensão de suas especificidades, visando a novas perspectivas sobre o movimento da Escola Nova e em especial sobre sua presença na educação paraibana.

Neste trabalho dissertativo, a análise histórica sobre o movimento renovador no Brasil e a Escola Nova foi feita a partir dos autores citados, considerando ainda Cambi (1999) e Nagle (1976). Em relação à Nova História Cultural, as referências foram, Burke (2004) Certeau (2014). Posteriormente, destacar-se-ão os trabalhos de autores paraibanos como Mello (1996,)Pinheiro (2002) e Leitão (1987), a fim de evidenciar uma visão mais ampla do contexto, social e político da Paraíba no começo do século XX.

A principal fonte de pesquisa desse trabalho é a imprensa, por isso abordaremos o conceito de *circulação de ideias*, que rodeia através da imprensa com a ajuda de mecanismos sociais que incorporam essa sociedade, como enfatiza OLIVEIRA; BELTRÃO (2013, p. 5): “Nesses termos, não se trata somente da ocorrência de coincidências históricas, mas do fluxo de ideias, às vezes dispersas, que circulam com a ajuda de conectores culturais dos mais variados”. Discute-se sobre a importância do mecanismo de circulação da imprensa, que é utilizado como veículo de divulgação de inúmeras informações para o indivíduo de cada época, além do mais, nota-se que, no decorrer das décadas, sempre esteve presente no cotidiano das mais variadas gerações. Deve-se levar em consideração a representação e circulação desses discursos, como maneira de entender e interpretar a educação neste período, com o intuito de serem utilizadas como mecanismos de mudanças, mesmo que seja de maneira lenta.

O presente trabalho se desdobra em quatro capítulos distintos que nortearão o desenvolvimento desta pesquisa, denominados: A República dos Meus Sonhos; A Educação em Ruínas: E agora, José? Por uma Nova Escola: A Reinvenção dos Espaços e Sujeitos e, por último, Uma educação para o trabalho: Circulação de Novos Saberes nos discursos do professor José Baptista de Mello.

No segundo capítulo, denominado de *República dos Meus Sonhos*, nos debruçamos sobre o contexto histórico do Brasil, enfocando a situação social, política e econômica em que o país vivia no começo do século XX, interligados a novos projetos que repercutiram e tentaram modificar a política, a educação, a cultura entre outros.

O terceiro capítulo, intitulado *Educação em Ruínas: E agora, José?* abrangerá o contexto histórico e social da Paraíba e atentará para a circulação das ideias pedagógicas da “Escola Nova”; no presente contexto, compreendendo a sua importância para a modernização do Estado entrelaçada com a história de vida do professor José Baptista de Mello e de suas contribuições para educação.

No quarto capítulo, *A Escola Nova e as Escolas Novas: Origens e Influências Internacionais*, pretendemos, sob a problemática e a expectativa da Escola Nova, mostrar suas estratégias e táticas em favor de uma modernização na educação, além de abarcar a importância da Escola Nova no âmbito brasileiro e suas influências internacionais, colaborando para uma visão macro do que está sendo almejado e contribuindo para o contexto histórico do Brasil. Sobre esta questão, destaca Lourenço Filho (1978, p. 23):

[...] O ensino assim passava a ser visto como instrumento de construção política e social. Foi, de fato, com a expansão dos sistemas públicos de ensino que se iniciou a elaboração de uma pedagogia social, de par com desenvolvimento de estudos da história da educação e, a seguir da história comparada. [...]

No quinto capítulo, *Uma educação para o trabalho: Circulação de Novos Saberes nos discursos do professor José Baptista de Mello*, analisaremos a os discursos do professor Mello encontrados no Jornal A União e na Imprensa no período compreendido entre 1930 e 1936, buscando compreende-los como uma ferramenta de circulação de novos saberes com fins de originar uma nova sensibilidade em favor da modernidade pedagógica.

CAPÍTULO I

A REPÚBLICA DOS MEUS SONHOS

O principal objeto de discussão do presente trabalho versa sobre a disseminação da Escola Nova no Estado da Paraíba. Para compreendê-la, é necessário ter o conhecimento do que era propagado no século XX no Brasil, pois, a partir dele, poderemos compreender as contribuições e objetivos do referido modelo de ensino para as escolas brasileiras, consequentemente, paraibanas.

As discussões sobre a necessidade de um novo modelo de ensino ocorreu por conta das insatisfações afetas ao perfil de república existente no Brasil. Na obra *A Reinvenção da cidade e do cotidiano*, escrito por Carlos Monarcha, descreve-se a república brasileira como uma *farsa caricatural*, que era caracterizada por interesses contraditórios, no qual projetos ditos de interesse da nação, na realidade vigoravam em prol de interesses particulares, contradizendo as ideias de igualdade e de liberdade, existindo um grande abismo entre o “Brasil legal” e o “Brasil de fato”. Vocabulários como: igualdade; democracia; justiça; razão; trabalho entre outros, revelavam-se ineficazes no tratamento dos problemas reais do Brasil. Como esclarece Monarcha (1990, p. 41):

Para os homens cultos brasileiros, os ideias republicanos de há muito estavam entre nós: a Inconfidência Mineira, a Revolução Pernambucana em 1817, a Confederação do Equador indicavam que a República era lógica fatal da nossa história. Entretanto a persistência dos arcaísmos fazia com que a ideia moderna se realizasse entre nós sob a forma de farsa caricatural. O contexto sócio-histórico operava contra a tendência de seu tempo e as instituições liberais brasileiras, quando comparadas as demais nações do Ocidente civilizado, faziam uma triste figura.

A república brasileira surgiu entre dois marcos importantes, com o Manifesto Republicano de 1870 e a Abolição da Escravidão de 1888, que induziram a Assembleia Constituinte na elaboração da primeira Constituição Brasileira, fundada no federalismo, com inspirações liberais. O federalismo, implantado em substituição ao centralismo do império, atribuiu aos estados uma enorme soma de poder, denominados os dirigentes de Estado de coronéis, em nível municipal, e de oligarquias, nos níveis estadual e federal. A centralidade

do poder oferecidos às oligarquias e coronéis, garantia autonomia no que se refere aos interesses peculiares, como esclarecesse Resende (2014, p. 94):

O federalismo, tal como se configura na constituição de 1891, deixa aos estados, recém-criados, uma larga margem de autonomia. Pela constituição, eles detêm a propriedade das minas e das terras devolutas situadas em seus respectivos territórios e podem realizar entre si ajustes e convenções, sem caráter político. Podem legislar, também, sobre qualquer assunto que não lhes for negados, expressa ou implicitamente, pelos princípios constitucionais da União (art.63). Este dispositivo permite aos estados, por exemplo, cobrar impostos interestaduais, decretar impostos da exportação, contrair empréstimos no exterior, elaborar sistema eleitoral e judiciário próprios, organizar força militar [...].

Este sistema de governo sobrevive até a Revolução de 1930, em que o coronelismo de Vargas¹, impõe, aos Estados, homens de sua confiança para serem interventores. Os interventores, por sua vez, ficam na incumbência de nomear responsáveis para as prefeituras dos municípios, denominado este período pelos historiadores de *Governo Provisório*, que teve como objetivo reorganizar a vida política do país, no qual se originou o processo de centralização do poder.

O *Governo Provisório* surgiu em meio a críticas ao governo existente, que era visto como incapacitado de resolver os problemas sociais e econômicos do Brasil, para que ocorresse uma mudança significativa, era necessário um controle social, que ocorreria através da presença de um estado forte, comandado por um líder que fosse capaz de conduzir as massas no caminho da ordem e do progresso.

Esta proposta se manifestou referente a alguns impactos que estavam acontecendo na Europa, segundo Capelato (2014), com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, e

¹ Getúlio Vargas assumiu o cargo de presidente do Brasil no ano de 1930, em meio a disputas políticas e críticas aos princípios liberais e democráticos. O governo de Vargas é dividido em três períodos: **O Governo provisório (1930 - 1934)**, qual teve como objetivo reorganizar a vida política do país. Neste período, o presidente Getúlio Vargas deu início ao processo de centralização do poder, eliminando os órgãos legislativos (federal, estadual e municipal). **O Governo Constitucional (1934-1937)**, cultivou uma política de centralização do poder e, após a experiência frustrada de golpe por parte da esquerda utilizou-se do episódio para declarar estado de sítio. Com essa medida, Vargas perseguiu seus oponentes e desarticulou o movimento comunista brasileiro. Mediante a “ameaça comunista”, Getúlio Vargas conseguiu anular a nova eleição presidencial que deveria acontecer em 1937. Anunciando outra calamitosa tentativa de golpe comunista, conhecida como Plano Cohen, Getúlio Vargas anulou a constituição de 1934 e dissolveu o Poder Legislativo. **O Estado Novo (1937-1945)**, passou a governar com amplos poderes, sob o pretexto da existência de um plano comunista para a tomada do poder (Plano Cohen) Vargas fechou o Congresso Nacional e impôs ao país uma nova Constituição, que ficaria conhecida depois como "Polaca" por ter sido inspirada na Constituição da Polônia, de tendência fascista. O Golpe de Getúlio Vargas foi organizado junto aos militares e teve o apoio de grande parcela da sociedade, uma vez que desde o final de 1935 o governo reforçava sua propaganda anti comunista, alarmando a classe média, na verdade preparando-a para apoiar a centralização política que desde então se desencadeava.

que redundou em inúmeras críticas à democracia representativa parlamentar de cunho individualista. Desta maneira, inúmeros intelectuais e pensadores mostraram extrema preocupação com a questão social; discutia-se sobre novas formas de controle de massas com o objetivo de evitar a eclosão das revoluções socialistas.

O recorte histórico da referida pesquisa se debruça no início do governo Vargas denominado de *Governo Provisório* e parte do *Governo Constitucional*, nos anos de 1930 a 1936, em que se discutiram inúmeras medidas em favor de solucionar, não apenas a crise que o país vivia, mas também o atraso com relação aos outros países capitalistas. Este progresso deveria acontecer dentro da ordem pré-estabelecida, para isso, se utilizou de algumas estratégias como a propaganda política, repreensão dos opositores, produção cultural entre outros. A imagem e os símbolos eram facilmente vistos em ambientes públicos, na imprensa e, principalmente, nas escolas, com o objetivo de conscientizar as crianças brasileiras sobre a importância do Estado unificado. Como ressalta Capelato (2014, p. 123)

As imagens e os símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do pequeno cidadão. Nas representações do Estado Novo, a ênfase no novo era constante: o novo regime prometia criar o homem novo, a sociedade nova e o país novo. O contraste entre o antes e depois era marcante: o antes era representado pela negatividade total e o depois (Estado Novo) era expressão do bem e do bom. Havia promessas de futuro glorioso. As crianças aprendiam o que significava o novo através de publicações de textos em forma de diálogo: as perguntas e as respostas ansiavam didaticamente o sentido das mudanças.

A escola era usada como uma das estratégias para o desenvolvimento do progresso e da ordem, neste sentido, deveria ter não apenas símbolos e textos, mas também era necessário um novo método de ensino, ligado ao trabalho e ao desenvolvimento do país. Lembrando que, na década de vinte, circulavam, nos jornais, algumas denúncias sobre o modelo da educação vigente, sendo vista como desvantajosa e distante do progresso a que o país almejava. Um dos principais documentos que sinalizaram esse descontentamento com a educação, de acordo Valdemarin (2006, p. 182) foi o “Inquérito sobre a instrução pública, publicado em 1926 no jornal ‘O Estado de São Paulo’. O jornal denunciava o ensino paulista – que era visto como moderno e civilizatório – como fetiche.”. Estas denúncias eram feitas primeiramente por Fernando de Azevedo que publicava periodicamente a situação do ensino no Estado de São Paulo, o que possibilitou a difusão de uma nova concepção de educação.

A circulação destas denúncias e de novas propostas de modelo de educação estabelece-se de forma intensa, ocorrendo diversas discussões e conferências em vários

Estados do Brasil, os patrocinados pela Associação Brasileira de Educação (ABE²). O entusiasmo em favor das novas propostas de educação estava sendo propagado nos grandes centros brasileiros (São Paulo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Bahia, Minas gerais entre outros) com um conjunto de manifestações em direções ao ideário de progresso e crescimento econômico. A principal denúncia desses intelectuais era que mesmo que o Brasil tenha alcançado a república, não teria alcançado o crescimento e o desenvolvimento que os outros países obtiveram. Como ressalta Monarcha (2009, p. 87):

[...] Dia a dia, terra a terra, questionavam: onde está Estado democrático representante da sabedoria e vontade popular? Como concretizar os princípios e valores humanismo liberal? Onde a forma republicana virtuosa, governada conforme as leis e justiça? Interrogações imensas em meio ao mal-estar na consciência moral e teórica da nação [...].

Várias literaturas e livros da época ressaltam a necessidade de mudança para o Brasil, e, para isso, eram necessárias iniciativas e reformas em todos os âmbitos da sociedade. Ligados a um conjunto de outros acontecimentos que assolaram a época, nos setores econômicos, social e político esses acontecimentos favoreceram o entendimento de que a educação deveria ser vista como um instrumento do processo evolutivo da sociedade brasileira.

As necessidades do Brasil no começo do século XX remetiam a um modelo de educação denominado de Escola Nova, segundo a qual, através de estudos nas áreas de psicologia, sociologia e biologia, novos modelos de ensino levavam em consideração não apenas os aspectos cognitivos e biológicos dos educandos, mas também os fatores que os preparassem para a vida e para o trabalho. Desta forma, o processo de escolarização passou a ser considerado grande instrumento de participação política.

Entretanto, o novo modelo de educação passou a sobrepujar uma antiga versão tradicional de educação, que tinha, como principais interlocutores os professores padres, que difundiam seus ideários religiosos dentro do cenário escolar. Neste sentido, o ideário educacional moderno – que teve seu ponto culminante nas décadas 20 e 30 – repeliu os intelectuais religiosos que não aceitaram, com simpatia, a nova doutrina, de modo que se articularam em prol de dois objetivos: pressionar o estabelecimento do ensino religioso nas escolas públicas e a difusão do seu ideário pedagógico mediante a publicação de livros e de

² De acordo com Savianne, a Associação Brasileira de Educação (ABE), surgiu em 1924 por iniciativa de 13 intelectuais cariocas, se firmando como órgão apolítico, destinado a congregar todos os interessados na causa da educação, independentemente de doutrinas filosóficas, religiosas ou de posições políticas.

artigos em jornais e revistas. Saviani (2011) chama essa mobilização de *resistência ativa*, por que não se manifestou apenas nas discordâncias, críticas e objeções do novo ideário de educação, mas também alertou para as consequências negativas do ideário até então propagado.

Neste momento os católicos da *resistência ativa* fundaram a revista *A Ordem* (1921), que se transformou no principal veículo de informação das posições católicas. Fundando-se, em 1922, a Confederação Católica, que posteriormente se tornou a Ação Católica Brasileira. Para eles, não era suficientemente necessário apenas contentar-se com a formação clerical, mas propagar uma cultura católica manifestada por leigos.

Considerando a educação como uma ferramenta de seus objetivos, os católicos começaram a organizar o seu campo estratégico, com a criação da Associação de Professores Católicos (1928) com diversas unidades na federação, aglutinadas na Confederação Católica Brasileira de Educação, a qual, começou a empreender ações de resistência aos avanços do ideário escolanovista no Brasil, disputando com os renovadores a hegemonia do campo educacional.

Compreender este campo de disputa obriga-nos a levar em consideração, as estratégias dos renovadores que visavam a propagar o seu novo ideário de educação; neste sentido, começam a difundir reformas na educação dentro dos estados. Através de seus interlocutores, podemos entender seus objetivos e anseios, pois se utilizaram, também, de outros mecanismos de divulgação, como revistas, jornais, conferências e congressos, sempre com vistas a fazer circular o ideário escolanovista em todo o país.

Portanto, não se trata somente da ocorrência de coincidências históricas, mas do fluxo de ideias, às vezes dispersas, que circulam com a ajuda de conectores culturais dos mais diversos. Estes conectores culturais circulavam influenciando e sendo influenciados, entrelaçados com relações do contexto social, da política e da economia, as quais se estabeleciam a cerca de como a sociedade se constitui.

1.1 AS ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: A ESCOLA NOVA COMO INSTRUMENTO DE ESTADO

Como foi mencionado no subtítulo anterior, os professores e intelectuais no começo século XX estavam fazendo circular no Brasil a importância de um novo modelo de educação,

pois buscavam modernizar no modelo de educação existente, e para que isso ocorresse, foram utilizados vários conectores culturais tais como: revistas, palestras, conferências, jornais, entre outros, que foram utilizados como táticas, dentro de uma estrutura estratégica que visava objetivos e anseios complexos, ligados à relação de poder. Michel de Certeau estabelece uma distinção entre os termos estratégias e táticas. Definindo a estratégia como:

[...] Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (empresa, um exercício, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaça. [...] (CERTEAU, 2014, p. 93)

As estratégias andam em conjunto com a criação de lugares teóricos ou lugares físicos, que, envolvidos por táticas, possibilitem a difusão dos anseios de determinados grupos sociais. Para Certeau, o terno tática corresponde aos “procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante precisa de uma invenção que transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço” (CERTEAU, 2014, p. 96). Desta maneira, o mecanismo que engrena a estratégia são táticas, que, com o uso, apresenta os seus enfoques de poder.

Se pensarmos com relação à Escola Nova no Brasil, concluiremos que este modelo educacional foi utilizado como estratégia voltada a colaborar para o progresso do país, com vistas a preparar os cidadãos menos favorecidos para o trabalho, mas, para que esta disseminação brotasse definitivamente na década de trinta, os conectores culturais tiveram que circular nas décadas anteriores, através de reformas dentro dos estados brasileiros, com o anseio de circular este ideário com o objetivo de consolidar um novo modelo pedagógico para todo o Brasil. Como ressalta Saviani (2011)

Caracterizado o contexto, parece claro que foi no clima de ebulição social característico da década de 1920 que, no campo educacional, emergiam, de um lado, as forças do movimento renovador impulsionado pelos ventos modernizantes do processo de industrialização e urbanização; de outro lado, a Igreja Católica procurou recuperar terreno organizando suas fileiras para travar batalha pedagógica. Essas duas forças desempenharam um papel de relativa importância como dispositivos de sustentação do “Estado de compromisso”, concorrendo, cada uma à sua maneira e independentemente

de seus propósitos explícitos, para a realização do projeto de hegemonia da burguesia industrial. p. 193

No livro “República e Sociedade na Primeira República”, de Jorge Nagle (1976), o autor se debruça sobre a temática da difusão do ideário da Escola Nova nos Estados brasileiros no começo do século XX, colocando em evidência as discontinuidades e permanências deste novo discurso educacional. Dividindo esses Estados em dois grupos, em que, no primeiro, estariam os Estados de São Paulo (1920), Ceará (1923) e Bahia (1925), e, no segundo, seriam os Estados de Minas Gerais (1927), Pernambuco (1928) e Distrito Federal (1927-1930). Ressaltando que cada Estado é resguardado por sua particularidade, com diferentes educadores, mesmo com objetivos comuns, se utilizavam diferentes medidas levando em consideração a particularidade regional.

No estado de São Paulo, a principal preocupação foi a radicalização do analfabetismo, que teve como principal reformador o professor Sampaio Dória³ que, por força do Decreto n.º 1.720 de 08 de dezembro de 1920, instituiu uma reforma na instrução pública. Como a principal preocupação era erradicar o analfabetismo, o reformador utilizou algumas medidas com fins de solucionar o problema, uma delas era aumentar a idade escolar de sete anos para nove anos e a obrigatoriedade e gratuidade da escolarização primária para todos.

No estado do Ceará, o principal reformador foi o professor Lourenço Filho⁴ que, por meio do Decreto n.º 1474, de 2 de janeiro de 1923, instituiu uma reforma na instrução pública, embora seguisse alguns pontos da reforma paulista, o seu principal tema destacava a formação básica e a instrução cívica, empregando métodos de leitura. A reformulação do ensino primário não é caracterizada por medidas radicais assim, Lourenço Filho inseriu em seu currículo, além do objetivo da alfabetização, medidas necessárias à vida e ao trabalho naquele contexto.

³ Antônio de Sampaio Dória foi um político, jurista e educador brasileiro. Nascido em Belo Monte, foi para São Paulo ainda criança, onde concluiu o curso primário e fez os estudos secundários. Entrou (1904) na Faculdade de Direito de São Paulo, formando-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (1908). Em São Paulo exerceu a advocacia (1908-1920) e atuou na educação. Vice-Diretor do Colégio Macedo Soares e Professor de Psicologia, Pedagogia e Educação Cívica na Escola Normal de São Paulo, professor substituto concursado de Direito Público Constitucional e de Direito Internacional Privado na Faculdade de Direito de São Paulo. Criou um estabelecimento modelo de ensino primário e secundário e fez parte de um grupo de educadores que preconizavam a reformulação da Pedagogia no Brasil.

⁴ De acordo com Saviani (2011) Manuel Bergstron Lourenço Filho “nasceu no ano 1897 em Porto Ferreira. Estudou na Escola Normal de Pirassununga entre 1912 e 1914 e diplomou-se também pela escola Normal Secundária da Praça da República, em São Paulo, em 1916. Foi nomeado professor de psicologia e pedagogia na Escola Normal de Piracicaba (1916). Em 1922 e 1923 dirigiu uma reforma na Instrução Pública do Ceará e lecionou na Escola Normal de Fortaleza. Em 1924 reassumiu sua cadeira na Escola Normal de Piracicaba, passando, daí, à Escola Normal Caetano Campos, em São Paulo, onde lecionou psicologia e pedagogia entre 1925 e 1930. Publicando no final deste período o livro a Introdução ao Estudo da Escola Nova.” (SAVIANI, 2011, p.198).

Para isso, era necessário dar maior atenção às ciências naturais, pois colaboram para as profissões agrárias, a higiene e a vida prática. A reforma cearense é considerada a pioneira na penetração do ideário da Escola Nova. O reformador cearense baseava seus preceitos de ensino na observação, no aprendizado concreto, na experiência e prática dos alunos, compreendendo a criança como um ser ativo, que deve ser cogitado por meio das leis psicológicas e biologia. Nessa proposta, o professor é o intermediador entre as relações do alunado com o meio, criando circunstâncias artificiais em que o aluno possa abstrair e racionalizar, associando as teorias ministradas com sua vida prática.

No estado do Bahia, o principal reformador foi Anísio Teixeira⁵ que, por meio do Decreto n.º 1. 846, de 14 de agosto de 1925, instituiu uma reforma na instrução pública desse Estado. A reforma baiana representa a consolidação de normas, montada para disciplinar aquela realidade social, que não apresentava os necessários suportes institucionais para concretizar certo nível de aspiração, apresentando 268 regulamentações, com 80 artigos, a maior quando comparada à regulamentação postulada pelos outros estados.

A reforma de Anísio Teixeira se aproximava da reforma da escola cearense, pois buscava exercitar, no alunado, a importância da observação e de atividades práticas, já que destacava a percepção da importância da leitura e da escrita como instrumento de expressão. Essas propostas de reforma da escola primária urbana ou rural tinham por pretensão ser única, gratuita, obrigatória e integral.

De acordo com Jorge Nagle (1976), os Estados brasileiros do segundo ciclo foram influenciados pelos Estados do primeiro grupo, tanto em seus aspectos administrativos como nos aspectos didáticos de ensino, originando não uma repetição de um mesmo ideário, mas uma circulação de ideias ligadas ao contexto social e econômico do referido local. Vejamos nas palavras do autor:

[...] Tudo isso vai provocar o aparecimento de padrões de pensamento e de realização mais compreensivos, que passam a caracterizar os esforços para a reorganização da instrução pública. Os novos esquemas doutrinários as diferenciam daqueles empregados anteriormente pelo fato de serem,

⁵ De acordo com Saviani (2011) “Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité, na Bahia, em 12 de julho de 1900. Frequentou a escola primária de Dona Maria Teolodina das Neves Lobão [...] passando, em seguida, à escola da professora Prescila Spínola, sua tia. Prosseguiu os estudos no Instituto São Luiz, ainda em Caetité, e no Colégio Antônio Vieira, de Salvador, ambos jesuítas. Do São Luís, onde ingressou em 1912, mesmo ano de fundação, no Instituto, seguiu para Salvador, em 1915, para completar os estudos secundários no Antônio Vieira. Veio daí o sonho inaciano e seu desejo de se tornar jesuíta, acalentado durante todo o curso de direito iniciado na Bahia e concluído no Rio de Janeiro em 1922. Mas acabou prevalecendo sua opção pela educação” (SAVIANI, 2011, p. 218).

simplesmente, enunciados gerais retirados da doutrina do republicanismo ou do ideário democrático [...] (NAGLE, 1976, p. 196).

Neste sentido, quando nos deparamos com a complexidade de uma região ou local, podemos perceber que, embora haja a influência de outros Estados, as regiões conservam suas particularidades e singularidades regionais, o que atendem a propósitos não apenas políticos, mas também administrativos e geofísicos. Como assegura Barros (2013, p.172):

[...] O objeto construído pelo historiador pode exigir que ele quebre uma determinada unidade geopolítica, que misture o pedaço de uma com o pedaço de outra, se formos pensar no contrate entre as “regiões” e “localidades” que são construídas pelos historiadores e outras que atendem a propósitos políticos, administrativos, geofísicos [...]

Os Estados do segundo grupo são: Minas Gerais; Distrito Federal e Pernambuco, que inspirados nos discursos dos outros Estados, construíram as suas reformas educacionais, que embora tenham sido influenciados pelos outros Estados, refletindo uma particularidade específica da sua região.

No Estado de Minas Gerais, o principal reformador foi Francisco Campos⁶, que, por meio do Decreto n.º 8.225, instituiu a reforma na Instrução Pública, influenciado pela reforma baiana, com novos esquemas doutrinários empregados no ideário da doutrina republicana. Nesta reforma, pela primeira vez no Brasil, é mostrado, de forma ampla e sistemática o método da Escola Nova, apresentando especialmente a “exposição de motivos” para a utilização desse método de ensino nas escolas.

Essa disposição de motivos acompanhou o decreto n.º 7.970-A no Regulamento do Ensino Primário, afirmando a ideia de que a formação inicial da criança não seria um tropeço, “mas um estado necessário à formação e ao amadurecimento humano, do que decorreram de princípios; a criança deve ser considerada do ponto de vista de seus próprios interesses, os programas devem ser ajustados às características da experiência infantil”. (NAGLE, 1976, p. 252)

⁶ De acordo com Saviani, Francisco Campos, nasceu em Minas Gerais em 1891. Formou-se em 1914 pela Faculdade Livre de Direito, iniciou sua carreira política pelas mãos de Raul Soares que, devido à repercussão de seu primeiro concurso e às qualidades intelectuais que continuou revelando, o incluiu na lista de candidatos do PRM a deputado estadual, para a legislatura de 1919-1922. Colaborando pela instrução pública mineira enquanto se encontrava no poder.

No Distrito Federal, o principal reformador foi Antônio Prado Junior Fernando de Azevedo⁷, que intensificou a divulgação do método da Escola N. O método da Escola Nova no Distrito Federal se distinguiu dos outros Estados por três aspectos: o primeiro aspecto refere-se aos novos ideais de escolarização, tanto de natureza pedagógica como social, integradas por três princípios: escola-comunidade; de escola única, da escola e trabalho; o segundo aspecto, se deu pelas alterações que resultaram na remodelação do aparelho escolar, causando a reestrutura das instituições escolares existentes tanto nos aspectos internos quanto nos externos com isso, foram criadas novas escolas e novos serviços educacionais; no terceiro e último aspecto, percebemos que foram projetadas muitas escolas, amparadas sob o ponto de vista científico dentro de um critério uniforme e cheio de detalhes.

A reorganização da Instrução pública no Distrito Federal foi direcionada ao olhar social com o propósito de atribuir todo o aparelho pedagógico a “uma consciência profunda de sua tarefa social e nacional e de aparelhar os meios necessários à realização dessa tarefa poderosamente educadora tanto pela intensidade, como pela extensão e influência.” (NAGLE 1976, p. 255). O reformador buscava uma mudança social no aparelho escolar, cujo princípio da escola única se fundamenta na concepção de democracia social.

O Estado de Pernambuco teve, como principal reformador, o professor Carneiro Leão⁸ que, por meio do Decreto n.º 1.239, instituiu uma reforma na Instrução Pública, prosseguindo com soluções em favor de melhorias para a instrução naquele Estado, disseminando o ideário de modernidade pedagógica que estava sendo difundido na época, promovendo, em favor de métodos pedagógicos modernos, os mesmos parâmetros do Estado do Ceará.

⁷ De acordo com Saviani (2011, p.208) “Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, no estado de Minas Gerais, em 20 de abril de 1894 e faleceu em São Paulo em 17 de setembro de 1974. Entre 1901 e 1902 realizou, em sua cidade natal, os estudos preparatórios para o ginásio cursado com os jesuítas do Colégio Anchieta de Nova Friburgo, de 1903 a 1909. Neste mesmo ano de 1909 entrou no Colégio São Luís Gonzaga, então em Itu,, no estado de São Paulo. Em 1914 decidiu deixar a Ordem dos Jesuítas, ano em que iniciou o curso de direito no Rio de Janeiro, curso este concluído em São Paulo, em 1918, na Faculdade do Largo São Francisco. Não dedicou, porém, à advocacia, tendo optado pelo magistério, que já vinha exercendo desde de 1914, quando lecionou Latim e psicologia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte.[...] Paralelamente ao magistério, dedicou-se também ao jornalismo, primeiro como noticiarista e colaborador do Correio Paulistano, entre 1917 e 1922; depois, como crítico literário no jornal O Estado de São Paulo, de 1923 a 1926. E foi na condição de jornalista desse diário que organizou um amplo inquérito sobre a situação da educação no estado de São Paulo. Publicado com o título A Instrução Pública de São Paulo, esse trabalho foi reeditado sob o nome A educação na Encruzilhada.”

⁸ Carneiro Leão, formado em direito pela Faculdade do Recife em 1911, tornou-se professor universitário nesta mesma entidade, lecionando até 1914. Mudando-se para o Rio de Janeiro, então capital da República, onde ensinou e ocupou funções administrativas. Voltando para o Recife, foi Secretário de Interior, Justiça e Educação, em 1929-1930, quando promoveu a reforma do ensino em Pernambuco, inovando a instrução pública com o ideário da Escola Nova. Idealizou e dirigiu o Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas, entidade vinculada à então denominada Universidade do Brasil.

A partir do panorama apresentado, procuramos analisar o processo de desenvolvimento da educação paraibana durante o período de 1930 a 1936, com o intuito de analisar o papel que os intelectuais e professores paraibanos teve na construção da modernidade pedagógica, procurando identificar a presença dos ideais da Escola Nova através das várias reformas implantadas ao longo dos anos de 1930 a 1936.

Conforme já discutido, o movimento de construção da modernidade pedagógica ocorrido no Brasil tinha uma ligação com os ideais republicanos da época, segundo os quais a instrução era tida como um dos elementos essenciais para o desenvolvimento de um país moderno. Tal fator merece, pois, ser analisado, estudado e difundido, em combinação com os demais elementos da cultura brasileira, pois colabora para a abertura de novos caminhos e pensamentos. É partindo dessa ideia que o movimento da Escola Nova se consolidou no Brasil através de grupos de intelectuais que começaram a explanar a importância da instrução, que fora mostrada como a principal ferramenta de progresso do país. Conforme assegura Nagle (1976, p. 108):

[...] Tais grupos se formaram no ambiente em que a escolarização era tida como o principal instrumento para o progresso do País, isto é, no final das décadas dos dez; dessa forma, participavam das mesmas idéias das muitas organizações que então apareceram juntamente aquelas, que na década dos vinte, ingressaram abertamente nas fileiras da luta pelos poderes, por isso mesmo, colocaram, nos devidos termos, a importância dos problemas educacionais [...].

As discussões sobre os problemas e novas propostas educacionais sucediam em vários estados do Brasil. Durante a década de vinte, alguns estados estabeleceram algumas reformas educacionais, que priorizavam um moderno modelo de ensino, começando pelos Estados de São Paulo (1920), Piauí (1921), Ceará (1922), Rio Grande do Norte (1924), Bahia (1925), Minas Gerais (1927), Distrito Federal (1928) e Pernambuco (1928), acontecendo particularmente em outros estados, conforme sintetizado acima.

A circulação destas novas propostas de modelo de educação estabeleceram-se de forma intensa, ocorrendo diversas discussões e conferências em vários Estados do Brasil, que, em sua maioria, eram patrocinadas pela Associação Brasileira de Educação (ABE). A que chamou mais a atenção foi a IV Conferência Nacional de Educação, que ocorreu de 13 a 20 de dezembro de 1931; o evento foi prestigiado pelo presidente do governo provisório, Getúlio Vargas, juntamente com o ministro da educação e saúde pública, Francisco Campo. A partir das propostas levantadas, organizou-se uma carta/documento que estabeleceu novas bases para a educação brasileira, denominada de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova.

1.2 O MANIFESTO DENUNCIA: A REPÚBLICA NÃO CONSEGUE CRIAR A ESCOLA QUE O BRASIL PRECISA

A Carta/documento denominada de Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova é o resultado das discussões da IV Conferência Nacional de Educação realizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE) que buscou difundir não apenas um novo sistema didático, mas lançar novas bases para uma nova organização, administração e princípios para a educação brasileira. No enunciado do documento há uma exaltação da sua importância para o Brasil como podemos observar: A reconstrução educacional do Brasil. Esse título já indica o principal objetivo do documento, que seria fazer uma transformação completa na educação.

O projeto/documento é subdividido por Saviani em quatro momentos: Introdução, os fundamentos filosóficos da educação, a organização e administração do sistema educacional, a função educacional, as bases psicobiológicas da educação, planejamento do sistema, conforme os princípios e diretrizes enunciado: Plano de reconstrução educacional e conclusão..⁹

A introdução começa enfatizando a importância da educação para o progresso econômico brasileiro, expondo que [...] é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade [...]” (MANIFESTO, 1932, p.188).

Eram apresentadas as razões históricas da falta de desenvolvimento do Brasil que, segundo o documento, residiam na irresoluta e real raiz do problema que seria a deficitária educação brasileira. Destacando a existência da falta “[...] de espírito filosófico e científico na resolução dos problemas de educação. [...] lançando para direções em favor de um novo educador”. (MANIFESTO, 1932, p. 188).

Após a introdução, Saviani subdivide o projeto/documento em duas partes: Movimento de renovação escolar, que explana as ideias acerca do processo geral da educação em diversos países, e no qual há o excerto em que destaca “[...] os trabalhos científicos no ramo da educação já nos faziam sentir, em toda a sua força reconstrutora [...]”(MANIFESTO, 1932, p.189) configurando essa reforma entre as forças das ideias e o contexto da época. A segunda parte, Movimento de Renovação Educacional, debruça-se sobre as reformas

⁹. Para este trabalho foi utilizado esta estrutura a fim de compreender a importância do referido documento.

educacionais que aconteceram anteriormente em discussão com a nova reforma, demonstrando que

[...]A maioria dos espíritos, tanto da velha como da nova geração ainda se arrastam, porém, sem convicções, através de um labirinto de idéias vagas, fora de seu alcance, e certamente, acima de sua experiência; e, porque manejam palavras, com que já se familiarizaram, imaginam muitos que possuem as idéias claras, o que lhes tira o desejo de adquiri-las[...].(MANIFESTO, 1932, p.190).

O texto trata das finalidades da educação que, segundo o documento: “[...]varia sempre em função de uma ‘concepção da vida’, refletindo, em cada época, a filosofia predominante que é determinada, a seu turno, pela estrutura da sociedade [...]” (MANIFESTO, 1932, p.191), estruturando uma forma de sociedade, orientado por um ideal que deveria ser a formação do ser humano. E, na segunda parte do tópico, há valores mutáveis e imutáveis, em que o documento ressalta sobre a importância de se educar em função do trabalho, e que a escola não apenas ensinaria em função da formação da personalidade moral, mas também os aspectos que seriam úteis para todos os aspectos da vida.

No terceiro tópico, “A organização e administração do sistema educacional”, o documento começa com o subtema “O estado em face da Educação”, em que explicita princípios de educação pública, voltada para uma escola única, gratuita, obrigatória e que possibilite a coeducação. No primeiro princípio, colocava-se nas mãos do Estado todo o processo educacional das crianças brasileiras. Quando se volta para uma escola única, tende a possibilitar para atender a todos os alunos independentemente de condições sociais e econômicas. Quanto aos outros princípios de gratuidade, laicidade, obrigatoriedade e coeducação, o Estado deveria garantir o acesso e a permanência de todas as crianças na escola. No tópico, “A função educacional” se fixou na concepção de unidade, autonomia e centralização. A unidade como função educacional, possibilitava desenvolver uma função na capacidade vital humana, como indica Saviani (2011. p. 246):

[...] desse princípio decorrem consequências em larga escala: seleção de alunos com base nas aptidões naturais; supressão das escolas que reforçam as diferenças econômicas, elevação da formação de professores ao nível da universidade; equiparação da remuneração e das condições de trabalho dos professores dos diferentes graus; correlação e continuidade do ensino em todos os graus; luta contra a quebra da coerência interna e unidade vital da função educativa [...].

O princípio de autonomia implica na necessidade de evitar que a educação seja envolvida pelos interesses políticos, por eles transitórios, resguardando de objetivos e anseios que não colaborem para o desenvolvimento da educação. A centralização, que o documento propõe, se caracteriza pela consideração com a extensão do Brasil, que segundo o projeto/documento, seria importante que houvesse uma organização baseada em um plano comum em que ficaria sob a responsabilidade da União colaborar para o desenvolvimento da educação, auxiliando e compensando as necessidades da educação em todos os estados brasileiros:

O ensino, em todos os graus, é considerado de responsabilidade da União, na capital, e dos estados nos respectivos territórios. O MEC terá a incumbência de vigiar para garantir a obediência e execução, por todas as instâncias, dos princípios e orientações fixadas na Constituição e nas leis ordinárias, auxiliando e compensando as deficiências e estimulando o intercâmbio entre os Estados. A unidade do sistema será garantida, pois, pela coordenação da União. (SAVIANI, 2011, 247).

Na terceira parte do documento, se explicitam As bases psicobiológicas da Educação, é neste tópico específico que é demonstrado o envolvimento com a Escola Nova na reconstrução da educação brasileira, no qual, explana sobre a complexidade da educação, que não seria um processo de “fora para dentro”, mas de “dentro para fora”, respeitando a personalidade e a cognição da criança Para o documento, essa postura seria uma reação [...] contra as tendências exclusivamente passivas, intelectualistas e verbalistas da escola tradicional, a atividade que está na base de todos os seus trabalhos, é a atividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida à satisfação das necessidades do próprio indivíduo [...].p. 196

Assim, no quarto tópico “Planejamento do sistema, conforme os princípios e diretrizes enunciados: Plano de reconstrução educacional”, o manifesto explana sobre as linhas gerais do plano. Os pontos nevrálgicos da questão são os problemas universitários no Brasil, a unidade de professores e o papel da escola na vida e função social. Neste momento, o texto debruça-se sobre os problemas da educação brasileira até a universidade, demonstrando o papel social e econômico da educação.

O manifesto posiciona a educação neste contexto como um elemento de mudança das instituições sociais. Segundo ele seria possível elaborar-se um projeto/documento baseado nos

fundamentos da concepção da Escola Nova, que seria a expressão dos anseios da sociedade moderna, e que seria incorporado na política educacional do Governo Vargas.

A partir das considerações do manifesto, é importante destacar que a principal preocupação era os professores e a sociedade pôde observar a importância da Educação neste projeto nacional. Portanto, começaram a divulgar suas ideias, de forma expressiva e periódica, em muitos estados brasileiros, em revistas, jornais veículos da imprensa, com o de modernizar não apenas a educação, mas trazer melhorias para o Brasil.

Essa disseminação nos jornais e revistas contribuiu para o objetivo desta referida pesquisa, que é analisar a circulação do ideário da Escola Nova nos jornais paraibanos, pois compreendemos que os jornais e revistas não são apenas veículos de informação, posto que é, através deles, que podemos deter uma outra versão de um mesmo acontecimento de uma época, buscando apreender as tramas, as atitudes, as crenças e as tradições inerentes às práticas e às representações cotidianas da realidade investigada. A imprensa neste período era, de maneira geral, um dos principais influenciadores de comportamento e contribuiu de maneira decisiva para a formação de opiniões dos leitores da época. Sodré (1983, p.1) destaca, na introdução do seu livro “História da Imprensa no Brasil”, que:

[...] A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão da imprensa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. O traço consiste na tendência à unidade e à uniformidade. Em que pese tudo o que depende de barreiras nacionais, de barreiras linguísticas, de barreiras culturais – como a imprensa tem sido governada, em suas operações, pelas regras gerais de ordem capitalista, particularmente em suas técnicas de produção e circulação – tudo conduz à uniformidade, pela universalização de valores éticos e culturais, como pela padronização do comportamento [...].

A imprensa apresentada nesse sentido, é utilizada como principal ferramenta para a difusão de ideias contrastantes com uma determinada estrutura política e econômica, a fim de influenciar os cidadãos a lutar pelos anseios de uma determinada época ou grupo social, mostrando que, através de estratégias de discursos, é possível lograr-se mudanças de uma determinada opinião.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO EM RUÍNAS: E AGORA, JOSÉ?

O Brasil, no começo do século XX, políticos, professores, intelectuais entre outros, buscavam novas medidas e propostas para diversos âmbitos da sociedade brasileira, ligados aos campos políticos, sociais, econômicos e educativos. Desta maneira, estas propostas e medidas levaram em consideração o contexto social, político e econômico de cada estado do Brasil, com o intuito de abranger determinadas práticas e costumes ligados ao cotidiano daquela localidade, com estratégias e práticas diferenciadas.

O enfoque deste trabalho perscruta, fundamentalmente, na trajetória profissional do professor José Baptista de Mello, interligado a um contexto histórico específico, de modo que, a partir de sua trajetória profissional e de vida, poderemos entender não apenas as singularidades de um sujeito, mas os anseios e expectativas de determinada época.

No prefácio do livro *O pequeno X – Da biografia à História*, Loriga (2011) nos alerta que mesmo que o contexto histórico influencie o indivíduo, existe nele a singularidade que o leva à mudança deste contexto, pois a sua contribuição particular pode levar a uma pequena mudança no seu contexto histórico e social.

A autora evidencia, em sua obra, uma expressão de Johann Gustav Droysen, em que $A = a + x$, em que o **A** seria o indivíduo e todas as suas características, formado por tudo que contém uma determinada época, ao passo que o **x** é a contribuição individual desse indivíduo naquele referido contexto. Portanto, o indivíduo seria aquele que influencia e que é influenciado por determinado contexto.

Neste aspecto, podemos perceber a importância de se retratar, historicamente, o professor José Baptista de Mello em seu contexto, pois, como os outros professores, ele também escreveu sobre a importância da Escola Nova para a Paraíba, mas se utilizarmos a equação acima $A = a + x$, a principal contribuição do José Baptista de Mello, se deu aos estudos e à divulgação gradativa da importância da modernidade pedagógica no estado da Paraíba, e o fez por perceber que tal modernidade não estava florescendo, tendo em vista que logo criou medidas para a mudança deste quadro.

Neste sentido, nos perguntamos: Quem era o professor José Baptista de Mello? Em que contexto local, social e histórico ele vivia? Qual era a sua visão de educação? Lembrando

que, toda a história de vida é interligada pelos paradigmas da época, influenciando ou defrontando seus pensamento ou ações. Como indica Loriga (2011, p. 99): “Na história, assim como na biografia nada jamais começa do nada, cada novo nascimento amalgama resíduos e fragmentos precedentes”.

A partir desse debate, descreveremos a história de vida e profissional do professor José Baptista de Mello, não com o intuito de apresentar o sujeito, mas com o objetivo de conhecer sua história de vida, evidenciando sua contribuição individual para a disseminação da modernidade pedagógica na Paraíba, conhecendo suas particularidades e evidências históricas.



Figura 1: José Baptista de Mello
Fonte: Fontes de Lima, 2010

Na imagem acima está retratado o professor José Baptista de Mello, que nasceu no dia 22 de dezembro de 1895 na Vila de Teixeira (atualmente município de Teixeira) no interior do estado da Paraíba. Filho de Juventino Ananias Baptista de Mello e de Elvira Xavier Baptista. Iniciou seus estudos no Estado de Pernambuco, continuando-o nas cidades de Campina Grande e na Parahyba do Norte, atual cidade de João Pessoa.

Terminado o estudo elementar, matriculou-se na Escola Normal da Paraíba, tornando-se professor normalista em 1917. Iniciou suas atividades como docente no Curso Dom Urico, situado na capital. Tornou-se posteriormente adjunto interino da primeira cadeira do sexo masculino da Escola Venâncio Neiva, localizada na capital do Estado.

Em 1918, após lograr aprovação no concurso para professor, trabalhou no Grupo escolar Thomás Mindello que era instalado na capital. Simultaneamente, também na capital, lecionava em três escolas noturnas como a 5 de agosto, Cardoso Vieira e Arruda Câmara. Por seu bem sucedido trabalho, foi convidado pelo governador do Estado a ser inspetor do ensino

em cidades do interior, fiscalizando as escolas Estaduais nas cidades de Piancó, Teixeira e Patos.

No começo do século XX, assim como em todo o Brasil, a Paraíba estava ansiando erradicar o mal do analfabetismo que assolava o estado. O professor estava ciente de que a maioria da população paraibana apresentava, na sua maioria, um baixo grau de escolaridade, e ainda que se dividida em dois grupos distintos: uma minoria, com grande concentração de renda, composta pela oligarquia, por fazendeiros e grandes comerciantes; e uma maioria que se encontrava nas margens dos posicionamentos políticos, com baixo grau de escolaridade e nível econômico. A maioria da população encontrava-se no meio rural, onde a economia estava basicamente atrelada no plantio do Algodão, principal renda do Estado e proporcionou, no primeiro decênio, um total de 7.729:000\$000, que na década de vinte acendeu para 14.268.000\$000.

Destaca-se que o crescimento e a mobilidade populacional refletiam os padrões de concentração de atividades econômicas mais dinâmicas nesses Estados (Paraíba, Ceará, São Paulo, Pernambuco entre outros). Tais atividades implicaram deslocamentos sucessivos e constantes da população que antes se encontrava nas áreas rurais que, depois, migraram para os grandes centros urbanos, como podemos observar na tabela 01, abaixo¹⁰:

Tabela 01: Distribuição Percentual da População do Estado e Regiões do Brasil no período de 1900 a 1939.

DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DO ESTADO E REGIÕES DO BRASIL			
Regiões	1900	1920	1939
Ceará	4,9	4,3	5,1
Paraíba	2,9	3,1	3,5
São Paulo	4,3	15,0	17,4
Minas Gerais	20,5	19,2	16,5
Pernambuco	6,8	7,0	6,5

Fonte: Fausto; Gomes, 1991.

A população se encontrava predominantemente nas áreas rurais, e só se deslocavam para as áreas urbanas quando representavam uma unidade específica de trabalho, envolvidos com a reforma de urbanização da cidade engendrados nas melhorias das instituições públicas e concepções higiênico-sanitaristas. Como descreve Cardoso (*apud* MONARCHA, 1999):

¹⁰ As informações do referido quadro foi tirado do livro “O Brasil Republicano – Economia e Cultura” (1930-1964), sob a direção de Boris Fausto, em que demonstra o percentual do deslocamento dos brasileiros das zonas rurais para as zonas urbanas. Em que o percentual seria a unidade que indica o valor absoluto da diferença entre porcentagens.

[...] uma concepção organizativa do espaço urbano, engendrada por uma política de urbanização consciente e explícita, envolvia a preparação das bases do esgotamento sanitário (água e esgotos), transporte de pessoas e mercadorias, iluminação, segurança pública, comunicação, reformas das instituições sociais e políticas públicas entre outras. O projeto para o espaço urbano implicava no estabelecimento de concepções higiênico- sanitárias. Pág. 13

O processo de urbanização no Estado da Paraíba, além do que foi mencionado, também teve forte relação com o desenvolvimento do algodão e com os primeiros passos da industrialização, que seguiu paralelamente ao novo ideário de educação, o qual procurava o desenvolvimento de suas estruturas físicas e metodológicas, as quais para se consolidar, era necessário preparar homens e mulheres modernos. Como define Pinheiro (2002, p. 149):

[...] Entretanto, os homens e mulheres (muito mais homens) “modernos” deveriam estar preparados para acompanhar o processo de modernização e atender às necessidades objetivas impostas por esses novos monumentos históricos na capital e nas cidades do interior do estado paraibano [...].

Neste contexto, a sociedade paraibana está centrada nos discursos e práticas da concepção de uma república tardia, na qual as práticas sociais são constantemente analisadas a partir de antigas práticas, alterando assim as suas finalidades, “caracterizadas por um processo sem-fim de rupturas e fragmentações internas e no seu interior” (HALL, 2006, p. 16). Embora demonstre uma divisão no seu cenário, elas seguem circunstâncias articuladas entre si.

Durante os primeiros anos da república, o Estado da Paraíba se motivou para um aspecto estrutural e de pensamento moderno na regência do político Camillo de Holanda, que governou de 1916 a 1920, e deu continuidade às obras progressistas de João Machado (1908-1912) e de Castro Pinto (1912-1916), dando nova paisagem urbana à Paraíba, interligada com uma nova política de urbanização que envolvia iluminação, segurança pública, transportes de mercadorias, políticas públicas entre outros.

Neste ínterim, a educação passa a ter novos significados e novas propostas. O principal objetivo no começo da década de vinte foi diminuir o analfabetismo, pois um Estado com mais de 40.000 habitantes, apenas 14.975 eram matriculadas em escolas, e sua frequência chegava apenas a 9.409. A partir desses dados, os diretores da instrução pública recomendavam aos políticos maneiras de melhorar a situação da educação.

Observamos isso na recomendação do diretor da instrução pública Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti que, em 1921, enviou um relatório para o presidente de Estado Sólon de Lucena em que solicitava a criação de imposto especial destinado exclusivamente à instrução pública; solicitação de um auxílio ao governo federal; animação à iniciativa particular para a fundação de escolas; prêmios aos professores pela alfabetização do ensino entre outros.

O modelo de educação primária que predominava na Paraíba era o das cadeiras isoladas. Com o desenvolvimento da cidade criou-se, em 1916, o primeiro grupo escolar (que são grupos de cadeiras isoladas), fato este que colaborou para o desenvolvimento da educação, pois fomentou lugares específicos para o ensino, com normas e métodos próprios; este desenvolvimento contribuiu para a disseminação de um novo método educativo, neste caso, a Escola Nova.

Neste momento, o professor José Baptista de Mello participou ativamente da Sociedade dos Professores Primários, na qual discutiam a educação escolar existente na Paraíba, trazendo professores para palestrar e discursar sobre os ideais modernizadores. Além disso, participou da criação do Jornal O Educador, que durante 11 meses colaborou com artigos sobre novos modelos de educação.

A partir de seu trabalho, o professor foi convidado pelo presidente de Estado Gratuliano de Brito, para ocupar o cargo de diretor do Ensino Público Primário no Estado da Paraíba em 1930, como diretor, tomou algumas medidas em favor do melhoramento da instrução, que, junto com a Sociedade dos Professores Primários, criaram as primeiras semanas pedagógicas com o intuito de levar as novas propostas da educação para o conhecimento dos professores paraibanos, cabendo destacar que os professores paraibanos tinham uma estreita relação com os de Pernambuco, que promoviam palestras entre os dois Estados, como afirma Pinheiro (2002, p. 25):

[...] É interessante registrar que a Sociedade dos Professores Primários da Paraíba mantinha, à época, estreita relação com educadores pernambucanos: professores eram convidados a proferir palestras nas Semanas Pedagógicas promovidas pelos dois estados, a publicar revistas destinadas ao professorado e a realizar frequentemente, à Escola Rural modelo de Tejipió, em Recife, onde vários professores públicos estagiaram. [...]

O desenvolvimento da renovação educacional paraibana, que teve seu reflexo mais marcante na década de 1930, quando as medidas tomadas por alguns interventores de Estado

junto às iniciativas e propostas do diretor da instrução pública, colaboraram para o desenvolvimento, não apenas da cidade, mas também da educação.

Os interventores da década de 1930 foram: Antenor Navarro, Gratuliano de Brito e Argemiro de Figueiredo, que colaboraram para o desenvolvimento e criação de alguns grupos escolares no Estado como, por exemplo, nos municípios de João Pessoa (1931), Campina Grande (1931), Areia (1931), Princesa (1931), Souza (1931) e Umbuzeiro (1931), tendo aumentado o número de Grupos Escolares com o passar dos anos.

Segundo Pinheiro (2002) no início da década de trinta finalizavam-se as construções das cadeiras isoladas e elementares nos municípios. O objetivo dessa proposta era a construção dos grupos escolares, aos quais, por determinação do Governo Federal, os municípios começaram a destinar 20% de seus impostos recolhidos para governo Estadual, o qual, por sua vez, destinava tais recursos para o desenvolvimento e a manutenção das instituições de ensino, esta medida colaborou para a unificação do ensino, pois a administração escolar, que era ministrada pelas prefeituras, encontrava-se sem controle e sem fiscalização, e muitas das obrigações não eram feitas por descaso deste órgão administrativo. A partir deste contexto, aboliram-se todas as escolas da prefeitura, ficando apenas sobre o controle do Estado o ensino primário.

A fiscalização técnica do ensino foi amplamente melhorada, com medidas mais severas tanto aos administradores de escolas como para os professores, submetendo os novos profissionais a exames e fiscalizações, além de incentivar o professorado ao melhor cumprimento de seu dever. O referido governo Antenor Navarro instituiu a Diretoria do Ensino Primário no lugar da Diretoria da Instrução Pública, com novos serviços para os professores, entrelaçados com programas de ensino modernos, inspirados na concepção da Escola Nova. Entre estas medidas, surgiu a criação da “Revista do Ensino”, que, por sugestão da Diretoria de Ensino, veio no decreto número 287, de 8 de junho de 1932, e foi o principal instrumento de difusão do novo ideário educacional paraibano, tendo como incentivador o professor José Baptista de Mello.

Destacamos que todas essas iniciativas que o professor José Baptista de Mello tomava em favor do ensino foram plausíveis, uma vez que esta modernidade de ensino estava sendo pouco utilizada nas escolas, como comenta Sizenando Costa, que era responsável pelo levantamento dos quadros das estatísticas educacionais da Paraíba. Ele menciona que a Escola Normal não acompanhava as mudanças que eram defendidas pelo movimento.

[...] A nossa Escola Normal é completamente autônoma, agindo em separado, sem nenhuma relação, nenhuma afinidade com os órgãos da instrução primária do Estado. A Diretoria do Ensino quer receber da Escola Normal os seus professores, não tem nenhuma interferência na formação da mentalidade dos mesmos que fazem a sua prática pedagógica no “grupo escolar modelo” também autônomo e muito separado do restante dos estabelecimentos do ensino primário do Estado, diferente do que acontece na Escola de Aplicação, anexa a Escola Normal Oficial de Recife.[...] ¹¹

Podemos perceber, na citação acima, que a Escola Normal do Estado da Paraíba, encontrava-se longe do que o departamento do ensino primário almejava para a educação paraibana. Na época, a modernização do ensino estava ligada ao ideário da Escola Nova, assim, tentou-se criar novas alternativas para melhoramento, uma delas foi a criação da Escola de Aperfeiçoamento de professores, que foi regulamentada pelo decreto de número 497, de 12 de março de 1934, sendo reconhecido como um dos principais esforços para a modernização da educação. Lemos no decreto: “Considerando que aos professores do Estado falecem meios para uma seriação regular de estudos superiores de ordem educativa e que a Escola de Aperfeiçoamento vem atender a uma necessidade premente de ensino”.

No ano de 1935, o Diretor da Instrução Primária José Baptista de Mello foi convidado por Argemiro de Figueiredo (1935- 1940) a conhecer as reformas educacionais dos principais centros urbanos, como Rio Janeiro, Distrito Federal, Brasília entre outros, a fim de fazer uma reforma na Instrução Pública Paraibana, que culminou no Decreto de 1935.

Este tinha, como finalidade iniciar uma mentalidade nova, de acordo com o espírito do regime implantado no Brasil, pois o antigo decreto de 1917 já se encontrava obsoleto naquele contexto. No decorrer da viagem, José Baptista de Mello refere-se em relatório do entusiasmo de estar conhecendo pessoas proeminentes, como Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Vejamos as palavras do autor:

[...] Ali [no Rio de Janeiro] tive a grata satisfação de me pôr logo em contato com o sr.dr .M.A.Teixeira de Freitas, Diretor Geral de Informações e Estatísticas do Ministério da Educação – espírito brilhante e senhor de uma das maiores capacidades de organização de que se orgulha o Brasil. O dr. Teixeira de Freitas, meu velho amigo, gentilmente prontificou-se a me apresentar a todas as autoridades superiores de ensino do Rio, com a solicitude e bondade do seu espírito patriótico. Assim é que tive o ensejo de

¹¹ Depoimento publicado no Jornal Diário da Manhã de Recife, publicado no Jornal União, em 10 de outubro de 1933.

conviver por largos dias com esses mestres admiráveis que são Anísio Teixeira, Lourenço Filho. [...] ¹²

No relatório, José Baptista de Mello fez a descrição do Instituto de Educação do Distrito Federal que era evidenciado por uma organização completa subdividida em quatro partes distintas: Escola de Professores; Escola Secundária; Escola Primária e Jardim de Infância. Organizado pelo processo didático moderno. Como indica na sua descrição no relatório.

a) Escola de Professores; b) Escola Secundária; c) Escola Primária; d) Jardim de Infância, mantendo perfeita continuidade de ensino. Está organizado como um sistema educacional completo, com oportunidade de educação em todos os graus. O mesmo aluno pode passar no estabelecimento, em seguidos, dezesseis anos: 3, no Jardim de Infância; 5 na Escola Primária; 6, na Escola Secundária; 2 ou mais na Escola de Professores. Essa circunstância devidamente aproveitada nas minúcias da organização, permite não só a observação continuada da criança e do adolescente, *nas fases de maior interesse para a educação escolar, e a experimentação com rigoroso controle dos resultados, dos processos didáticos modernos*, como também o arquivo de dados objetivos para o estudo do escolar brasileiro. (grifos nossos) ¹³

Assim, José Baptista de Mello com o conhecimento adquirido nesta viagem, acrescentou algumas medidas para as melhorias da realidade do nosso Estado, trazendo para o departamento de educação o espírito de modernização e renovação educacional. Assim, em decreto, a Assembleia Legislativa da Paraíba aprova a reforma da Instrução Pública no Estado através da lei número 16, que é sancionada por Argemiro de Figueiredo em 13 de dezembro de 1935. No dia seguinte, em entrevista ao jornal A UNIÃO, Mello proclama Argemiro de Figueiredo “benemérito da instrução pública na Paraíba”.

No referido decreto, além da criação de um Instituto de educação nos moldes preconizados por Anísio Teixeira no Rio de Janeiro, a reforma estabelecia uma carreira para os professores, transformação dos adjuntos para efetivos entre outros. Como destaca Mello (1996, p. 115):

¹²Citação tirada do texto O MALOGRO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA PARAÍBA (1930-1945) do autor Wojciech Andrzej Kulesza, publicado nos ANAIS do V Seminário de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), em 2001.

¹³ Relatório enviado ao Chefe de Estado, . Sr. Dr. Argemiro de Figueiredo, 24 de Julho de 1935.

[...] Além da transformação da organização de um Departamento que passaria a superintender todos os trabalhos, com suas divisões de Secretária, Inspeção Geral e Instituto de Educação, cada uma com as suas diferentes seções, visou também a reforma, como era de se esperar, oferecer novos estímulos ao professorado que passava a ter melhores vencimentos, igualdades de condições, direito a promoções **e possibilidade de elevar o nível dos seus conhecimentos técnicos e científicos.** [...] (Grifos nossos)

Podemos perceber, na citação acima, que a difusão de conhecimentos científicos e novas técnicas de ensino eram prioridade para a modernidade pedagógica, pois dava condições para professores e técnicos discutirem e aprofundarem seus conhecimentos, atrelados com formações continuadas e palestras de professores e intelectuais da época.

O professor José Baptista de Mello incentivou para a propagação desse ideário através de várias iniciativas, como: a criação da Revista do Ensino, semanas pedagógicas, publicações de artigos em jornais, escola de Aperfeiçoamento de professores e a colaboração do Decreto de 1935. A partir do que foi explanado, podemos perceber que José Baptista de Mello foi notoriamente o principal precursor da Escola Nova na Paraíba, buscando através da divulgação e estudos a modernização da instrução, impulsionando o entusiasmo entre os professores em favor da modernidade pedagógica no Estado da Paraíba, como assevera Pinheiro (2002, p. 186):

[...] Na Paraíba, um dos principais difusores dos ideais escolanovistas foi o professor José Baptista de Mello, um dos intelectuais mais sintonizados com as políticas educacionais implementadas de toda a era Vargas. Atento aos novos processos de ensino e preocupado em dar à escola uma feição mais prática e mais útil.

Como podemos perceber as contribuições de José de Mello, eram na sua maioria, voltadas para a feição prática e útil do ensino, atento às novas reformas e ideários de ensino, e suas contribuições são percebidas através de jornais, revistas e relatórios da época. Portanto, compreender a Escola Nova na óptica desse educador, é compreender não apenas uma concepção de ensino, mas as aspirações de uma época.

CAPÍTULO III

POR UMA NOVA ESCOLA: A REINVENÇÃO DE ESPAÇOS E SUJEITOS

Neste capítulo, analisaremos o método e os conceitos da Escola Nova, evidenciando seus objetivos, expectativas e interlocutores. Como o objeto de discussão do referido trabalho versa sobre a propagação deste método no estado da Paraíba, é necessário ter o conhecimento do que estava sendo propagado como inovação para a educação brasileira e das principais influências dos autores internacionais.

No começo do século XX, intelectuais e professores discutiam entusiasmadamente sobre o modelo de educação existente na época, denunciando que tal modelo não condizia em favor progresso e da modernização que o Brasil precisava, pois a população se encontrava com um grande número de analfabetos e o ensino não estimulava o aprendizado. Neste momento, alguns intelectuais e professores começaram a difundir um novo ideário de educação, ligado à nova concepção de ensino e novas práticas pedagógicas (Escola Nova), que pode ser entendida através dos discursos dos educadores.

No Brasil, de acordo com Saviani (2011), os principais responsáveis por teorizar este movimento foram: Lourenço Filho; Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Cada um desses educadores contribuíram com diferentes vertentes para o mesmo movimento. Por exemplo, Lourenço Filho contribuiu com as bases psicológicas, Fernando de Azevedo com as bases sociológicas e reformas de ensino e, Anísio Teixeira, com as bases filosóficas e políticas do movimento.

Destacar-se-á, primeiramente, o pensamento de Lourenço Filho,¹⁴ que, com sua experiência como professor de psicologia e pedagogia da Escola Normal, contribuiu para a difusão das bases psicológicas do movimento. Lançando, no ano de 1930, o livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* trata-se da primeira obra que esclarecia de maneira sistemática o movimento da Escola Nova, subdividindo-o em três abordagens: como a psicologia, biologia e sociologia.

Posteriormente, lançou os livros “As tendências da Educação Brasileira” (1940), “Educação Comparada (1961), o seu famoso livro *Teste ABC: para verificação da maturidade necessária à aprendizagem e escrita*” (1933). Além das traduções de livros como *Techno-*

¹⁴ Os dados biográficos do autor encontram-se no capítulo I deste trabalho.

Psychologia do Trabalho Industrial de Léon Walter. Demerval Saviani (2011, p. 206) assim descreve a importância do trabalho de Lourenço Filho para o desenvolvimento da Escola Nova:

Em suma, Lourenço Filho foi uma figura-chave no processo de desenvolvimento e divulgação das ideias pedagógicas da Escola Nova no Brasil. Por mais de cinquenta anos, desde que se formou, em 1914, pela Escola Normal Primária de Pirassununga, animou o ambiente pedagógico do país até sua morte, em 3 de agosto de 1970, no Rio de Janeiro, quando foi acometido de um colapso cardíaco duas horas antes de proferir palestra sobre sua obra no Ministério da Educação e Cultura.

Simultaneamente, outro intelectual de destaque é o jornalista e professor Fernando de Azevedo¹⁵, que buscou lançar as bases sociológicas e as reformas de ensino. Na condição de jornalista do Jornal “O Estado de São Paulo”, publicou diversos inquéritos sobre a situação da educação no Estado de São Paulo, publicado com o título de “A Instrução Pública de São Paulo”, sendo reeditado posteriormente com o nome de “A educação na encruzilhada”, de grande notoriedade também na educação.

Sendo assim, no ano de 1930, foi convidado para ocupar o cargo de diretor geral do Instituto da Educação no Distrito Federal, participando ativamente do papel da liderança e da organização do campo educacional, no qual manifestou a decisão de introduzir a disciplina de Sociologia no Currículo da Escola Normal, reconhecendo sua importância no âmbito educacional.

Como consequência publicou duas obras sobre a importância da sociologia na educação com títulos como Os Princípios da Sociologia (1935) e A Sociologia Educacional (1940). Além destes livros, outra obra que merece destaque é Novos caminhos e novos fins: a nova política de educação no Brasil – subsídios para uma história de quatro anos (1931), nesta obra fica claro o processo de reforma educacional do Distrito Federal, ficando explicitado sua escolha pela Escola Nova como movimento político educacional, no qual, para o autor, a Escola Nova se envolve em três aspectos: Escola única, Escola do trabalho e Escola comunidade.

Por fim, outro intelectual que merece destaque é Anísio Teixeira¹⁶, que buscou lançar as bases filosóficas e política para a renovação Escolar. Com o cargo de diretor geral da Educação no Distrito Federal, Teixeira possibilitou a criação do Instituto de Educação,

¹⁵ Os dados biográficos do autor encontra-se no capítulo I deste trabalho.

¹⁶ Os dados biográficos do autor encontra-se no capítulo I deste trabalho.

integrado com a Escola Normal, com a Escola de Jardim de Infância, e a Escola Primária, servindo de local para experimentação.

No decorrer de sua gestão, Anísio Teixeira fez contribuições significativas nas suas publicações: a filosofia pragmática de Dewey e Walter Lippman, posteriormente publicou “Educação para a democracia”: Introdução à administração educacional (1936) Educação não é privilégio (1957), Educação é um direito (1968), Educação Progressiva: Uma introdução à filosofia da educação (1933), em que enfatiza a sua posição no movimento, engatado no pensamento pragmático de John Dewey. Além das traduções de dois ensaios de John Dewey A criança e o programa escolar e Interesse e esforço, reunido no livro Vida e Educação (1930).

Era comum, nos discursos destes autores, a utilização do termo moderno para designar as mudanças que aspiravam para a educação. O termo moderno não era apenas utilizado por estes intelectuais para mencionar as mudanças na educação, mas era um termo comum utilizado pelos republicanos neste contexto, no sentido de reafirmar o período da Primeira República, em que exigia mudanças nos seus aspectos políticos e administrativos, levando em consideração o ideário de progresso, denominado pela palavra moderno, que implicava a noção de que todos os espaços devem demonstrar o que era moderno e o que era atrasado, como assegura Hoeller (2012, p. 133):

No Brasil nos anos de 1920, as argumentações e os discursos proferidos para (re) compor a nação, concorriam para um quadro ambivalente – talvez mesmo antagônico – entre o que se propunha como moderno e arcaico; o novo e o velho; progresso e atrasado; saúde e mazela; nação e “desnacionalização”; entre outros pares colocados em oposição.

No começo do século XX, esta visão do moderno circulava por todas as cidades do Brasil, como principal ferramenta de colocar todo o país nos eixos do novo regime republicano que até então se expandia. Neste sentido, era comum entre jornais, revistas e rádio, circular o ideário, vinculado aos conceitos de progresso, evolução, desenvolvimento e avanço. A função social da escola neste momento estava ligada à noção de se colaborar em favor deste novo regime republicano que estava em consonância naquela época, ela era uma das ferramentas para esse progresso. Desta maneira, a escola, como instituição educativa, também precisava se modernizar em favor do progresso do Brasil.

Lourenço Filho, em seu livro Introdução ao Estudo da Escola Nova, destaca duas razões da importância para a modernização da educação. Primeiramente, a escola deveria instruir, no aluno, uma certa soma de conhecimentos. Dessa forma, o aluno utilizaria o

conhecimento apreendido na escola para a sua vida cotidiana. A segunda razão remete ao fato de que a educação deveria adentrar na natureza da criança, levando em consideração seus aspectos biológicos e sociais, mediante uma pesquisa das necessidades reais de seu crescimento e adaptação social.

A educação neste âmbito era uma ferramenta importante para o desenvolvimento da modernização no Brasil, pois ela radicalizaria o analfabetismo, prepararia cidadãos para o trabalho, dava conscientização de higiene entre outros. O Brasil neste momento se encontrava em precárias condições de funcionamento administrativo e os cidadãos não tinham a consciência de um país republicano, pois a “República aparecia em ruínas, um simulacro gerador de dissídios mortais entre povo e governo” (MONARCHA, 2009, p. 86).

No começo do século XX, a população estava entregue ao mal do século, que era o analfabetismo, pois o número de analfabetos era amplo de acordo com o número de letrados, e com os passar dos anos, não havia ocorrido crescimento significativo, como podemos observar na tabela 02, abaixo:

Tabela 02: Número de Analfabetos entre 1872 e 1920

ANO	BRASILEIROS QUE SABIAM LER E ESCREVER	BRASILEIROS QUE NÃO SABIAM LER E ESCREVER
1872	1.564.481	8.356.997
1890	2.120.559	12.213.356
1900	4.448.681	12.989.753
1920	7.493.357	23.142.248

Fonte: Monarcha (2009)¹⁷.

Como podemos perceber, o número de analfabetos é assombroso de acordo com o número de alfabetizados, sendo visto como um problema nacional, pois o objetivo era colocar o Brasil no mesmo patamar das nações mais desenvolvidas. Neste sentido, o que o Brasil precisava era de mudanças emergenciais em suas bases, incorporando novos valores sociais e aplicá-los a todos os domínios da sociedade.

Específicos intelectuais, políticos, educadores entre outros, repensavam a sociedade brasileira, a fim de colocá-la no mesmo ritmo vivido pelos países da Europa e pelos Estados Unidos, que eram referência no processo de modernização. Assim, as propostas propagadas e defendidas eram interligadas no movimento renovador que afirmava a necessidade de

¹⁷ Informações tiradas do livro “Brasil Arcaico, Escola Nova – Ciência, técnica e utopia nos anos de 1920-1930” MONARCHA (2009).

modificar a escola existente, substituindo-a por uma nova escola, a fim de atender aos anseios da sociedade em desenvolvimento.

Neste âmbito, nos indagamos: Quais os princípios envolvendo essa nova concepção de escola? Quem a defendia e com quais objetivos? Essas são questões que colaboram ao entendimento desta nova escola que acompanhava uma tendência crítica e que fomentava uma revisão da instituição escolar existente naquela época, fundamentando-se na pedagogia moderna, com um novo olhar para relações entre professor(a) e aluno(a), os novos conteúdos, métodos objetivos entre outros, com o intuito de expor o fato de que a estrutura de educação vigente deveria ser repensada.

3.1 A ESCOLA NOVA E AS ESCOLAS NOVAS: ORIGENS E INFLUÊNCIAS INTERNACIONAIS

As correntes pedagógicas que circulavam no Brasil durante o as primeiras décadas século XX orientavam-se em uma dualidade no sentido de que uma se preocupava com os aspectos técnicos e, a outra, era possuidora de uma concepção do papel social da escola, que visava à adaptação do indivíduo ao meio social. As duas formas não eram antagônicas, podendo até ser complementares.

Esses tipos de pensamentos foram desenvolvidos por teóricos no final do século XIX; que começaram a estabelecer um movimento de vanguarda, inspirados nas descobertas da psicologia infantil e de sua relação com a vida adulta, que evidenciava a infância como uma idade pré-intelectual e pré-moral, na qual os procedimentos da mente se entrelaçavam com os procedimentos práticos de coordenação motora.

Neste momento, originaram-se várias Escolas Novas ou Escolas Ativas em vários lugares do mundo, cada uma com objetivos e anseios diferentes, mas a característica em comum entre estas escolas estava na experiência da manipulação dos objetos como método de aprendizagem, nutrindo uma ideologia democrática e progressiva, inspirada na ativação do ideário de um cidadão participativo na vida política e social. Influenciando todo o movimento de massas que via a escola como a emancipadora do seu estado social. Como assevera Valdemarin (2010, p. 88):

[...] Nas décadas iniciais do século XX, tanto nos Estados Unidos da América, como na Europa e no Brasil, educadores proeminentes criticavam a educação então existente e anunciavam mudanças na sociedade (em geral, decorrentes da urbanização, dos processos de trabalho e da organização

familiar) para justificar a necessidade de alteração nas finalidades e nos processos escolares. [...]

Os intelectuais desse período utilizavam proposições decorrentes da investigação educacional; atrelados a universidades, institutos de pesquisa ou escolas experimentais, suas principais contribuições são resultantes de ensaios científicos, isto é, os autores demonstravam suas observações em campos especializados a fim de evidenciar demonstrações mais concretas do método proposto, mostrando sua importância e contribuição, que abrangia não apenas a educação, mas também as mudanças sociais.

[...] Vagamente explicitadas, as mudanças sociais certamente se referem ao desenvolvimento do processo capitalista, a centralização da população e da economia em grandes cidades, com a consequente desigualdade das condições de subsistência e a proximidade da primeira guerra mundial. [...] (VALDEMARIN, 2010, p. 90)

Os principais experimentos dessas escolas novas começaram na Inglaterra por Cecil Reddie (1858- 1932), como assegura Cambi (1999). Reddie buscava assegurar um ensino que satisfizesse ao mundo moderno, para que isto ocorresse, era necessário que a escola fosse a imitação do cotidiano, estabelecendo em suas diretrizes não apenas a inteligência, mas toda a habilidade física e manual.

Na França, de acordo com Cambi, se esplendeceu como a parte mais madura do movimento na Europa que foi explanado e difundido através dos fundamentos teóricos de Roger Cousinet (1882-1973) e Célestin Freinet (1896-1966). O Roger Cousinet no volume intitulado “Um Método de Trabalho Livre para Grupos” (1925) expõe o seu método didático, demonstrando que a importância do desenvolvimento de um ambiente que fosse capaz de estimular e satisfazer a curiosidade e a socialização das crianças, apontando para os princípios de moral, autodisciplina e respeito. Enquanto Célestin Freinet (1896-1966) desenvolveu o método da cooperação, que se nutria das necessidades da criança, levando em consideração seus aspectos cognitivos, nos quais o professor tem por objetivo “orientar” essa experiência mediante um trabalho escolar, denominado sua concepção de “canteiro de obras”, no qual o trabalho resulta um clima de empenho e de colaboração.

Na Itália, desenvolveu-se a Escola Nova com a designação de Escola Serena, denominação criada por Giuseppe Lombardo Radice, que se inspirava em um ideal de escola família, com valorização nas atividades artísticas e espontâneas das crianças. Os representantes mais conhecidos são Maria Boschetti Alberti (1884- 1951); Rosa Agazzi Carolina (1870-1945) e Giuseppina Pizzigoni (1870-1947) que contribuíram em favor dessa experiência educativa como ideal de ensino.

Nos Estados Unidos, utilizou-se o termo escola e trabalho, denominado por Dewey em suas propostas pedagógicas. Trazendo o conceito de trabalho como principal importância para a vida prática do homem, consistindo como uma ferramenta para a educação e para o progresso do país.

No presente trabalho, destacaremos as propostas dos teóricos Decroly, Dewey e Montessori, que segundo Lourenço Filho, influenciaram diretamente vários professores brasileiros, que a partir de suas obras, ampliaram gradativamente a concepção da Escola Nova no Brasil, estimulados por concepções teóricas e práticas do movimento, embora os seus sistemas didáticos se apresentem diferenciados, eles têm características entrelaçadas entre si e principalmente por fornecerem alternativas de seu implemento nos demais países.

3.1.1 Jean Ovide-Decroly e os centros de interesses

O sistema didático de Decroly¹⁸ tem como proposta transformar o cotidiano escolar, através das intervenções de pesquisas ligadas a psicopedagogia, assegurando que a escola não deve unicamente educar o cidadão, mas que deve ser uma suplementação da educação familiar.

Seu método é configurado nos seus estudos sobre Psicogênese, que é um estudo que se preocupa com a gênese e o desenvolvimento mental das funções psíquicas no qual a principal

¹⁸ De acordo com Dubreucq (2010) [...] Jean Ovide Decroly, nasceu na cidade Rennaix na Bélgica. Frequentou a Universidade de Gand, se interessava pela medicina mental, atrelados aos fenômenos biológicos e mentais. Desenvolvendo pesquisas sobre doenças mentais e anatomia patológica do cérebro. Inicia em 1908 na Policlínica de Bruxelas, como assistente do serviço de neurologia, e se vê responsável pouco depois, pelo tratamento das crianças anormais e com trauma de linguagem. Confrontando com a miséria das cidades, Decroly descobriu o abandono humano, social e pedagógico no qual vegetavam seus pequenos pacientes. A escola popular os condenava quase sempre ao fracasso e à marginalização; ela estava longe de assegurar a prevenção pela educação. Sabendo deste descaso Decroly inaugura em 1901 o Instituto de Ensino Especial – Laboratório Psicológico do Dr. Decroly, em que ele atenderá pedagogicamente as crianças anormais da clínica. Decroly viveria nele pelo resto de sua vida – trinta e um anos – no meio da cidade, e depois a partir de 1910, em uma pequena propriedade do interior nas proximidades de Bruxelas.

preocupação está nas causas que podem alterar o comportamento humano. Seu estudo colaborou para a evidência de uma nova forma de perceber as crianças, mostrando que seu desenvolvimento cognitivo é diferente de um adulto. Como assegura Dubreucq (2010, p.19):

[...] A criança nasce como um “imenso material nervoso de reserva”, do qual somente as estruturas são hereditárias, enquanto que sua hesitação pelo meio assegura o seu funcionamento. Assim a atividade se constitui na chave do crescimento e a educação pode levar esta atividade em um sentido favorável, detê-lo ou dirigi-lo perversamente [...]

Decroly adverte que é, por ignorância do desenvolvimento cognitivo da criança, que o adulto (pais e educadores) frequentemente desconhece a potência e o interesse que ela tem pela aprendizagem, sendo manifestada pelo jogo, pela experimentação e pela imitação. A partir de seus resultados obtidos nas pesquisas, Decroly, afirma que a criança como um ser que percebe, pensa e atua, relacionando sua aprendizagem com o ambiente em que vive. Essa implicação expandiu o seu método educativo, pois a aprendizagem só poderia ocorrer se estivesse em interlocução com a realidade. Como assegura Valdemarin (2010, p. 92):

[...] Decroly denomina de processo global a relação de desenvolvimento e aprendizagem entre a criança e o ambiente, no qual, progressivamente, são encontrados os elementos que dão acesso ao pensamento analítico. Nesse processo, o interesse – sinal interno – e a curiosidade – sinal externo – comandam as necessidades e os sentimentos e podem levar a para diferentes direções [...].

Para Decroly, o interesse e a curiosidade deveriam ser a ferramenta principal da educação, pela qual o professor deveria utilizar, como base no seu método de ensino, a observação, expressão e experimentação, retirando os modelos de ensino ligados a exposições de oratória, por métodos ativos, intuitivos e construtivos.

O método de Decroly fundamenta-se no “Centro de Interesses” que, segundo ele, apenas a necessidade gera o interesse e só este pode levar ao conhecimento, atribuindo às necessidades básicas a determinação da vida intelectual. Decroly mostra como exemplo, que quando a criança está com fome, ela pede alimento e se não encontrar vai procurar até

satisfazer seu desejo, então, o interesse é voltado para a necessidade da criança em conviver e entender o ambiente em que vive. Vejamos nas palavras do autor:

[...] se a criança tem fome, se não encontra o quem deseja e não tem ninguém que o tire do apuro, pode ele mesmo ir em busca de um alimento, e para isso explorará atentamente os diversos lugares onde pode encontrar o alimento; se tem sono, acontecerá o mesmo: buscará um lugar conveniente para deitar-se; se experimenta a necessidade de proteger-se contra o frio, estará atento a tudo o que lhe permite aquecer-se ou abrigar-se. A curiosidade será, pois, sensorial e concreta (visual, auditiva, gustativa, olfativa, tátil, cinestesia, motora) ou intelectual e abstrata, conforme se trate de satisfazer um instinto, uma necessidade ou um sentimento de caráter mais ou menos elevado. (DECROLY, 1929, p. 73) ¹⁹.

Jean-Ovide Decroly diferentemente de outros autores, percorreu caminhos diversos em favor de uma nova proposta de currículo, e empenhou-se para tornar compreensivo a um número maior de pessoas “para que as disciplinas escolares sejam reconhecíveis na propagação no centro de interesses, a fim de facilitar sua aceitação por parte dos professores e suavizar a transição da renovação” (VALDEMARIN, 2010, p. 98).

O método didático de Decroly já estava sendo divulgado no Brasil no começo do século XX, o principal incentivador foi Lourenço Filho, que se posicionava em favor de estudo e aplicação desse método nas escolas brasileiras. Segundo ele, as ideias do educador belga já se consagraram como leis e regulamentos, buscando esses princípios para a prática, como assevera Mafra (2010, p. 60): “as experiências decrolianas já estariam ocorrendo, desde o início da década de 30, pelo menos, nos estados do Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Ceará”.

Embora a proposta decroliana tivesse sido amplamente divulgada no Brasil, não foi completamente aplicada. Acredita-se que tal fato decorra de dois motivos possíveis “a inexistência de obras traduzidas ao português e a ausência de uma proposta metodológica acessível aos educadores” Mafra (2010, p. 61), sendo traduzidas apenas duas obras a *Practita dos Testes: Techica de Psychologia Experimental aplicada à educação* – que era utilizada por professores primários – e a *Prática dos Testes Mentaes*.

Em relação às obras encontradas sobre o autor, precisamente aquela que analisa a aplicação do método decrolyano, só foi encontrada apenas uma obra intitulada “Os Centros de

¹⁹ DECROLY, Jean-Ovide. **O Problemas de psicologia y de pedagogia**. Madri: Francisco Beltrán, 1929. Coleção Educadores, 2010.

Interesse na Escola” escrito por Abner Moura, que circulava no Brasil. O livro além de contextualizar o educador, analisa a aplicação de seu método de ensino global em uma unidade escolar.

De acordo com Mafra, os trabalhos de Decroly no Brasil se revelaram de maneira tímida nos primeiros anos do século XX, no auge da Escola Nova, principalmente na prática educacional brasileira. Depois, poucos trabalhos acadêmicos foram escritos, levando ao esquecimento do trabalho desse educador, mas não devemos esquecer a importância de suas ideias, que também influenciaram de maneira indireta algumas concepções de educadores brasileiros, pois o principal princípio de Decroly é fazer as crianças observarem o mundo em que vivem e saber interagir com eles. Como assevera Mafra (2010, p. 63):

[...] Decroly era um espírito inquieto e continuamente curioso. Livros, fotos, áudios, filmes eram apenas estratégias de que lançava mão para a sua incrível capacidade observar, experimentar, propor, sem jamais ceder ao absolutismo das fórmulas. Por isso, ele próprio nunca sistematizou o “Método Decroly” [...].

Portanto, o método decrolyano encontrou dificuldades em sua aplicação no Brasil, pois, para a sua aplicação, eram necessárias salas de aulas especializadas, equipadas e um número de alunos menor, o que no Brasil praticamente não existia, pois além da má remuneração dos professores, não existiam recursos para especializá-los, e as condições socioeconômicas das crianças não facilitavam. Todo esse teorema não contribuiu para a sustentação do método decrolyano, mas suas propostas ainda hoje ainda são almejadas.

3.1.2 Jonh Dewey: Influências filosóficas e teóricas

O teórico que mais influenciou a Escola Nova no Brasil foi John Dewey ²⁰, seu sistema didático foi o mais radical e sistematizado, tendo como base central os interesses da

²⁰ De acordo com Westbrook (2010, p. 13) “Jonh Dewey nasceu em Burlington (Vermont), em 1859. Filho de comerciante, graduou-se na Universidade de Vermont, vinte anos depois e, após um breve período como professor na Pensilvânia e em Vermont, continuou seus estudos no Departamento de Filosofia da Universidade John Hopkins – primeira instituição nos Estados Unidos a organizar os estudos universitários com base no modelo alemão. Aí, sofreu influência de George S. Morris, um idealista neo-hegeliano. Ao obter o título de doutor, em 1884, com uma tese sobre a psicologia de Kant, que sucedeu na direção do Departamento de Filosofia, em 1889. [...] Após seu casamento com Alice Chipman, o influenciou na formação de suas ideias pedagógicas, fazendo-o interessar ativamente pelo serviço público. Durante os dez anos que passou em Chicago (1884-1904), Dewey elaborou os princípios fundamentais de sua filosofia da educação e começou a vislumbrar o tipo de escola que requeria estes princípios.”

criança ligada a vida e ao trabalho. Além de filósofo é atribuído a ele o título de maior pedagogo do século XX, como assevera Cambi (1999, p. 546):

[...] Dewey foi o maior pedagogo do século XX: o teórico mais orgânico de um novo modelo de pedagogia, nutrido pelas diversas ciências da educação; o experimentalista mais crítico da educação nova, que delineou inclusive suas insuficiências e desvios; o intelectual mais sensível ao papel político da pedagogia e da educação, vistas como chaves mestras de uma sociedade democrática [...].

John Dewey é conhecido por sua rica filosofia que perpassa o século XX, ligada em torno da “teoria da experiência” que ocorre na junção do sujeito com a natureza como intercâmbio ativo “que transforma ambos os fatores e que permanece constantemente aberto, já que é caracterizado por uma crise, por um desequilíbrio sobre o qual intervém o pensamento como meio de reconstrução do equilíbrio” (CAMBI, 1999, p. 547).

Caracteriza toda essa experiência com os princípios ligados à experimentação, generalização e hipótese. Seu marco central é a sua reflexão política, que gira em torno da democracia. A teoria educacional de Dewey está entrelaçada com sua filosofia pragmática,²¹ recebendo concepções em seu campo filosófico, político, epistemológico entre outros, sendo extremamente atenta aos problemas atuais da época. Um deles era o crescimento da indústria moderna.

A teoria de Dewey segue três pontos distintos; em que a prática se torna o principal instrumento de aprendizagem; ao das ciências experimentais que trabalhada as pesquisas experimentais nas crianças para recorrer ao centro do problema (ligada à psicologia e biologia), e finalmente, a importância da política para o desenvolvimento da formação de uma sociedade esclarecida nos modos modernos.

A principal contribuição didática de John Dewey está vinculada a didática de projetos, em que o interesse e a vontade trabalha em conjunto, sendo estabelecido através de objetivos propostos pelo projeto. Segundo Lourenço Filho, para Dewey o interesse é processo complexo:

[...] o interesse não pode ser assimilado a um simples artifício, pelo qual se tornem agradáveis as tarefas inadequadas aos níveis de desenvolvimento dos

²¹ A palavra pragmatismo vem do grego que significa prática. A filosofia de John Dewey é centrada nesta concepção, preferindo usar o termo instrumentalismo, por conta, de sua concepção está mais ligada mais experiência do que a prática, embora, a prática e a experiência andassem juntas.

educandos, sua experiência e recursos de direção própria. O que há a fazer é aproveitar as energias motivadoras de início dispersas, em formas que pouco a pouco possam integrar-se, seja por efeito daquilo que os alunos diretamente percebam, ou pelo menos que suas representações ou criações imaginativa ofereçam. [...] (LOURENÇO FILHO, 1978, p.201)

Para Dewey, a educação deveria preparar o cidadão para a vida, enquadrada numa perspectiva do ato problemático, levando a soluções do problema em ambiente real, no qual o projeto se insere “como um ato de pensamento completo, tem que exprimir uma situação da vida real.” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 205) visando à formação do raciocínio aplicado às realidades dos alunos, e não à informação inculcada na memória.

A escola para Dewey não deveria ficar alheia ao desenvolvimento da sociedade, ela deveria ser o instrumento para essa transformação, sendo trabalhada como uma sociedade em miniatura, adequando os cidadãos para as transformações sociais, promovendo o desenvolvimento da democracia, portanto, confiando, à escola, o papel de formar o homem democrático e desenvolver o nível de democracia de uma determinada sociedade, sendo necessário que coloque os métodos da ciência como o centro desta formação. Utilizando como método guia o fato de que “[...] cada processo de aprendizagem se relacione com toda experiência do educando, adquirindo um significado digno de consideração [...]” (CAMBI, 1999, p. 522).

Dewey defendia uma escola que deveria manter o labor teórico em concordância com as exigências da prática, como elemento essencial de todo o sistema educativo. Para tanto, conseguiu o apoio de vários ativistas da época. Em janeiro de 1896, abriram-se as portas da Escola Experimental da Universidade de Chicago.

Começando com 16 alunos e dois professores, em 1903, contava com 140 estudantes, 23 docentes e 10 assistentes. A maioria dos estudantes procediam de famílias de profissionais liberais e muitos eram colegas de Dewey. A instituição logo ficou conhecida como “Escola de Dewey” já que se restringia à psicologia funcional e à ética pragmática de Dewey.

As propostas de Dewey no Brasil foram propagadas por Anísio Teixeira, que resultou no livro “Aspectos Americanos de Educação” publicada em 1927, no qual relata o resultado de sua viagem aos Estados Unidos. Demonstrando o modelo de educação propagado naquele país, Teixeira foi motivado a realizar sua pesquisa de mestrado na Universidade de Columbia, a fim de aprofundar a investigação sobre a concepção de Dewey. Após seu retorno ao Brasil, traduziu dois ensaios do referido educador “A criança e o programa escolar e Interesse e esforço”. No ano de 1933, publicou um livro em que se declarava filiado à concepção de Jonh

Dewey, intitulado: “Educação progressiva: uma introdução ao estudo a filosofia da educação”.

Do pensamento de Anísio Teixeira, incorporado à concepção de John Dewey, resultou no ano de 1947, a criação de um centro educacional denominado Centro Educacional Carneiro Ribeiro ou simplesmente a Escola Parque, que representou a concretização do pensamento de Anísio Teixeira com relação a uma escola integral capaz de preparar os indivíduos para participarem plenamente da vida social e econômica da sociedade.

3.1.3 Maria Montessori: Em busca de uma educação libertadora

Neste contexto da Escola Nova, Maria Montessori ²², ocupa papel de destaque pelas novas técnicas introduzidas nos jardins de infância e nas primeiras séries do ensino formal, seu sistema didático consiste em restaurar a “ciência da observação”, embora, já tenha sido pensada com competência mais importante por Rousseau.

Montessori ressalta um novo tipo de educador, em que, no lugar de utilizar palavras, ele deveria aprender com o silêncio; no lugar de ensinar, ele deveria observar o comportamento da criança; no lugar de se revestir de arrogância da sua posição de professor, deveria se revestir de humildade.

Os conceitos bases do sistema didático Montessoriano estão na atividade independente, pois a aprendizagem só ocorre na realização individual, não por conta do ensinamento do professor. Em outro contexto, chegou a introduzir a ideia de autocriação que se “aplicava não somente à percepção sensorial e o intelecto, mas também à coordenação de todos os aspectos humanos do desenvolvimento da personalidade” (RÖHRS, 2010, p. 27).

Considerando esse âmbito, o conceito fundamental de seu sistema é interligado por espírito absorvente, que é a capacidade da criança absorver tudo o que está a sua volta. Sendo assim, tudo para a criança é um aprendizado permanente, resultando muitas vezes a chamar as crianças de embriões intelectuais, pois se as crianças estão engajadas em um processo de desenvolvimento intelectual e físico, eles devem ser trabalhados juntos.

²² De acordo com Hurmann Röhrs (2010) Maria Montessori nasceu na Itália em 1870, foi a primeira mulher de seu país em diplomar-se em medicina, dedicou-se seus estudos e ao tratamento de crianças anormais. Constatou que a questão primordial para o desenvolvimento das crianças anormais estava mais no atendimento pedagógico e não clínico. E começou a inspirar seu trabalho nas pesquisas em médicos franceses como Bournville, Itard, Séguin e Diderot. Movida pela experiência que tinha adquirido na clínica em contato com as crianças, Montessori começou a dedicar-se aos problemas educativos. Iniciou-se os estudos de pedagogia e ocupou-se na modernização de um bairro pobre de Roma denominado de San Lorenzo, encarregando-se na educação de crianças, fundando a casa das crianças denominada de Casa dei Bambiri, lugar em que as crianças podiam aprender a conhecer o mundo e a desenvolver sua aptidão para organizar sua própria existência.

Embora as informações sobre a disseminação da teoria de Montessori se demostre escassa, ainda se encontra informações no livro de Gersolina Antonia Avelar denominado *Remoção Educacional Católica: Lubienka e sua influência no Brasil* (1978), como também vestígios no livro *a Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1929).

Segundo a autora Avelar (1978), em meados de 1915, o Dr. Miguel Calton Dupin e Almeida, já divulgava o sistema educativo montessoriano nas escolas públicas brasileiras, além de proferir palestras como exemplo: *As promessas e os Resultados da Pedagogia Moderna*, e lançar a obra *A pedagogia Cientifica: A Descoberta da Criança* em 1924.

Em 1935, Carolina Grossamann fundou a primeira Escola Montessoriana no Brasil, denominada Jardim Escola São Paulo, sendo implantado no Estado de São Paulo, incorporado em um sistema educativo privado, por conta das despesas do material didático e aperfeiçoamento de professores, aderindo ao Estado um custo alto.

[...] Divergindo de seu proposito inicial, a disseminação do método montessoriano no Brasil se fez efetivamente na rede privada e para as classes mais abastardas. Podemos nos deparar, indo pelos bairros mais aquinhoados das grandes cidades, com escolas de educação infantil e primeiras séries do ensino fundamental que trazem o nome de Montessori ou indicam, em letras garrafais que nelas o ensino se desenvolve no método montessoriano. [...] (ALMEIDA; ALVES, 2010, p. 42).

Portanto, essas novas concepções, além de influenciar a elite intelectual brasileira foram também amplamente divulgadas e empregadas no Brasil para trabalhar interligadamente com a modernização da educação, caracterizando-se como formas de expressão que predominaram na educação brasileira a partir do começo do século XX, o que gerou um projeto-documento, que buscava, em seu objetivo, uma transformação no ideário de educação existente.

CAPÍTULO IV

UMA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO: CIRCULAÇÃO DE NOVOS SABERES NOS DISCURSOS DO PROFESSOR JOSÉ BAPTISTA DE MELLO

O principal objeto de discussão do presente trabalho está fundado em analisar a circulação do ideário da Escola Nova no estado da Paraíba, através dos discursos do professor José Baptista de Mello, tendo em vista que o referido professor fora um dos pioneiros a tratar do assunto neste estado, colaborando para a sua propagação na imprensa paraibana. Com seu cargo político de prestígio que, na década de trinta era o de diretor do Ensino Primário, contribuiu para que outros professores tomassem o novo método de ensino como respeitável e valoroso, surgindo o interesse de também publicarem seus discursos sobre o tema nos jornais.

As publicações dos discursos desses professores são vistos como um elemento de mobilização social na construção do projeto educacional moderno na Paraíba e, para compreender seus objetivos e anseios, foi necessário adentrar nos discursos publicados na imprensa, pois a sua propagação ocasionaria, para o professorado paraibano, o conhecimento e uma provável apropriação sobre a reforma de ensino conhecida como Escola Nova.

A argumentação sobre a importância do novo método de ensino, encontrada nos discursos dos professores reformadores, permitiram identificar os tipos de propostas de educação que almejavam e que estratégias tinham os envolvidos no debate, as posturas assumidas por eles, como se expressavam com o elemento de transição entre a “velha” forma de pensar humanística e o “novo” do cientificismo, expresso através do positivismo. Este trabalho de discursar ou conversar sobre determinado assunto, é denominado por Certeau (2014) como uma prática transformadora, em que a circulação de determinadas ideias passa a ser de ninguém específico, mas cria espaços de discussões a fim de consolidá-los. Como explica Certeau (2014, p. 49);

A arte de conversar: retórica da conversa ordinária são práticas transformadoras “de situações de palavra”, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém. A conversa efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis”[...]

Esta prática de discursar sobre um novo ideário de educação dentro dos jornais foi utilizada com o intuito de circular e fazer conhecer este novo conhecimento, para que pudessem construir pontes para novas sensibilidades e pensamentos, que, por meio da colaboração intrínseca do governo do Estado, visassem a implementar medidas de um novo projeto de educação que incluísse, harmonicamente, parcelas da população que se encontravam excluídas, com intuito de prepará-los não apenas para uma aprendizagem humanística, mas também para a vida e para o trabalho.

Os reformadores da educação paraibana eram professores e intelectuais da capital, na sua maioria eram ligados a partidos políticos, diretores ou professores das principais escolas, que, além dos seus cargos de prestígio, escreviam em jornais e em revistas. Destacamos nomes como: João Vinagre; Manuel Vieira Junior; José Baptista Leite de Araújo; José Geraldo Vieira; Argentina Pereira Gomes; José Baptista de Mello entre outros.

Para este trabalho, destacaremos os discursos publicados nos jornais do professor José Baptista de Mello, que, conforme os conteúdos de seus discursos para esta dissertação, trabalhou em favor da divulgação e de uma possível consolidação de determinado ideário de ensino para a Escola Nova com o objetivo de configurar novas sensibilidades nos professores para o conhecimento das novas técnicas de ensino e de aprendizagens, publicando, nos principais jornais do Estado, matérias sobre um novo ideário de educação denominado de Escola Nova, sendo encontrados no jornal A União três títulos: A Escola Nova, A Escola Nova – Systema Decrolyano, A Instrução Primária da Paraíba e o Relatório dos Representantes da Paraíba ao 6.º Congresso Nacional de Educação e no jornal A Imprensa VI Congresso Nacional de Educação.

Do ponto de vista técnico, a imprensa²³ constitui uma fonte riquíssima não apenas de informações, mas também para o entendimento dos anseios de determinadas épocas, em que um pesquisador atento buscará através desta fonte um conhecimento mais aprofundado de uma época, de um grupo, de uma dada sociedade, buscando apreender as tramas, as atitudes, as crenças e as tradições inerentes às práticas e às representações cotidianas dos modos de vida da realidade investigada, e, nas suas entrelinhas, oferece uma nova versão dos fatos.

Destaca-se que a principal fonte de pesquisa para este trabalho é a imprensa da década de trinta que é denominada, por Tânia Regina Luca, de “A Grande Imprensa” por ela ter um caráter diferenciado das décadas anteriores, pois, com o desenvolvimento da impressão, o

²³ O termo Imprensa é referido neste trabalho apenas aos Jornais e revistas que era mais difundido no começo do século XX.

acúmulo de anúncios e de publicações diárias contribuíram para o seu aspecto renovador, além de incentivar o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, disseminando a instauração do regime republicano, o ideário de reformar o ensino, o letramento, o crescimento do café, e o setor de serviços entre outros, como destaca Luca (2013, p. 150):

[...] Esse amplo rol de transformações, aliado aos artefatos modernos e aos novos meios de comunicação que invadiam o cotidiano – carros, bondes elétricos, cinema, máquinas de escrever, fonógrafos, publicidade e, nos anos 1920, o rádio – delineavam tanto uma paisagem marcada pela presença de objetos técnicos como configuravam outras sensibilidades, subjetividades e formas de convívio social. Eficiência, pressa, velocidade e mobilidade tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano, e a imprensa tomou parte ativa nesse processo de aceleração [...]

O desenvolvimento da imprensa no Brasil ocorreu tardiamente, surgindo propriamente no século XVII nos países da Europa e somente no século XVIII que surge, nas Américas inglesas e Espanholas, com o desenvolvimento das tipografias impressas. No Brasil, seu desenvolvimento ocorreu com a chegada da corte portuguesa e a instalação da impressão régia. Os impressos brasileiros nesse primeiro momento seguiam os parâmetros religiosos, políticos e morais, cedendo a uma censura prévia que era exercida pelo poder civil (Ordinário e Desembargo de Paço) e pelo eclesial (Santo Ofício).

Nos jornais eram divulgados vários relatos da sociedade que tinham correlação com os acontecimentos que ocorriam na cidade. Nesse ínterim, vários grupos políticos, baseados em interesses incommuns, utilizavam a imprensa como forma de difundir suas concepções ideológicas. É dentro desse contexto que a imprensa aparece como ferramenta de difusão de certos ideários, “sendo marcada por vozes, gestos e palavras”, como destaca Marco Morel (2013, p. 26).

A imprensa no século XX é caracterizada por inúmeras inovações, diferentemente dos séculos anteriores, se passou a publicar edições diárias dos últimos acontecimentos e das novas demandas da vida urbana, enriquecida por uma gama de anúncios e enormes gráficos, trazendo, além das notícias cotidianas, vários artigos sobre assuntos recorrentes do tempo da república, como educação, governo, voto das mulheres, modernização entre outros.

Destaque-se que os principais jornais do século XX eram enriquecidos por matérias sobre educação, escritas por professores e intelectuais que denunciavam os prejuízos da educação existentes naquela época, trazendo para discussão os novos modelos de ensino que estavam ocorrendo fora do país, como exemplo, o inquérito sobre educação publicado em

1926, redigido por Fernando de Azevedo, as edições e publicações da revista *Escola Nova*, nos anos 1930 e 1931, o Manifesto dos Pioneiros 1932 entre outros. Os intelectuais e professores utilizavam essa estratégia com o fim de gerar novas sensibilidades e práticas no cotidiano da profissão docente.

Na Paraíba não foi diferente, vários intelectuais e professores, a exemplo de José Baptista de Melo, utilizaram a imprensa como forma de dar visibilidade ao novo ideário de educação, que, através de seus discursos escritos, conseguiram divulgar os preceitos da *Escola Nova*, escrevendo nos principais jornais do estado como, por exemplo: *A União*; *A Imprensa*; *O Educador* entre outros, alguns de caráter mais filantrópico e outro de caráter oficial. Entretanto, divulgar as informações sobre a *Escola Nova* apenas nos jornais não era de interesse destes educadores, era necessário ter um mecanismo de informação que pudesse tratar o assunto de forma especializada, para isso utilizaram, como ferramenta de divulgação, a revista.

Este veículo de informação denominado de *revista* é bastante diferente dos Jornais; o primeiro é voltado para as publicações dos acontecimentos recorrentes do dia-a-dia, enquanto, para as revistas, fica o objetivo de analisar com profundidade as bases de ideias ou opiniões, sendo um espaço para discussões sobre um determinado tema específico, interligado a determinados valores e interesses. Como destaca Cohen (2013, p. 105)

O desdobramento do setor traduziu-se também na diferenciação entre jornais e revistas: ao primeiro, normalmente diário de vespertino, caberia a divulgação da notícia, o retrato instantâneo do momento, abrangendo desde as disputas políticas até o descarrilamento do trem do subúrbio. A revista reservar-se a especificidade de temas, a intenção de aprofundamento e a oferta de lazer tendo em vista diferentes seguimentos sociais: religiosas, esportivas, agrícolas, femininas, infantis, literárias ou acadêmicas, essas publicações atendiam a interesses diversos, não apenas como mercadorias, mas ainda como veículos de valores, ideias e interesses.

Diferentemente dos jornais, as revistas são um veículo de informação bastante atraente ao leitor, uma vez que ela é composta por papéis mais duráveis, com gráficos mais coloridos, utilizando ilustrações variadas, de leitura fácil e agradável, a fim de não ter apenas um caráter comercial, mas destinada a público específico, como forma de incentivar variados conhecimentos e interesses.

Existia, no Brasil, uma grande variedade de revistas, com gráficos bem ilustrados e discutindo inúmeros temas, publicando muitas delas informações, comentários, entrevistas, resenhas, opiniões entre outros, dos mais variados temas. Cabendo destacar a existência de

várias revistas que incorporam este universo, com temas sobre ciência, religião, política, educação, esporte, dentre outros. O século XX é denominado por Tania Regina Luca como os “tempos eufóricos” para esta modalidade de informação, que foi marcado pelo surto de criação de variadas revistas no Brasil, com inúmeros temas, imagens e especialidades, a fim de seduzir o leitor, como exemplo: O Cruzeiro (1928), que já utilizava a imagem e a reportagem como uma unidade intrínseca.

Na Paraíba, as primeiras revistas foram publicadas a partir 1850, entre elas, havia uma revista intitulada Alva (1850) que possuía uma natureza literária. Sequencialmente, no século XX foram surgindo outras revistas com os nomes A Phillipéia (1905), Boletim Eclesiástico (1906), Revista do Instituto Histórico Geográfico (1907), Boletim da Agricultura (1910), Era Nova (1921) entre outros. Na sua maioria seguiam os temas de interesse desses determinados grupos, uns religiosos e outros ligados à política, à sociedade, à educação entre outros.

Sendo assim, foram surgindo, com o passar dos anos, várias revistas com interesses diversos. Na década de trinta se destaca a *Revista do Ensino*, que, por iniciativa do professor José Baptista de Mello, divulgava os métodos modernos de educação, através da publicação de seus relatórios e matérias sobre educação, e também dos trabalhos de professores inspirados no novo ideário, sendo de relevante contribuição para a educação no Estado da Paraíba, como destaca Araújo (1986):

A REVISTA DO ENSINO teve grande importância para o desenvolvimento da Educação na Paraíba, na medida em que divulgava os trabalhos de professores, **inspirados nas técnicas mais modernas que iam surgindo, de acordo com o pensamento dos filósofos e experts da área.** A difusão dos métodos educacionais, dos conteúdos programáticos e das reivindicações pró-escola, eram pontos evidenciados na Revista, daí a grande contribuição para a educação na Paraíba. (ARAÚJO, 1986, p. 152). Grifos nossos.

A revista tinha como principal incentivador e administrador o professor José Baptista de Mello, que colaborou efetivamente nas escolhas dos temas que eram publicados na revista, como higienismo, Escola Nova, ensino rural, caixas escolares e entre outros, tendo como colaboradores professores como: Argentina Gomes; Matheus Oliveira; Alice de Azevedo; Osias Gomes; Monsenhor Pedro Anísio; Severino Patrício; Ma. Paulina dos Santos Coelho; Eurydice Salles; João Baptista Leite; Mario Gomes; Joaquim Santiago; Aída Dias; Eudésia Vieira; Alcides Lima; João Vinagre; Beatriz Ribeiro; Maria Amália Souto Maior; Sylvia Pessoa; Sizerano Costa; dentre outros. Os referidos professores enfatizam em suas matérias o entusiasmo de se tratar e de se trabalhar com o ensino moderno, também enfatizando a

colaboração do referido professor Mello nesta iniciativa. Como relata o professor Matheus Oliveira na sua matéria “O Ensino Moderno” publicado na referida revista.²⁴

O desenvolvimento da instrução escolar em nosso país trouxe a adopção de novos methods e processos pedadagogicos, que se estão processando através de algumas dificuldades, que não devem intimidar os encarregados de sua direção.

Apezar de pertencer a uma geração de professores antigos (sou o decano da Escola Normal), **veio satisfeito e animado das praticas mais perfeitas arrancará com esplendido resultado o nosso povo** tremedades de uma cultura incompleta e superficial para a aquisição segura de conhecimentos vantajosos, suficientes e bem alicerçados, que melhor hão de preparar a mentalidade dos professores do Brasil de amanhã. [...]

[...] **Não quero encerrar estas linhas, ligeiramente escriptas para attender a um delicado convite do ilustre diretor do Ensino Primario, prof. José de Mello**, sem renovar a minha solidariedade á obra ingrata e patriótica dos professores paraibanos que em nosso meio escolar, nesta hora decisiva da nacionalidade, se estão esforçando para implantar o ensino moderno [...] 1932, pág. 08. (Grifos nossos)

Nesta revista, não eram divulgados apenas os trabalhos de professores paraibanos sobre novos métodos de educação, mas também de diversos professores de outros Estados, a saber: José Vicente Barbosa, de Pernambuco; Maria do Patrocinio S. Leite, de São Luís do Maranhão; Alzira Breuel, de Recife que cederam seus discursos da Semana pedagógica²⁵ para que fossem publicados na Revista do Ensino, com a finalidade de levar informações para aqueles professores que não tiveram condições de participar das referidas palestras. Como enfatiza a pernambucana Alzira Breuel em matéria publicada na Revista do Ensino, demonstra o entusiasmo dos professores paraibanos na aprendizagem dos novos moldes de ensino, não ficando resguardada, mas seguindo avante na procura de sua aprendizagem.

[...] Se Pernambuco tem ingressado sem alardes e com certo brilho nos domínios magníficos da Escola Nova, **a Paraíba pequenina e heroica, que nos tem dado as mais belas lições de civismo, não ficou na retaguarda e ao nosso lado como irmã carinhosa e bôa que é, caminha avante**, levada pelo seu desenvolvimento material e sobretudo mental.²⁶[...] 1933, pág. 31. (Grifos nossos).

No entanto, nos perguntamos: todos os professores adquiriam a referida revista? A resposta foi encontrada no número dois da Revista do Ensino, em julho de 1932, em que foi

²⁴ Revista do Ensino, abril de 1932, n.º 471

²⁵ A semana Pedagógica foi criada por José Baptista de Mello, com fins de abarcar os professores nas inovações que estavam ocorrendo em outros Estados.

²⁶ Revista do Ensino, julho de 1934. N. 10 Ano III.

publicado um decreto datado de 18 de maio de 1932, determinava que a Revista do Ensino era órgão oficial da diretoria de Ensino Primário do Estado e que tornava obrigatório todos os professores do magistério obter a assinatura da revista, uma vez que o valor era debitado diretamente no salário dos professores, como assegura o decreto:

Art. 1.º Fica oficialmente creada a Revista do Ensino como orgam da Diretoria do Ensino Primario do Estado.

Art. 2.º A Revista do Ensino cuja publicação se fará trimensalmente nas oficinas da imprensa Official, além da matéria de redação a colaboração que deverá versar sobre assumptos de ordem technica e profissional pedagógicas, publicará todos os actos officiaes referentes ao Ensino Primário e normal do Estado e dados estatísticos sobre a Instrução Pública e Particular.

Art. 3.º Será obrigatório para todos os funcionários do magisterio primario e normal a assinatura da Revista do Ensino no mediante a contribuição de seis mil réis (6\$000) anual, para em prestações semestraes de três mil réis (3\$000);

Art. 4.º A prestação semestral será descontada em folha pela repartição pagadora.

A partir do que foi apresentado, percebemos que o professor José Baptista de Mello, procurou lançar novas iniciativas em favor da divulgação de um novo ideário de educação, que através desta revista pudesse preparar e expor para os professores paraibanos o método e a importância da Escola Nova, como maneira de impor nas escolas os seus preceitos. Como destaca o professor José Baptista de Mello.

Ao professorado do interior era mistér inteirar das innovações que dia a dia enriquecem a pedagogia. Fundou-se a Revista do Ensino, com assignatura obrigatória, e que vae produzindo excellentes resultados, com o intercambio espiritual dos que se dedicam á sublime missão de ensinar. Ante, pois, tão avantajados emprehendimentos, era natural que as nossas escolas tomassem outro rumo e que a consciencia da Parahyba as comprehendesse melhor.²⁷ (Grifos nossos)

Era comum na Revista do Ensino, serem publicadas matérias das mais variadas como forma de alcançar a aprendizagem sempre utilizando títulos com adjetivos de moderno, centro de interesse, escola nova, psicologia experimental entre outros. Como podemos ver os exemplos dos títulos de artigos publicados na revista, e seus respectivos autores: A Escola e a Psychologia Experimental – Prof. João Vinagre; O Ensino Moderno – Dr. Matheus

²⁷ Citação retirada do texto A instrução Primaria da Paraíba, texto proferido por José Baptista de Mello na 3.º reunião do Rotary Club, e posteriormente publicado no Jornal A União, no dia 12 de março, anno XLI, n.58, domingo, p.5, 1933.

d'Oliveira; Interesses Pedagogicos – Mons. Pedro Anisio; Novos Destinos – Prof. Alcides Lima; Escola Nova e o Professor – Ezilda Milanez; Pela Instrução Popular – Matheus de Oliveira, dentre outros.

Os títulos dos artigos publicados nesta revista referem-se aos adjetivos moderno, ativo e científico, como maneira de apresentar ao professorado paraibano um novo modelo de ensino, sempre nutrido pelo diretor da revista, o professor José Baptista de Mello, e que preconizava, nestas novas técnicas, a única maneira de libertar o aluno para uma ação construtora e livre. Assim ele destaca, em uma entrevista publicada na revista (1931, p. 7):

[...] Teoricamente, senhores da nova técnica pedagógica, afagávamos sempre um sonho de reforma que se baseasse na abolição dos antiquados processos da escola clássica. **Reconhecíamos a eficiência de identificar a alma do aluno com a pessoa do mestre por meio da escola ativa, nem sentimento único de liberdade, amor e ação construtora, colunas básicas em que se assenta a grande abobada do ensino progressivo.**[...] (Grifos nossos).

Vários artigos fazem referência aos anseios republicanos da época trazendo uma nova expectativa e desejo de mudança, que foi tão difundido na década de trinta, como, por exemplo: Cultura Estética de Mario Gomes; Novos Destinos do Prof. Alcides Lima; O Ensino Moderno de Mateus de Oliveira; Cinema Educativo de Dr. M. Florentino entre outros. Como já foi mencionado, além de seus artigos especializados, as revistas deveriam ser adquiridas por todos os professores, como forma de tentar implantar a Escola Nova nas escolas.

O professor Mello utilizou os jornais e revistas como estratégia para influenciar novas sensibilidades em favor da modernidade pedagógica, solicitando com que outros professores escrevessem sobre o assunto, para que ele não fosse o único a difundir a ideia, e também para mostrar, a outros professores, que o ideário era significativo. Portanto, o referido professor utilizou a linguagem produzida nos seus discursos como forma de difundir os preceitos de um novo ideário. Como destaca Certeau (2014 p. 89):

Os conhecimentos e os simbólicos impostos são o objeto de manipulações pelos seus fabricantes. A linguagem produzida por uma categoria social dispõe do poder de estender suas conquistas às vastas regiões do seu meio ambiente, “desertos” onde parece não haver nada de tão articulado, mas se vê prisioneira nas armadilhas de sua assimilação por um *maquis* de procedimentos que suas próprias vitórias fazem invisível ao ocupante.

O sucesso da circulação da ideia feita pelo professor Mello foi abrilhantada nas páginas da imprensa paraibana, utilizada meritoriamente como mecanismo de se fazer circular um novo ideário de educação, que iremos detalhar no próximo subtítulo do presente capítulo.

4.1 MAQUINARIAS DISCURSIVAS: A ESCOLA NOVA NA PARAÍBA NO DISCURSO DE BAPTISTA DE MELLO

Bardin (2011) define o trabalho de um pesquisador como um arqueólogo, em que ele procura nos vestígios uma maneira de descobrir ou suscitar sobre determinado tema, pois para ele os vestígios são as manifestações de estados, de dados ou fenômenos, em que, para se descobrir, é necessário interpretar as descrições ou mensagens que se manipulam. É neste aspecto que se detém o pesquisador que trabalha com a fonte jornal, no qual há vestígios sobre determinado tema ou pensamento, a fim de compreender o todo a partir de um macro contexto.

O contato com a fonte jornalística, principalmente da década de trinta no Brasil, nos leva a um universo de transformações, em que encontramos fotos, páginas com opiniões, disputas políticas entre outros. O jornal *A União*, do Estado da Paraíba, neste momento estava manifestando toda a sua melancolia pela morte do presidente de estado, João Pessoa, e em suas páginas amarelas, sentimos todo o sofrimento daquelas tristes matérias.

Porém, em meio a um grande evento histórico,²⁸ como a morte de João de Pessoa, encontramos, a partir de 1931, algumas matérias sobre educação, fazendo referência a um modelo de educação específica denominada, pelos educadores, de Escola Nova. Foi encontrada pela primeira vez, no Jornal *A União*, uma matéria denominada “A Escola Nova” no ano de 1931. Após esta publicação, começaram a aparecer, de forma mais expressiva, outras matérias sobre este tema nas páginas do referido jornal.

A primeira matéria denominada de A Escola Nova foi redigida por José Baptista de Mello, que é considerado, por alguns pesquisadores, um dos principais difusores da Escola Nova na Paraíba. O professor é aclamado pelo seu famoso livro *A Evolução do Ensino na*

²⁸ A morte de João Pessoa é atrelada como um acontecimento histórico, que ligado a Aliança liberal como Vice do candidato a presidência da república, sua morte tornou-se um evento nacional, em que o referido candidato a presidência da república, o Vargas, fez de sua morte uma estratégia política.

Paraíba, citado em inúmeros artigos e dissertações que tratam do tema história da Educação.²⁹.

Para analisarmos o *corpus*, utilizaremos, como método de pesquisa, a análise do conteúdo, a fim de investigar suas sensibilidades e influências teóricas da década de trinta, procurando compreendê-lo no seu contexto histórico. Enfatiza-se que a análise de conteúdo não tem interesse na descrição dos conteúdos, mas leva em consideração o contexto social e econômico do referido conteúdo, com o objetivo de mostrar novos dados à luz de outros autores, como destaca Bardin (2011, p. 38) “O interesse não reside na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderem ensinar após serem tratados, relativamente a outras coisas. Estes saberes deduzidos dos conteúdos podem ser de natureza psicológica, sociológica, histórica [...]”.

A análise do conteúdo segue uma abordagem diferente em sua análise, pois procura evidenciar, nas entrelinhas, o verdadeiro significado e as reais ambições do discurso, pois seu conteúdo está ligado a objetivos e anseios do seu relator, e cabe a nós leitores, com um olhar crítico, perceber as suas reais motivações.

A referida pesquisa ficou enquadrada nos anos de 1930-1936, enfatiza-se que, neste período, o professor José Baptista da Mello, além de suas iniciativas com as Semanas Pedagógicas, Escola de Aperfeiçoamento, Revista do Ensino entre outros, publicava matérias sobre educação nos jornais paraibanos. Foram encontrados nos anos de 1931 a 1936, dois relatórios e três discursos escritos, como observamos no quadro 01, a seguir:

Quadro 01: Relatórios e discursos de 1931 a 1936.

ANO	JORNA	MATÉRIA
1931	A União	A ESCOLA NOVA
1931	A União	A ESCOLA NOVA – SYSTEMA DECROLYANO
1933	A União	A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA DA PARAÍBA
1934	A Imprensa	VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
1934	A União	RELATÓRIO DOS REPRESENTANTES DA PARAÍBA AO 6.º CONGRESSO DE EDUCAÇÃO

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora a partir das informações obtidas nas fontes

²⁹ Encontrado no banco de dados da Sciello e no google acadêmico, trabalhos como: A institucionalização da Escola Normal no Brasil publicado por Wojciech Andrzej Kulesza, Entre a História e a Memória: Adélia de França uma professora Negra na Paraíba do Século XX (1926-1976), publicado por Simone Joaquim Cavalcante, O Ensino Superior no Estado da Paraíba, publicado por Francisco Chaves Bezerra, dentre outros trabalhos de prestígio sobre a história da educação

Das fontes encontradas, subdividimos em duas partes: A primeira parte trata especificamente da Escola Nova e da situação do ensino no Estado da Paraíba, denominadas de A Escola Nova, A Escola Nova – Systema Decrolyano e A Instrução Primária da Paraíba. A segunda parte trata do VI Congresso de Educação que aconteceu no Ceará no ano de 1934, em que o professor José Batista de Mello foi como representante da Paraíba; daí resultou um relatório (VI Congresso Nacional de Educação-1934) e uma entrevista para o Jornal a Imprensa (Relatório dos representantes da Paraíba ao 6.º Congresso de Educação-1934). Entretanto, com fins de alcançar o objetivo da referida pesquisa, nos debruçaremos nos três primeiros discursos encontrados nos jornais, por estar estruturada na divulgação e importância do novo método de ensino da Escola Nova, que demonstra a importância deste modelo de ensino para a educação paraibana.

A primeira matéria encontrada foi publicada no dia 19 de abril de 1931, no jornal A União intitulada de A Escola Nova, redigido pelo professor José Baptista de Mello, que, nesta época, era o presidente da Instrução Primária. A matéria chama atenção pelo seu título “A Escola Nova”, que, escrito em letras maiores, é colocado no centro da matéria, localizado na segunda página do jornal, apresentando, para os professores paraibanos, um novo método de ensino.³⁰

O termo Escola Nova não foi utilizado apenas pelo professor José Baptista de Mello, mas por um grupo de professores denominados de escolanovistas, que o utilizavam para consolidar o novo método de ensino. Os escolanovistas também faziam uso de uma linguagem única na maioria dos Estados brasileiros, tanto em seus discursos falados e escritos. Dessa forma, a expressão Escola Nova adquiriu amplo sentido, ligado a um novo tratamento dos problemas da educação em geral. Como assegura Lourenço Filho (1978, p. 17)

Esse singelo nome foi por alguns adotado para a caracterização do trabalho em estabelecimentos que dirigiam e, logo também, por agremiações criadas para permuta de informações e propagação de ideias da reforma escolar. Mais tarde, passou a qualificar as reuniões nacionais e internacionais, bem como a figurar no título de revistas e séries publicações consagradas ao assunto.

O referido termo utilizado pelo professor José Baptista de Mello tinha por intuito qualificar seu trabalho como inovador e moderno. Com esse título, o professor chama atenção

³⁰ A referida matéria encontra-se em anexo no presente trabalho.

tanto pelo novo método de ensino, como para os problemas educacionais existentes no Estado, pois, se existia uma nova escola, era porque a escola existente não estava cumprindo os anseios de uma determinada época, como destaca:

Como todos os ramos da actividade humana, a arte de ensinar vem, em toda parte rumando novos horizontes, de modo que, já longe estamos dos processos e methods em que se emmaranhava a escola de hontem. (Mello, 1931, p. 2) ³¹

Importante enfatizar, que a utilização de determinados termos, é aqui entendida, como a construção de toda uma conjuntura da sociedade com suas complexidades de significados e sentidos, em que nos diferentes momentos históricos, elaboram e desenvolvem representações sociais que se estabelecem entre discursos falados e escritos Como ressalta Franco (2008, p. 12):

Condições contextuais que envolvem a evolução histórica da humanidade, as situações econômicas e sócios culturais nas quais os emissores estão inseridos, o acesso aos códigos linguísticos, o grau de competência para saber decodificá-los, o que resulta em expressões verbais (ou mensagens) carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis.

A partir do que foi explanado, discorreremos sobre o seu discurso denominado de A Escola Nova. Logo no primeiro parágrafo, o autor faz uma relação da educação com todas as atividades humanas, destacando que todas estas atividades humanas estão em processo de mudança, e “*que a arte de ensinar vem, em toda parte rumando novos horizontes.*”³² Os termos mudança, moderno, renovação, novo entre outros, são termos utilizados não apenas pelo professor José Baptista de Mello, mas pelos republicanos, que os utilizam como forma de evidenciar uma ideia nova, como afirma Hoeller (2012, p. 134) “[...] não é possível tomar o termo “moderno” ou “modernidade” como um conceito, mas sim, como uma ideia, como uma lógica da modernidade que se especificou em todos os domínios: Estado moderno, técnica moderna, costumes e ideias modernas.[...]”

³¹ Citação do discurso A Escola Nova encontrada no Jornal A União, 19 de abril de 1931, que encontra-se no anexo do trabalho.

³² Citação do discurso A Escola Nova encontrada no Jornal A União, 19 de abril de 1931.

Sendo assim, o professor discorre o seu texto destacando que nos grandes centros ³³, a escola é vista como ponto de partida para qualquer reforma social e econômica, pois as escolas nestes estados busca proporcionar condições para aprendizagem dos alunos através de um ensino ligado a vida prática. Como destaca Mello (1931, p. 2)

Nos centros adiantados em que a instrução é a parte precípua das administrações e em que se faz da escola o ponto de partida de qualquer reforma, vem-se trabalhando com ardor para que o ensino popular seja, **de facto, eficiente**, e ainda mais, para que da escola primaria saia a creança em **verdadeiras condições de entrar na vida pratica**. (Grifos nossos)

Observamos que, ao falar sobre vida prática, o professor José Baptista de Mello, se refere ao mundo do trabalho, que, na época, estava inerente à industrialização. Seguindo com discurso aparentemente neutro, percebemos suas intenções, que estavam ligadas à preparação dos cidadãos para a produção e trabalho, por isso que era necessário que o ensino popular fosse de fato eficiente.³⁴ Esta estratégia de utilizar um discurso neutro, é uma tática de transformar uma ordem existente, através da circulação de determinadas ideias e comportamentos como se fosse de fato eficiente ou pudesse “ajuda-los” para o futuro, como aponta Michel de Certeau (2014, p. 80) em que “A retórica e as práticas cotidianas são igualmente definíveis como manipulação interna de um sistema – o da língua ou ao de uma ordem estabelecida”.

No decorrer do discurso, Mello aponta os problemas do modelo da escola existente, tecendo críticas ao ensino, a programas e aos horários utilizados nas escolas da época, o que é denominando de ensino livresco e pesado, referindo a este tipo de postura como ultrapassada que extrai da criança a sua atividade e liberdade. Como destaca o referido professor Mello.

O ensino livresco e pesado, com programmas e horarios obrigatorios, **é posto à margem, por passadista e contrario à actividade e à liberdade da creança** que não deve fazer papel de machina mas sim observar, agir e produzir.

³³ Quando o José Baptista de Mello, indica os grandes centros, ele está discorrendo nos estados brasileiros que tiveram mais desenvolvimento não só na educação, mas na urbanização, indústria e comércio, que segundo Jorge Nagle seria São Paulo, Rio de Janeiro entre outros.

³⁴ O Monarca em seu livro *A Invenção da Cidade*, nos esclarece que educadores renovadores utilizavam das imagens e termos do universo urbano industrial, como forma de mostrar que através deste desenvolvimento o país iria vencer o atraso social. “A fábrica é a estratégia adotada para vencer o atraso social, econômico e moral da Nação; a ética do trabalho é o meio para vencer a indiferença do povo perante ao novo que desponta” (1990, p.79)

O professor, em taes casos, é o guia do alumno de quem corrige os erros, estimulando e ajudando-o na observação e na execução. E' a escola nova, é o principio renovador que vae triumphando galhardamente.³⁵ (grifos nossos)

Neste discurso, o papel do professor é repensado, trazendo para a sua profissão novos objetivos, não fazendo das crianças “máquinas”, mas que pudesse observar, agir e produzir. Reafirmando o que já foi exposto, em que o ensino estaria ligado à construção da modernidade, entrelaçada com a industrialização, com a utilização do termo *produzir*. Fica claro que um dos principais interesses dos educadores do escolanovismo está no processo de industrialização, de interesse da nação.

Na frase: *contrario à actividade e à liberdade da creança*, o professor José Baptista de Mello se refere ao respeito aos aspectos cognitivo, biológico e social da criança. Os três pilares acima citados são os alicerces do método da Escola Nova, que, com o desenvolvimento de pesquisas sobre o universo infantil, estavam em grande propagação, posto que a utilização desses pressupostos fazia, da escola, um ambiente de ensaios de uma didática experimental, tendo, como principais teóricos sobre este tema: Decroly, Montessori entre outros, que tentaram teorizar seus estudos dentro da educação, fazendo, em vários lugares do mundo, professores entusiasmados com os resultados das pesquisa, a fim de utilizarem o novo método dentro de seu ambiente de trabalho. Como destaca Mello (1931).³⁶

Dentre as grandes auctoridades mundiaes que vêm revolucionando a pedagogia, sobresaem-se, pelo caracter pratico que imprimem á escola renovada, as figuras respeitáveis de Montessori, Claperide, Dewey e Decroly que, em toda parte, encontram seguidores e discípulos entusiastas.

Sendo assim, como ficaria o papel do professor nesta nova didática? Nesta realidade, o professor perde o seu papel como detentor do saber, para ser um guia nas questões didáticas do aluno, a fim de levá-los a encontrar a solução sem mostrar as resoluções de imediato. E,

³⁵ Citação do discurso A Escola Nova encontrada no Jornal A União, 19 de abril de 1931

³⁶ No Livro a Introdução ao Estudo da Escola Nova, o professor Lourenço Filho enfatiza que os três pilares da Escola Nova estão associados aos aspectos biológicos, psicológicos e educativos, considerando como um só conjunto. “Maior análise os desembarcaria em dois campos: o da chamada antropologia pedagógica, mas tarde biologia educacional, e o da psicopedagogia, psicologia da educação ou psicologia educacional. O cuidadoso levantamento dos fatos neste último domínio, conduziu ao reconhecimento de disciplinas descritivas e explicativas de objeto mais limitado: psicologia evolutiva ou das idades; o da aprendizagem; o das diferenças individuais; e igualmente, ao de ramos de estudo teórico e de aplicação, em campos especiais: psicologia dos anormais, das matérias de ensino, da personalidade.” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 22)

para isso, o professor teria que utilizar materiais concretos para a execução de suas aulas. No mesmo discurso, o professor Mello ainda confirma que:

Verdadeiros professores tomam a hombros a tarefa ingente de transformar a instrucção, de accôrdo com o meio e as necessidades da época. Bem longe de fazerem de seus alumnos poétas chorões e litteratos pedantescos, visando exclusivamente, um titulo que, ás vezes, só serve de entrave, o professor da escola nova ensina os primeiros passos da vida activa, encaminhando os seus discipulos para as artes, para a agricultura, para as industrias e para o commercio, retirando-os da futura estufa que definha e mata as energias, para guial-os na liberdade da vida e da acção.

Encontra-se, acima, a “verdadeira” finalidade dos professores nesta nova educação, o professor, neste momento, seria o responsável por transformar a instrução para as necessidades da época, bem longe de transformar seus alunos em “poetas chorões”, que, segundo ele, só serve para um título, e de nada se utiliza para a “vida prática”. Deste modo, a principal função da escola, segundo o professor Mello, é ensinar, aos alunos, a possibilidade de aprender variadas técnicas de trabalho como “agricultura, indústria e comercio”. E faz ainda uma crítica chamando os estudos até então trabalhados, como uma estufa que mata as energias, mas até que ponto esses estudos matam as energias? Se levarmos em consideração a educação de hoje, a escola vai além de uma preparação para o trabalho, o ser humano precisa ir muito além do que é ensinado na escola.

O professor José Baptista de Mello estava tentando fazer da educação uma ferramenta do Estado, como a maioria dos escolanovistas, em que a maior preocupação está no desenvolvimento do Estado, seguindo uma postura positivista, em que pensava a sociedade como uma grande máquina em que cada indivíduo tem seu lugar e função e cabia a cada um fazer o seu papel. Nessa perspectiva, a escola é mostrada como uma instituição neutra e autônoma em face dos processos sociais, mas que, na leitura de seus discursos, não ocorre de forma neutra, mas com um objetivo claro e definido³⁷. Como podemos ver na citação aparentemente “neutra” abaixo do professor Mello (1931):

³⁷ Médicos, higienistas, pedagogos, alienistas, engenheiros, filantrópicos etc. Em resumo: a comunidade de homens cultos passou a invadir o mundo do trabalho, emitindo discursos neutros e frios, científicos, com a finalidade de moralizar e regenerar o insubordinado e andrajoso operário urbano, procurando dissuadi-lo de sua autonomia e convencê-lo da infinita superioridade da sociedade do trabalho. [...] Através de um discurso neutro e frio que produzia a impressão de distanciamento entre o sujeito e o objeto, o mundo do trabalho foi invadido por essa estratégia persuasiva. No séquito de imagens, despontam: progresso, razão, liberdade, ciência, nação, industrialismo, racionalidade, cooperação e comunidade; tudo envolto sob o rótulo ambíguo do moderno”. (MONARCHA, 1989, p. 104).

Os trabalhos manuaes, a jardinagem, o ensaio da agricultura, o desenho das scenas acompanhando as lições ministradas, as excursões escolares etc. etc. vão, aos poucos, fazendo da creança, o homem observador d’amanhã. S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Santa Catarina são, no Brasil, os estados Leaders da renovação escolar. E os bons exemplos deixam, necessariamente, alguns fructos, d’ahi vemos, ultimamente, Alagoas, Pernanbuco etc. levantarem-se, abrindo ás suas escolas ao sopro beneficio do ensino moderno.

No decorrer do seu discurso, José Baptista de Mello começa a abrilhantar determinados teóricos da Escola Nova, que segundo ele, no âmbito mundial prevalece Maria Montessori, Claperide, Dewey e Decroly, e no âmbito nacional o professor Lourenço Filho com seu livro “A Introdução ao Estudo da Escola Nova” no qual destaca o Centro de Interesse de Jean Ovide-Decroly, que segundo ele é “de grande aproveitimento” para a instrução.

Sendo assim, nos perguntamos, quais destes referidos teóricos mais influenciaram os trabalhos do professor José Baptista de Mello? Quais deles influenciou os seus escritos? O professor Mello faz algumas explanações ao método Decroly, demonstrando a importância do seu referido método “Centro de Interesses” para as escolas e de influência em outros estados brasileiros. Este seu posicionamento nos faz perceber que o Decroly, pode ter influenciado o pensamento do professor Mello, pois este destaca o seu sistema de ensino como de “grande aproveitimento” como destaca o professor:

De Decroly ensaiam-se com grande aproveitimento os centros de interesses que, globalizando o ensino, levam as creanças ao estudo de todas as disciplinas, sem quebra do encadramento que deve existir entre ellas. Sobre o seu systema traz-nos o erudito prof. Lourenço Filho, actual director da Instrucção Publica de S. Paulo, interessante estudo, no seu magistral livro “Introducção ao Estudo da Escola Nova.”
Tambem a “Revista do Ensino”, de Minas, “Escola Nova”, do S. Paulo e “Escola Primaria” do Rio são portadores constantes de verdadeiras lições modelos, inspiradas no systema do grande educador belga.

Neste sentido, o professor José Baptista de Mello continua relatando que, na maioria dos Estados brasileiros, encontram-se revistas especializadas no assunto, mas, como na

Paraíba não tinha uma revista especializada no assunto³⁸, ele começa a publicar trabalhos sobre o referido sistema de ensino “Centro de Interesses”, começando com um trabalho de um professor com o Pseudônimo de Poty. Como destaca Mello (1931, p.2),

Na ausencia de uma revista nossa, e nos servindo das columnas agasalhadoras d’ “A União”, resolvemos, aproveitando a boa vontade do nosso professorado, ancioso por dar ao ensino uma feição nova – offerecer aos collegas singelas lições que talvez lhes possam ser uteis. Para inicial-os, damos a seguir o trabalho de destacado elemento do magisterio conterrâneo que, modestamente se occupa sob o pseudonymo de Poty.

O trabalho de Poty explica, de forma didática, como o professor deve utilizar o método de ensino denominado de Centro de Interesses criado por Decroly, enfatizando os procedimentos necessários que o professor deveria ter em cada matéria de ensino, que leve em consideração o interesse e a capacidade cognitiva de cada criança.

Neste sentido, acredita-se que o professor José Baptista de Mello, tenha simpatizado com o modelo de ensino criado por Decroly, que, além de divulgar o trabalho do professor Poty, ele faz referência a este modelo de ensino em seu segundo discurso, encontrado no Jornal A União, mas até que ponto ele explanou este sistema? A partir do que foi explanado, debruçar-nos-emos no seu segundo discurso denominado de A Escola Nova: Método Decrolyano em que o professor Mello dirige um texto didático sobre este modelo de ensino.

O segundo discurso foi encontrado no Jornal A União no dia 26 de abril de 1931, uma matéria denominada de A Escola Nova, tendo como subtítulos Systema Decrolyano, Centro de Interesses e A água, escrito em letras garrafais no centro da segunda página, publicado na semana posterior ao seu primeiro discurso A Escola Nova.

O referido título da matéria “Centro de Interesses” nos remete a um importante teórico, Jean-Ovide Decroly, que, a partir de suas observações com crianças consideradas “anormais”, acreditava que, para o bom desenvolvimento das escolas de crianças consideradas na época, como anormais e normais, era importante que ocorresse não apenas uma reforma nos programas, mas na essência do sistema educacional, em que a postura da escola estaria voltada para a necessidade e interesse da criança, partindo de sua individualidade para o global. Decroly propôs que as escolas se desenvolvessem em um sistema de ensino denominado de Centro de Interesse, definida por Bassan (1978, p. 17) como:

³⁸ Lembrando que a Revista do Ensino começou a ser publicada no ano de 1932, enquanto não tinha sido criada vários educadores e intelectuais, faziam suas considerações sobre educação nos jornais paraibanos.

Os Centros de Interesse, são uma técnica, são um processo de ensino que consiste em agrupar à volta dum mesmo assunto que interessa à criança um conjunto de noções a aprender, de mecanismos a montar, de hábitos a adquirir, condição do perfeito desenvolvimento do ser no meio em que vive e ao qual e ao qual ele se adapta. A técnica dos Centros de interesse, ao mesmo tempo livre e orientada pelo educador, principalmente aplicada, aquisição de conhecimentos, serve também para a educação psicológica, ao despertar do sentido social e à formação moral.

De acordo com o referido autor, Decroly afirmava que os diversos assuntos que levem em consideração o interesse da criança, podem ser interligados, formando um grande conjunto de centros que interessam à criança. Bassan (1978) afirma que, de acordo com Decroly, esses centros de interesse, são para a criança globais, mas a medida que a criança vai analisando, vai acentuando a importância daquilo que está sendo analisado para a sua vida pessoal.

A descoberta do mundo pela criança é inicialmente global, e é considerado o princípio que mais caracteriza o Método Decrolyano. Para o autor, partir dos assuntos abrangentes é a única via de aprendizagem, pois a criança não aprende fatos isolados, e não percebe as coisas só em seus detalhes, mas na sua totalidade. Este princípio estende-se a toda função do pensamento da criança. O interesse infantil condiciona o despertar e o desenvolvimento da inteligência. A criança se adapta ao seu meio físico e humano, pelo impulso e desenvolvimento da inteligência que, de sensório-motora, se torna, progressivamente, conceitual. Segundo Bassan, o método de Decroly segue algumas características que são priorizadas em suas escolas, tais como:

- a) As classes devem ser instaladas não sob o tipo de auditório, mas com o aspecto de pequenas oficinas ou laboratórios (com mesa, água encanada, gás ou eletricidade, fontes de calor e luz artificiais, prateleiras para coleções);
- b) Para o ensino da linguagem oral e escrita, bem como para o de cálculo, deve ser reservada a primeira hora da aula, pelo menos 3 ou 4 vezes por semana. Com esse fim, serão organizados exercícios, sobretudo sob a forma de jogos, nos quais a emulação e o êxito serão os principais estimulantes;
- c) Quando a primeira parte do dia não for destinada a tais exercícios, será consagrada à prática de outros, visando à observação, comparação e associação, desenho e trabalhos manuais, canto e jogos ginásticos, etc. De acordo com um programa de ideias associadas, o professor terá em vista o interesse da criança, os recursos que o meio ambiente possa oferecer e a necessidade de atribuir justo valor às principais atividades do trabalho mental;

- d) A preocupação máxima será conduzir a criança a compreender tudo quanto faça parte e a disciplinar-se por si mesma. O número restrito de alunos em cada classe permitirá que eles se levantem e troquem ideias entre si e com o professor, a propósito dos exercícios em estudo;
- e) A fim de desenvolver a iniciativa, a confiança e a solidariedade, os alunos farão conferências cujos temas escolherão e submeterão à aprovação do professor ou professora;
- f) O interesse pelo trabalho individual e coletivo é obtido com a colaboração constante dos alunos em todos os trabalhos que constituem a atividade escolar: coleções; figuras; textos; livros; confecção de quadros e aparelhos diversos; caixas e envelopes para a classificação do material colecionado; conserto de objetos usuais; quebrados ou estragados; conservação de aquários e viveiros; trabalhos espontâneos e permitidos; organização dos encargos e responsabilidades relativas à pequena comunidade constituída pelas diferentes classes.

Portanto, o Centro de Interesse de Decroly passa por três passos distintos: a observação, associação e expressão. Em que a observação consiste em habituar a criança ao conhecimento dos fenômenos, fazendo-a procurar a causa e observar as consequências, dar-lhe, da maneira mais concreta possível, as noções complexas relativas à vida, fazê-la estudar as manifestações da vida nos seres. No segundo passo, a associação tem por fim levar a criança a ligar os conhecimentos novos, adquiridos pela observação, com outros já trazidos à memória. Para atingir esse objetivo, o professor(a) aproximará, da personalidade e da vida do aluno, as noções adquiridas, fazendo-o tirar conclusões de ordem intelectual e moral. Portanto, no terceiro passo, a expressão é quando a criança pode mostrar, através de suas manifestações físicas, artísticas e culturais, seu aprendizado a fim de que todos possam compreender o assunto.

Ao analisarmos o discurso do professor José Baptista de Mello, percebemos que ele subdivide o seu tema sobre os três pilares do “Centro de Interesses”: observação, associação e expressão, não explicando como são usados cada um dos termos, mas mostrando o exemplo do conteúdo água, dentro do princípio global. O professor Mello começa com a exposição da primeira etapa, a “observação”, em que, por meio de um evento casual, a ocorrência de chuva durante o horário da aula, o professor convida aos alunos a observar a queda da água, vendo todo o trajeto desde sua queda do céu, até a formação dos riachos.

Vêm que as aguas procuram umas ás outras, misturando-se, formando, lá adeante, verdadeiros riachos que, apressadamente, procuram a cidade baixa; observam que a agua cahida do CEO, desce em fios muito alvos que se confundem, ao contacto com a terra; vêm o CEO todo nublado, da côr de cinza, emquanto que a rua vae ficando quasi deserta, notando-se apenas a passagem rapida de bondes e automoveis, e um ou outro transeunte envolto em capa e protegido por guarda-chuva; vêm mais que ao cahir sobre o solo, a agua que até então era limpa, muda de côr, por causa do sujo da terra, tomando um aspecto feio, escuro, para ir alvejando com a continuação da chuva. Não vêm o sol, e por isso notam o dia menos claro: e por isso como que um véo que intercepta a visão á distancia; sentindo o ar mais frio, em contraste com o calor das semanas anteriores.³⁹ (MELLO 1931, p. 2)

A etapa da observação tem por objetivo pôr a criança diretamente em contato com os objetos, os seres e os fenômenos naturais que, para ele, seriam a base racional de todas as atividades mentais, para que, em contato com os objetos reais e vivos, possam fazer ligações em sua prática, pois a observação leva a comparar, a medir, a pesar, a contar, a desenvolver a curiosidade entre outros aspectos. Como assegura Decroly (1926, p.2)

Os exercícios de observação com animais empalhados e plantas secas, fora de seu meio natural, ou com quadros e desenhos, são ineficazes, por que não dão ao espírito oportunidade para perceber os verdadeiros aspectos da natureza, aqueles que são mais interessantes e, por consequência, mais suscetíveis de serem observados e utilizados.

Sendo assim, o professor Mello continua o seu texto, com o segundo passo denominado de Associação, em que, depois de a criança observar, ela deveria tentar associar a sua observação com as matérias existentes no currículo escolar, de modo que o professor começará uma aula expositiva sobre o assunto, levando em consideração o mesmo tema global que, no caso deste discurso, seria a água. Partindo de uma exposição simples, para as mais complexas. Como indicado no exemplo dado pelo professor Mello (1931, p. 2)

O professor servindo-se do centro ocasional e satisfazendo a natural curiosidade das crianças, entretem com ellas interessante e util palestra que gira sobre o que lhes prendeu a atenção: a agua. Não se póde viver sem agua que é um dos quatro elementos; sem ella não existiriam os homens, os animaes e as plantas. Se não fora a agua, nenhuma utilidade teriam as grandes embarcações e não trabalhariam as machinas; não haveria, finalmente, vida sobre a terra.

³⁹ Jornal “A União” Domingo, 26 de abril de 1931, que encontra-se no anexos deste trabalho.

A chuva é a agua cahida das nuvens que derramam sobre a terra, em grandes massas. Devido aos obstaculos encontrados na atmosphaera, essas massas d'agua se dividem, partindo-se em longos fios. A quantidade d'agua cahida é maior ou menor, conforme a porção della contida nas nuvens que são movimentadas pelos ventos.

Ha um verdadeiro vae e vem d'agua entre a terra e os ares. Ao cair sobre a terra ella procura escapar-se, ora correndo para os rios que conduzem ao mar, ora infiltrando-se na terra, até encontrar, lá em baixo, no subsolo, uma camada impermeavel que a não deixa passar. [...]

O professor Mello, na etapa associação, faz uma descrição do papel do professor, mas fica preso em um modelo de aula expositiva, quando indica que o professor pegando um tema de interesse da criança, a distrai com uma interessante palestra. Lourenço Filho nos alerta que a etapa associação vai além de uma ligação dos assuntos escolares com os temas globais, de maneira expositiva, mas abrange quatro aspectos distintos. O primeiro deles está na profundidade dos assuntos, de modo que, no estudo de geografia (assim como em outras matérias), não se deveria primar apenas pela simples leitura ou pela memorização, mas em todos os acidentes geográficos, tanto do ambiente em que vive como dos lugares longínquos, fazendo a criança associar as diferenças e semelhanças entre eles. O segundo aspecto, está interligado ao ponto de vista temporal, segundo o qual se deve permitir a comparação do momento presente com os dos nossos antepassados, associando a história daquele momento com o tempo presente. O terceiro aspecto é associar o que está sendo aprendido com as necessidades do homem, de modo que tal conhecimento venha a ser utilizado não apenas na sua realidade cotidiana, mas também na do trabalho. Finalmente, é no quarto aspecto em que os alunos irão refinar os hábitos do pensar com indagações de termos como “por quê” e “como”.

Neste momento, refletimos até que ponto o professor José Baptista de Mello segue o método decrolyano? Uma vez que o professor, na segunda etapa do seu discurso, não faz as interpretações correta do Centro de Interesse de Decroly, fazendo da etapa associação apenas uma exposição do interesse global com as matérias de ensino. Lourenço Filho já nos alertava que, em alguns livros de vulgarização do sistema decrolyano o expõe apenas no espaço e no tempo, colocando a etapa da associação apenas como uma exposição do assunto, sendo que seu sistema de ensino Centro de Interesse é explanado com mais profundidade.

Na terceira etapa, denominada de expressão, Decroly o abrange como tudo que permita uma manifestação do aprendizado, de modo acessível a todos, como, por exemplo, a linguagem, o desenho, a ortografia entre outros, seriam as atividades de verificação de aprendizagem que entendemos hoje. Neste sentido, o professor José Baptista de Mello o

utiliza-se deste conceito ao subdividir as atividades por matérias escolares, dando exemplos didáticos aos professores acerca de como dividir o assunto da água em todas as matérias, como podemos visualizar na citação abaixo

[...] Composição – Descrever em seus cadernos o que foi por elles commentado no exercício de linguagem.
 Vocabulario – Dar a significação de pluviômetro, proveta – evaporação – condensação – nuvens – canaes capillares – barragem – infiltração. Formar sentenças com cada uma dessas palavras.
 Sciencias naturaes e physicas – Além da agua se nos apresentar no seu estado real, e transformar-se em vapor, também póde solidificar-se, tomando fôrma própria com o nome de gelo.
 Ella nos dá assim um perfeito conhecimento dos tres estados dos corpos: solido, liquido e gasoso. (MELLO 1931, P. 2)

Lembrando que José Baptista de Mello foi o primeiro a difundir o método Centro de Interesse no Estado da Paraíba, e que, a partir de sua iniciativa, fez circular a ideia da importância e relevância do referido método, pois, após suas publicação, foram encontradas, no mesmo jornal, outras matérias sobre o Centro de Interesse de Decroly, utilizando-se da mesma forma didática para compreender um sistema de ensino, não colocando os nomes observação, associação e expressão, mas fazendo toda esta divisão nos seus discursos, a exemplo do que se destacou nas matérias do quadro a seguir⁴⁰:

Quadro 02: Artigos sobre o sistema decrolyano.

MATÉRIA	ASSUNTO
Escola Nova – José Vinagre	Trata a importância da Escola, seguindo os passos do sistema decrolyano, exaltando o educador belga
Escola Nova: Trabalhos Manuais – Assuêro Azevedo	Descreve didaticamente o sistema de Centro de Interesse.
Escola Nova: O Ar – Chris Celeste	Descreve didaticamente o sistema de Centro de Interesse
Escola Nova: Desenho – Damantina Santos	Descreve didaticamente o sistema de Centro de Interesse

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Como podemos perceber, os discursos do professor Mello eram vistos de maneira positiva, a Escola Nova e especialmente o método Decroly, pois posterior a seu discurso, foi encontrada uma circulação destas suas ideias nos jornais paraibanos, fazendo com que outros professores escrevessem sobre o referido método de ensino, fazendo circular um novo ideário de educação dentro do Estado.

⁴⁰ Quadro criado a partir dos dados da pesquisa encontrados no arquivo pessoal da presente pesquisadora.

Portanto, o professor José Baptista de Mello foi um paraibano pioneiro em tratar a Escola Nova no estado da Paraíba, influenciando inúmeros professores para a escolha de seus métodos e seus objetivos, levando os professores para finalidade de preparar os alunos para o desenvolvimento do Estado, sendo parabenizado pelo desejo ardente de desenvolver a educação popular do estado da Paraíba. Como destaca na apresentação de sua palestra intitulada A Instrução Primária na Parahyba, publicada pelo Jornal A União, no dia 12 de março 1933, “Quizeram, entretanto, os rotaryanos ouvir a propósito a palavra humilde do director do Ensino Primario, que se nenhum valor possúe, honra-se em proclamar que ninguém o supera em boa vontade e desejo ardente de cumprir o seu dever”⁴¹.

As qualidades oferecidas ao professor José Baptista de Mello se destaca dos demais professores, como diz a citação que “ninguém o supera” no desejo de desenvolver e incentivar os professorados paraibanos para a mudança educacional, que embora saiba de suas dificuldades, o referido professor deseja e incentiva que todos possam conhecer e trazer novas didáticas para a sala de aula.

Nesta referida palestra publicada no Jornal A União, o professor Mello revela que o ensino primário da Paraíba está passando por sensíveis mudanças. Enfatizando que a velha escola de ensino rigoroso e pragmático ficou no passado e que agora se revela a escola com a professora moderna, cuja postura de carinho e de vivacidade se transformam em um incentivo para os alunados.

Este novo olhar sobre a profissão de professor é enraizado dentro de novas propostas didáticas. Enfatizando que o professorado paraibano, na sua grande maioria, teria aderido a esta nova proposta de ensino, de modo que eles, segundo Mello, entusiasmados com o método, procuravam ler Montessori, Ferrieri, Decroly, John Dewey, Binet, Fernando de Azevêdo, Lourenço Filho e outros teóricos do assunto. Assim indica Mello na citação abaixo:

Os nossos professores, humildes, quase anonymos, não medem sacrifícios no cumprimento de seus deveres. Já em nossas livrarias as obras de pedagogia não ficam de paginas amarellecidas a espera de compradores. Os grandes mestres tem entre nós os seus leitores entusiastas e constantes – Montessori, Ferrieri, Decroly, John Dewey, Binet, Fernando de Azevêdo, Lourenço Filho e outras autoridades no assumpto têm os seus livros nas modestas estantes do professor paarahybano.

No decorrer de seu discurso, o professor José Baptista de Mello enfatiza que os paraibanos já sabem que é na escola que pode ocorrer uma mudança na vida de seus filhos e

⁴¹ O discurso encontra-se em anexo no referido trabalho.

netos, e que, mesmo nos recantos mais longínquos do nosso Estado, há escolas rudimentares, com muita deficiência em suas instalações, mas que, naquela escola, está plantada a esperança de um povo em favor de um futuro melhor, ocorrendo assim o desejo de acabar com o a chaga do analfabetismo, que deveria ser atacado pelo governo mediante fiscalizações mais severas e independentes. Neste termos, destaca Mello:

Pergunta-me-eis então de que necessitamos nós para dar maior impulso no combate ao analfabetismo. Eu vos responderei simplesmente: espalhe-se o ensino por toda a parte, forneça-se-lhe o necessario para a sua manutenção, imprima-se-lhe uma fiscalização independente, e eu vos asseguro que dentro de alguns annos poucos serão analfabetos da Parahyba.

Assim, em seu discurso, o professor exalta o Governo de Antenor Navarro, em cujo governo foram unificadas as escolas municipais nas mãos do Estado, intensificando toda a fiscalização e a nomeação de inspetores, que andaram por lugares longínquos a fim de observar como estava as situações das escolas primárias de todo o Estado. Chegou-se à conclusão de que não havia professoras qualificadas para lecionar; foi então que o professor Mello, submeteu a engrandecer a força das mulheres paraibanas que deixaram suas prendas para se qualificar na leituras de livros sobre a nova didática de ensino, como afirma na citação abaixo:

Não havia professores em numero sufficiente para preenchê-las. Urgia preparal-os. Notou-se então uma admiravel prova de capacidade de nosso povo; em toda parte formou-se nova mentalidade e o livro substituiu as prendas femininas, para com alguns mezes de revisão de estudos, servirem de armas ás novas professoras que appareceram. E as escolas públicas foram preenchidas com optimos resultados. (MELLO, 1933, p.5)

Lembrando que, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres faziam do magistério a única carreira que as levariam a uma ascensão social, pois lhes eram atribuídas as vocações e a missão de mulher de cuidar e ensinar assim como fazem com seus filhos, e a proposta da Nova Escola , estreitava as relações existentes fazendo como a profissão mais adaptadas para as mulheres.

Assim, na continuação de seu discurso sobre as propostas que a administração obteve com incentivos tanto para os professores como para os alunos. Em que, com o intuito de ajudar financeiramente, foram intensificadas as instalações de caixas escolares com fins de

ajudar os alunos mais pobres, proporcionando-lhes merendas, roupas, calçados, cadernos, remédios entre outros.

E, com fins de melhorar o ensino e a pedagogia dos professores, foram criadas a Revista do Ensino, de assinatura obrigatória, os professores ficaram a par das novas tendências pedagógicas, segundo as quais vários professores paraibanos e intelectuais no assunto publicavam seus textos, de modo que foram qualificados inúmeros professores de todas as partes de escolas do Estado. Enfatiza-se que esta troca de experiências ocorreu como decorrência das publicações da revista. Como indicado na citação abaixo:

Fundou-se a Revista do Ensino, com assignatura obrigatória, e que vae produzindo excellentes resultados, com o intercambio espiritual dos que se dedicam á sublime missão de ensinar. Ante, pois, tão avantajados emprehendimentos, era natural que as nossas escolas tomassem outro rumo e que a consciencia da Parahyba as comprehendesse melhor.

Com estas iniciativas, o Diretor do ensino primário realça que houve um crescimento no número de matrículas, posto que, em 1931, o corpo discente somava 27.767 alunos, ao passo que, em 1932, a quantidade de matriculados subiu para 36.168 alunos; houve, portando, um aumento de mais de 8.401 alunos. Houve um substancial aumento da frequência que, em 1931, era de 13.839, passando, em 1932, para 18.669. Foram construídas escolas, posto que, em 1931 havia 414, ao passo que, em 1932, tal número sobe para 526.

A partir desta discussão, o diretor do ensino primário indicou alguns problemas que todas essas majorações trouxeram: com grande número de alunos, surgiu o problema das superlotações nas salas que apenas comportavam 40 alunos e que passaram a receber 130 alunos matriculados. Como resultado, houve a necessidade de se dividir o expediente. Segundo José Baptista de Mello:

Toda este desmatelo de matriculas, levou ao atentando para indisciplina e á pedagogia, pois para o bom desenvolvimento da escola moderna, era necessário ambientes e utensílios propios. E ainda com grande número de escolas criadas, faltavam livros e utensílios próprios para o ensino, enfatizando que fora da capital poucas escolas tem movéis e livros para os alunos.

Para finalizar seu discurso, o professor José Baptista de Mello exige que ocorra uma providencia urgente por parte dos poderes públicos. Pois, segundo ele, “A criação de uma escola sem o edifício apropriado ao seu funcionamento nada adeanta; precisamos de uma acção continua e ininterrupta” E indica ao Interventor do Estado Gratualino de Brito, para

dispor com carinho acerca de todas estas indicações, exaltando o mesmo “espírito moço e inteligente que tão bem compreende as necessidades do ensino, vê com o maior carinho esse problema de tão grande alcance a social, e em tempo resolvel-a.”

A partir do que foi explanado, percebemos que, mesmo com todos os problemas que detinha a educação paraibana, o professor Mello não limitou esforços em favor da modernidade pedagógica, de todas as formas procurou melhorá-la nos moldes da Escola Nova, sendo ele o principal preconizador e idealizador de tal movimento no estado da Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos jornais e revistas da década de trinta (século XX), em suas páginas amareladas, caminhamos entre os discursos de variados autores e inúmeros assuntos da época, como o feminismo, a morte de João Pessoa, a vinda de Antenor Navarro para a capital, as fotos das festas da Escola Nossa Senhora das Neves e do Liceu Paraibano entre outros.

Pesquisar em jornais e revistas no Brasil constitui um trabalho árduo, pois encontramos as referidas fontes em péssimas condições de conservação, normalmente com páginas rasgadas, riscadas e até com matérias inteiras cortadas, mas que não foram perdidas de modo que delas foi possível obter o brilho de uma fonte riquíssima. Frisa-se que esta realidade está presente na maioria dos arquivos brasileiros, posto que não recebem cuidados especializados de modo que, nós, pesquisadores, somos obrigados a nos deparar com esta realidade que é recorrente.

O presente trabalho buscou, portanto, analisar a circulação do ideário da Escola Nova na educação paraibana, a partir das especificidades do contexto social do começo do século XX. Para compreender como circulou este ideário, foi necessário adentrar no universo da imprensa, que possibilitou compreender como intensificou este ideário por determinada sociedade ligada ao seu contexto local.

No começo século XX, especificamente na década de trinta, encontramos, na imprensa paraibana, vários artigos sobre Escola Nova, o primeiro artigo intitulado de *A Escola Nova* foi redigido pelo professor José Baptista de Mello, que propôs um novo ideário de educação, cuja propagação se intensificou quando ele se tornou o presidente da Instrução Pública, quando passou a incentivar a criação de uma revista especializada, voltada para discussões e a apresentação de uma determinada modernidade pedagógica.

Os discursos do professor José Baptista de Mello vão se reiterando nas vozes de outros autores e professores, que também publicaram textos na imprensa, de modo que começou a circular um novo ideário de educação. Neste cenário e diante de toda uma conjuntura de escolhas de artigos e professores, o presente estudo limitou-se a perscrutar o pensamento do referido professor.

Sendo assim, este trabalho ficou fundamentado em cinco discursos que foram publicados na imprensa paraibana, dos quais quatro o foram no jornal “A União”, e receberam os seguintes títulos: *A Escola Nova*; *A Escola Nova – Systema Decrolyano*; *A Instrução Primária da Paraíba*; o Relatório dos Representantes da Paraíba ao 6.º Congresso de

Educação. Um outro discurso também importante foi publicado no jornal A Imprensa, intitulado VI Congresso Nacional de Educação; em todos os trabalhos, é destacada a importância da Escola Nova para o estado da Paraíba, e neles restou seus aspectos e particularidades, todos voltados para a modernidade pedagógica.

A pesquisa apontou que um dos principais incentivadores da Escola Nova na Paraíba foi o professor José Baptista de Mello, que se utilizou dos mecanismos da imprensa a fim de consolidar uma sensibilidade e uma apropriação deste novo ideário pedagógico e que foi implantado no cerne das escolas paraibanas.

No imaginário de José Baptista de Mello, as modificações que a Paraíba precisava, se fossem implantadas por pessoas capacitadas, ajudariam o desenvolvimento do progresso, ao demonstrar a certeza de que uma modificação no sistema em vigor traria mudanças significativas para o Estado.

Portanto, tudo que foi proposto através da circulação desta nova ideia colaborou para repensar a escola existente, propondo novos fins para a educação, e um novo modelo pedagógico nas escolas, sempre com vistas a colaborar com melhorias para a população paraibana, além de prepará-la para o progresso a que o Estado almejava.

Se, durante a década de vinte, os professores paraibanos já se organizavam em favor de melhorias para a educação conjuntamente com a Sociedade dos Professores Primários, foi na década de trinta que os ideários escolanovistas se consolidaram, pois, com a mudança das estruturas da escola e a circulação deste novo ideário fomentado através de jornais e revistas especializadas, foi garantido, aos professores, tomar conhecimento sobre a referida inovação didático-pedagógica, de modo que lhes auxiliasse na tentativa de aplicar as novidades em sala de aula.

Portanto, na década de trinta, o governo paraibano começou a direcionar as discussões sobre educação, ampliando seus temas direcionados à educação infantil, rural e profissional, seguindo em favor de orientações nacionais, embora particularizassem os problemas da educação local a partir de suas especificidades.

Destas discussões, resultou a reforma educacional de 1935, que anulava a reforma educacional vigente de 1918, nos moldes da educação moderna, de modo que, por determinação do Interventor Argemiro de Figueiredo, o professor José Baptista de Mello foi nomeado para fazer observações nos principais estabelecimentos de educação do Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, para que, ao se tornar conhecedor das novidades, trouxesse, para a Paraíba, as iniciativas e os novos projetos de educação dos Estados mais avançados no que tange as inovações didático-pedagógicas. A partir de suas observações,

Mello pôde implementar – além de reformas na escola primária, no ensino noturno, nas escolas rurais entre outros –, o principal objetivo de uma substancial reforma na educação, que foi a grandiosa formação social do professor em favor dos moldes modernos.

O professor José Baptista de Mello se dispôs de várias iniciativas em favor da disseminação da Escola Nova com a criação da Revista do Ensino; semanas pedagógicas; publicações de artigos em jornais; escola de Aperfeiçoamento de professores e colaborou do Decreto de 1935. Entretanto, embora com todas as iniciativas de implantar a Escola Nova na Paraíba, até aquele momento estava sendo difícil utilizá-las na escola, por conta dos fatores financeiros e sociais pelas quais as escolas paraibanas viviam; sabe-se, enfim, que amplamente se discutiu sobre sua utilização e importância.

A busca pela compreensão dos sentidos assumidos pelo movimento da Escola Nova mostrou que, na historiografia da educação, muitos de seus sentidos continuam a carecer de esclarecimentos, embora possam ser revelados por meio de um exercício que coloque, em evidência, as críticas do movimento no sentido de problematizar e destacar o que já se disse a respeito da Escola Nova.

Assim, o presente estudo pretendeu explicitar não só o projeto educacional elaborado para a educação paraibana nos anos de 1930 a 1936, mas visou a preencher uma lacuna existente na historiografia da educação paraibana, pois, embora haja inúmeras pesquisas sobre a Escola Nova no Brasil, pouco se sabia acerca do tema e que constituía uma lacuna quanto à implementação desta importante inovação didático-pedagógica no Estado da Paraíba. Isto é assim porque, até o presente momento, não existiam pesquisas voltadas para esta temática. Portanto, o presente trabalho buscou preencher esta lacuna ao colaborar para o entendimento não apenas da Escola Nova, mas da história de vida e das contribuições do professor José Baptista de Mello, que tanto lutou para fazer circular os novos saberes por meio da imprensa paraibana. Ele deixou, enfim, um importante legado para futuros pesquisadores que pretendam peregrinar nesta temática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

]

ALMEIDA, Jane soares. Mulheres na educação: Missão, vocação e destino? A Feminização do Magistério ao Longo do Século XX. In: DERMEVAL, Savianni et al. **O Legado Educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

ARAÚJO, Fátima. **Paraíba: Imprensa e Vida (1826- 1986)**. 2ª ed. Editora e Jornal da Paraíba. 1986.

BARDIN, Laurence, **Análise do Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, José D' Assunção. **A expansão da História**. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASSAN, José Valdi, **Como Ingressar a Criança na Escola: As noções do Centro de Interesse**. Coimbra: Livraria Almedina, 1978.

BREUEL, Alzira. A nova didática do ensino. **REVISTA DO ENSINO**, João Pessoa, Jul. 1934, p. 12.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo?. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **O Tempo do Nacional- Estadismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

CARDOSO, Carlos de Amorim. Vivas para a cidade!! O Liceu Paraibano e a modernização do espaço urbano. In: CARDOSO, Carlos de Amorim; KULES, Wojciech Andrzej. (Org.). **A escola e a igreja nas ruas da cidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Tradução de Epharaim Ferreira Alves. 21. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014. (livro)

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DUBREUCQ, Francine. Ensaio. In: MAFRA, Jason Ferreira. (Org.). **Jean-Ovide Decroly**. Tradução de Carlos Alberto Vieira Coelho et al. Recife: Massangana, 2010.

FAUSTO, Boris. **O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós- modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. Ideário pedagógico moderno nos discursos dos intelectuais Henrique Fontes e Oswaldo Cabral: Escola Primária Catarinense (1920-1930). In: Gil, Natália; Cruz e Zica, Matheus da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil - século XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

KULESKA, Wojciech Andrzej et. al. O MALOGRO DA EDUCAÇÃO POPULAR NA PARAÍBA (1930-1945). In: **Anais eletrônicos do V Seminário de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR)**. Campinas: Unicamp, 2001. Disponível: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/autores.html>. Acesso em: 21 jan. 2015.

LEITÃO, Deusdedit. **O Ensino público da Paraíba: síntese histórica da Secretária da Educação**. João Pessoa: A União, 1987. (Livro)

LIMA, Rosângela Chrystina Fontes de. **Grupo Escolar Dr. Thomas Mindello e a cidade: espaços de difusão dos ideais modernos (1916-1935)**. 2010. 232f. Dissertação (Mestrado em educação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergtron. **Introdução ao estudo da escola nova: Bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. 12 ed. São Paulo: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

LUCA, Tânia Regina. A Grande Imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova. **A Reconstrução Educacional do Brasil. Ao Povo e ao Governo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf>. Acesso em: 13 de jul. 2014.

MELLO, José Baptista de. A Escola Nova. **A UNIÃO**, João Pessoa, 26 de abr. 1931, p. 02.

_____. Methodo Decrolyano. **A UNIÃO**, João Pessoa, 19 de abr. 1931, p.02.

_____. A instrucção primaria da Parahyba. **A UNIÃO**, João Pessoa, 12 de mar. 1933, p.5.

_____. VI Congresso Nacional da Educação. **A IMPRENSA**, João Pessoa, 15 de fev. 1934, p. 04.

_____. Relatório de Atividades. Enviado ao Chefe de Estado, Sr. Dr. Argemiro de Figueiredo. João Pessoa, 24 de Jul. 1935.

_____. Evolução do ensino da Paraíba. 3. ed. João Pessoa: IHGP, 1996.

MONARCHA, Carlos. **Brasil Arcaico, escola nova: Ciência, técnica & utopia nos anos 1920-1930**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

_____. **A reinvenção da Cidade e do Cotidiano**. São Paulo: Cortez, 1990.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra imprensa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (Org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU, 1976.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de; BELTRAN, Claudia Ximena Herrera. Uma educação para a sensibilidade: circulação de novos saberes sobre a educação do corpo no começo do século XX na Ibero-América. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 13, n. 2 (32), p. 15-43, maio/ago. 2013.

OLIVEIRA, Matheus. O ensino moderno. **REVISTA DO ENSINO**, João Pessoa, Abr. 1932, p.12.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras Isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas: Autores Associados, 2002.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. O Processo Político na Primeira República e o Liberalismo Oligárquico. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida.(Org.). **O Tempo do Liberalismo Excludente: da proclamação da república à revolução de 1930**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, O Brasil republicano, 2014.

RÖHRS, Hermann. **Maria Montessori**. Tradução de Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. Recife: Editora Massangana, 2010.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1983.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso**. São Paulo: Cortez, 2010. (livro)

WESTBROOK, Robert B; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Tradução de José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues. (Org.). Recife: Massangana, 2010.

ANEXOS

ANEXO I

A ESCOLA NOVA

Como todos os ramos da actividade humana, a arte de ensinar vem, em toda parte rumando novos horizontes, de modo que, já longe estamos dos processos e methods em que se emmaranhava a escola de hontem.

Nos centros adiantados em que a instrucção é a parte precípua das administrações e em que se faz da escola o ponto de partida de qualquer reforma, vem-se trabalhando com ardor para que o ensino popular seja, de facto, efficiente, e ainda mais, para que da escola primaria saia a creança em verdadeiras condicções de entrar na vida pratica.

O ensino livresco e pesado, com programmas e horarios obrigatorios, é porto á margem, por passadista e contrario á actividade e a liberdade da creança que não deve fazer papel de machina mas sim observar, agir e produzir.

O professor, em taes casos, é o guia do alumno de quem corrige os erros, estimulando e ajudando-o na observação e na execução.

E' a escola nova, é o principio renovador que vae triumphando galhardamente.

Muito differente das lições abstratas, decoradas com enorme e prejudicial esforço de memória, a escola de hoje leva a creança ao terreno da realidade, de modo que ella saiba por que faz, e comprehenda, executando o que lhe ensinam. Para isto dispõem as casas de ensino de material pedagogico variado e utilíssimo de que se servem os estudantezinhos, desde a primeira idade escolar, da fórmula que, nada é ensinado sem a devida explicação positiva e necessaria.

Os trabalhos manuaes, a jardinagem, o ensaio da agricultura, o desenho das scenas acompanhando as lições ministradas, as excursões escolares etc. etc. vão, aos poucos, fazendo da creança, o homem observador d'amanhã.

S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Espirito Santo e Santa Catarina são, no Brasil, os estados Leaders da renovação escolar. E os bons exemplos deixam, necessariamente, alguns fructos, d'ahi vermos, ultimamente, Alagoas, Pernanbuco etc. levantarem-se, abrindo ás suas escolas ao sopro beneficio do ensino moderno.

Verdadeiros professores tomam a hombros a tarefa ingente de transformar a instrucção, de accôrdo com o meio e as necessidades da época. Bem longe de fazerem de seus alumnos poétas chorões e litteratos pedantescos, visando exclusivamente, um titulo que, ás

vezes, só serve de entrave, o professor da escola nova ensina os primeiros passos da vida acti[va, encaminhando os seus discipulos para as artes, para a agricultura, para as industrias e para o commercio, retirando-os da futura estufa que definha e mata as energias, para guial-os na liberdade da vida e da acção.

Dentre as grandes auctoridades mundiaes que vêm revolucionando a pedagogia, sobresaem-se, pelo character pratico que imprimem á escola renovada, as figuras respeitáveis de Montessori, Claperide, Dewey e Decroly que, em toda parte, encontram seguidores e discípulos entusiastas. De Decroly ensaiam-se com grande aproveitamento os centros de interesses que, globalizando o ensino, levam as creanças ao estudo de todas as disciplinas, sem quebra do encadementamento que deve existir entre ellas. Sobre o seu systema traz-nos o erudito prof. Lourenço Filho, actual director da Instrucção Publica de S. Paulo, interessante estudo, no seu magistral livro “Introducção ao Estudo da Escola Nova.”

Tambem a “Revista do Ensino”, de Minas, “Escola Nova”, do S. Paulo e “Escola Primaria” do Rio são portadores constantes de verdadeiras lições modelos, inspiradas no systema do grande educador belga.

Na ausencia de uma revista nossa, e nos servindo das columnas agasalhadoras d’ “A União”, resolvemos, aproveitando a boa vontade do nosso professorado, ancioso por dar ao ensino uma feição nova – offerecer aos collegas singelas lições que talvez lhes possam ser uteis.

Para inicial-os, damos a seguir o trabalho de destacado elemento do magisterio conterrâneo que, modestamente se occupa sob o pseudonymo de Poty.

19 – 04-1931

J. Batista de Mello

Centro de Interesse – O Milho

Observação – Fazer a classe visitar uma plantação. Lá examinar as touceiras, chamando attenção dos meninos para o modo pelo qual se planta o milho aqui, collocando quatro e mais caroços na mesma cova: mostrar a inconveniencia desse systema, fazendo os pequenos observarem que em uma touceira todos não têm o mesmo desenvolvimento, o que não aconteceria se plantasse sómente um caroço sendo a terra ruim e dois, sendo boa.

As vezes, o lavrador é forçado a collocar mais de dois em uma cova, isto porém quando a semente não está perfeita. Então, depois de germinadas deve cortar os pés pouco desenvolvido; cortar, e não arrancar para não abalar as raízes. Si já estão nascidos por que cortar? Porque todos aquelles pés têm que se alimentar de um só ponto, e com certeza cada um se alimenta um pouco. Si acontece o milho filhar corta-se tambem o filho. Comparar o pé de milho com outras plantas, notar-lhe a differença. O mesmo com as folhas, pendão, haste, etc..

Linguagem – Conservar ainda sobre o modo de semear o milho, dizer que há machinas proprias para isso, isto é, que deixam cahir em cada sulco um grão e depois o cobrem com a camada de terra sufficiente.

Fazer os alumnos dizerem o que obsevaram na visita, e pedir que reproduzam com suas palavras, em seus cadernos de composição, o que lhes ficou do passeio.

Composição – Escrever a um colega dizendo-lhe que deseja fazer uma plantação de milho no quintal de sua casa, e pedindo-lhe para que venha ajudá-lo na proxima quinta-feira.

Vocabulario – Roça – terra onde se roça o matto. Terra de lavoura.

Milho tambem significa dinheiro. Fulano parece pobre mas tem muito milho. Dinheirama como milho.

Touceira – grupo de plantas.

Cora – Pequeno sulco na terra,

Ações: roçar, limpar, cavar, semear, cobrir, quebrar, debulhar, ensacar, vender.

Formação de phrases.

Arithmetica – Uma senhora comprou duas mãos de milho de 1.^a qualidade a 3\$000 cada uma e mais três mãos de outra qualidade de 2\$500. Quanto gastou?

Com 196\$ compraram 7 sacas de milho secco. Quanto custou cada uma?

Um terreno quadrado tem 85 pés de milho no comprimento e 43 de largura. Quanto pés de milho há no terreno?

Uma senhora empregou para fazer 38 pratos de cangica 132 espigas de milho. Quantas espigas foram precisas para fazer o prato?

Uma cuia de milho custa 3\$000. Um Cavallo come uma cuia em 10 dias. Quanto preciso gastar para alimentar 5 cavallos no mesmo espaço de tempo?

Historia Natural – O milho é uma planta de origem tropical, da família das gramíneas. Ha diversas especies de milho: catete, Branco, Zaturro, Assis Brasil etc. Pode ter de 0,60 a 3 metros de altura, conforme o solo. O clima e a especie. Dá-se bem em todas as terras e excepção dos barros frios, dos solos arenosos e pantanosos. Tem raízes fasciculadas, caule

erecto e alto, folhas largas e lanceoladas. Os grãos agrupam-se em espigas densas e dão excellente farinha. As raízes são curtas e irradiam-se em pequenos circulo em torno ao pé. Por esta razão não ha necessidade de plantas a semente muita afastada em sentido longitunial. O mesmo não se dando em sentido horizontal onde deve haver espaço para passar o arado puxado por um animal. O milho está sujeito a doenças; o morrão e o verdete. E' planta de clima quente mas adpta-se a todos os climas. Quando o milho está complatamente duro, quebram-se as espigas; os lavradores costumam dobral-as pelo pé afim de evitar o ataque das aves e a acção da chuva.

Geographia – O milho é originado da America. O Brasil exporta milho para á Inglaterra, França, Hespanha, Estados Unidos, Argentina, Hespanha Paraguay, Portugal, Allemanha, Uruguay etc. As principaes praçasm exportadoras são: Pará, Maranhão, Fortaleza, Recife, Maceió, Rio de Janeiro, Santos.

Corographia – Os principaes municipios parahybanos que produzem milho são: Pedra de Fôgo, Espirito Santo, Guarabira, Caiçara, Araruna. Ingá, Umbuzeiro, Campina Grande, Cabaceiras, Soledade, Picuhy, Alagôa do Monteiro, Taperoá, S. Luzia, Patos, Teixeira, Catolé do Rocha, Souza, Princeza, Conceição, cajazeiras, S. João do Rio de Peixe.

Historia – O milho foi levado para a Europa depois do descobrimento da America por Christovam Colombo. No Mexico, no Perú e nas Antilhas os indigenas cultivavam-no com proveito. E' muito antigo. Não foi encontrado em estado silvestre.

Hygiene – O milho é um dos melhores alimentos do homem. Delle fazem-se diversos pratos: papas, pasteis, pamonha, cangica, angú, cuscús, etc... Come-se assado, cosinhado, torrado. Para as pessoas fracas e as creanças é recomendada a maisena (fecula de milho)

Há populações da America que fazem do milho a subsistencia. Há porém um perigo no exclusivismo dessa alimentação. E' o apparecimento de uma enfermidade chamada pellatra, uma espécie de lepra nas partes cobertas do corpo – rosto, pescoço e mãos. Não é incurável. E' a pellagra de uma das poucas doenças do milho. Emprega-se em medicina a farinha de milho como analeptico para preparação de papas. A palha, a canna, as folhas e as espátulas são excellentes forragem para os animaes, mesmo verde, ferrada ou preparada pela ensilhagem.

O sabugo, é um bom combustivel. Pode ser dado ao gado, moído, rachado, e até inteiro As flôres têm viirtudes medicinaes. O caule contem assucar. O grão presta-se á producção de álcool muito usado nas industrias. Fermentado serve para fabricação de cerveja. Torrado e moido faz-se café recommendavel ás pessôas a quem o verdadeiro café excita. Pôde ser utilizado antes de estar maduro. O milho é o cereal que mais engorda os animaes.

Historia de Jose e Pharaó

Achava-se José, moço honrado e temente a Deus, preso injustamente no Egypto, quando interpretou dois sonhos: Uma do padeiro mór e outro do copeiro-mór do rei de Pharaó. Ambos os sonhos se realizaram como José havia predito. Passados dois annos teve Pharaó dois sonhos que muito impressionaram. Primeiramente sahiram do Nilo sete vaccas formosas e gordas que pastavam na margem e depois sete vaccas magras e desfiguradas que devoraram as primeiras. Pharaó adormeceu novamente. Sonhou que via em um pé sete espigas cheias e fornecidas áridas e delgadas que fizeram as primeiras desaparecer.

Quando amanheceu, Pharaó mandou convocar todos os sabios e adivinhos do Egypto e contou-lhes os sonhos. Nenhum soube explical-os.

O Copeiro-mór lembrou-se de José e informou ao rei o que lhe tinha acontecido em relação ao seu sonho.

Mandou Pharaó trazer José a sua presença. Este ao apparecer-lhe, disse: “Deus annunciou ao rei o que há de fazer. As sete vaccas formosas e gordas e as sete vaccas formosas e ficam sete annos de fartura; as sete vaccas magras e as setes áridas, denotam sete annos estéreis. Virão primeiramente os sete annos de fartura e depois sete annos esterilidade”. Pharaó satisfetissimo com este aviso, nomeou José superintendente sobre todo o Egypto e José mandou armazenar todos os cereaes de fartura para os sete annos de escassez.

Desenho – Fazer um pé de milho.

Recitativo

Minha cabeça vale ouro,
Os homens cortam-me o pé;
Quebram-me o corpo; de sorte
Que meu destino este é:
Dar a vida a quem me da a morte...

(Do R. do Ensino)

Fazer a scena tendo por thema principal o milho.

Recortar um pé de milho.

Agricultura – Plantar milho observando as explicações dadas na aula.

POTY

Referência: Jornal “A União” Domingo, 19 de abril de 1931

ANEXO II

A instrução Primaria na Parahyba

(Palestra do professor J. Baptista de Mello na 3.º reunião do Rotary Club)

O “Rotary Club da Parahyba”, sociedade que vem de ser organizada em nosso meio, onde tem encontrado o apoio de elementos de real destaque, inclúe no seu vasto programma de acção o combate ao analphabetismo, procurando em louvável enthusiasmo tudo fazer para levantar o nível da instrucção popular em nosso Estado. Já em sessão anterior o meu prezado mestre e amigo dr. Matheus de Oliveira em bem feito trabalho esplanou os pontos capitães do grande problema brasileiro. Quizeram, entretanto, os rotaryanos ouvir a propósito a palavra humilde do director do Ensino Primario, que se nenhum valor possúe, honra-se em proclamar que ninguém o supera em boa vontade e desejo ardente de cumprir o seu dever.

* * *

O ensino primário na Parahyba tem passado por sensíveis modificações. Alguma cousa temos feito em prol de tão importante ramo da administração. Já a escola de nossos dias está bem longe daquella que, para nós, creanças de outrora, constituída um espantalho. O velho mestre cheio de rigorismo e de pragmática, foi substituído pela professora moderna que as creanças adoram, e no meio dessas se confunde em vivacidade e carinho.

O professorado parahybano na sua grande maioria pos a um lado os professores e methods da escola tradicional para integrar-se nos conceitos victoriosos da escola-trabalho. Tudo marcha a passos largos e posso affirmar que os poderes públicos continuarem a encarar o problema do ensino com o mesmo carinho que lhe vêm devotando de um quatriênio a esta parte, e se a política se conservar bem distante da escola, não estará longe o dia em que veremos a Parahyba incluída no numero dos Estados leaders da instrucção.

Ha um vivo interesse de transformar radicalmente o ensino. Os nossos professores, humildes, quase anonymos, não medem sacrifícios no cumprimento de seus deveres. Já em nossas livrarias as obras de pedagogia não ficam de paginas amarellecidas a espera de compradores. Os grandes mestres teem entre nós os seus leitores entusiastas e constantes – Montessori, Ferrieri, Decroly, John Dewen, Binet, Fernando de Azevêdo, Lourenço Filho e

outras autoridades no assumpto têm os seus livros nas modestas estantes do professor paarahybano. Ha deste modo melhor comprehensão e consequentemente mais efficiencia no ensino. Por outro lado, o povo, na sua grande maioria, comprehendeu a necessidade de dar aos filhos a educação que lhe faltou. Aprendeu á custa das difficuldades da vida, oriunda da sua própria ignorancia a desejar para a sua descendencia um futuro menos penoso. Desta fórma não é, tão sómente, de proraganda de que carecemos. A installação de uma simples escola rudimentar, em qualquer recanto de rua constitue, por si só, o meio mais efficaz de incutir no animo de nossa gente humilde a necessidade de aprender. Não argumento sem provas: logares há formados de 20 a 30 choupanas miseráveis que abarrotam a casa do ensino, que como uma dádiva celeste lhe foi encravada no meio. Fazendeiros das mais remotas regiões do Estado pleiteam com insistencia a creação de uma escola – para qual offerecem casa e mobiliario. Pergunta-me-eis então de que necessitamos nós para dar maior impulso no combate ao analphabetismo. Eu vos responderei simplesmente: espalhe-se o ensino por toda a parte, forneça-se-lhe o necessario para a sua manutenção, imprima-se-lhe uma fiscalização independente, e eu vos asseguro que dentro de alguns annos poucos serão analphabetos da Parahyba.

Coube ao governo do interventor Anthenor Navarro dar o mais decidido golpe no marasmo em que se confundia a nossa instrucção. Comprehendeu o joven estadista a necessidade de imprimir ao nosso ensino uma feição bem differente daquella em que se debatia, não correspondendo á sua alta finalidade, pois que em innumerados casos, sem estimulo, sem alma, sem fiscalização, tornava-se nullo, um peso morto a afundar os cofres publicos.

Era, quase em regra geral, deste modo o ensino ministrado nos municípios. Vejo o decreto n.º 33, de 11 de dezembro de 1930, extinguindo as escolas municipaes e chamando para o Estado a inteira responsabilidade pela disseminação do ensino primario. Foi o primeiro passo. Concomitantemente fôram preenchidas todas as zonas escolares pára o effeito de fiscalização technica, e os inspectores nomeados bateram todos os logarejos do Estado onde deixaram plantadas 281 novas escolas.

Não havia professores em numero sufficiente para preencher-as. Urgia preparal-os. Notou-se então uma admiravel prova de capacidade de nosso povo; em toda parte formou-se nova mentalidade e o livro substituiu as prendas femininas, para com alguns mezes de revisão de estudos, servirem de armas ás novas professoras que appareceram. E as escolas públicas foram preenchidas com optimos resultados.

A matricula de novos alumnos augmentava dia a dia. Era imprescindível aparelhar novas casas de ensino. Os municípios rivalizaram-se agora na construcção dos seus grupos escolares, 20 predios dessa natureza fôram inciados emquanto que de toda parte vinham pedidos de novas escolas.

Em complemento ao desenvolvimento material vieram os novos programmas do ensino, estabelecendo uma orientação digna da organização iniciada.

Pela primeira vez via a Parahyba em 1931 essa demonstração collectiva da capacidade de sua creançada escolar, com a brilhante exposição de trabalhos manuaes em que muitos milhares de prendas pela população que via o início de uma nova era da escola publica, até então tida como incapaz para uma educação completa. Mas a população escolar, humilima na sua maioria, com as próprias possibilidades, na sua maioria, com as próprias possibilidades não estava na altura de corresponder á bôa vontade dos dirigentes do ensino. Cumpria-nos, pois, auxiliá-la. Foi então intensificada a installação de caixas escolares que amparadas pelos professores e auxiliadas pelo Govêrno, hoje florescem em quase todos os municipios, prestando assignalados serviços aos alumnos podres com a distribuição de milhares de merenda, roupas, calçadas, livros, cadernos, remédios, etc.

Ao professorado do interior era mistér inteirar das innovações que dia a dia enriquecem a pedagogia. Fundou-se a Revista do Ensino, com assignatura obrigatória, e que vae produzindo excellentes resultados, com o intercambio espiritual dos que se dedicam á sublime missão de ensinar. Ante, pois, tão avantajados empreendimentos, era natural que as nossas escolas tomassem outro rumo e que a consciencia da Parahyba as comprehendesse melhor.

E o resultado não se fez esperar. Professores que fôram encontrados fóra do exercicio de suas funcções e que recebiam integralmente os vencimentos a que não faziam jús, escolas que creadas para afilhados dos antigos chefes locaes, só eram conhecidas na escripta do Thesouro; grupos escolares que devido á falta de efficiencia do ensino amesquinhavam se por si mesmos, reduzidos a uma frequencia ridícula, por não merecerem a confiança dos Paes de familia, tudo desapareceu para hoje cederem logar ao trabalho honesto e productivo.

Tão escassos e deficientes eram os dados relativos ao movimento escolar, há alguns annos atraz além de ser em grande parte ficticia ou graciosa a cooperação que, a respeito, nos chegavam do interior da Estado, que difficil, senão impossível é levantar-se uma estatistica rigorosa do que foi a instrucção na Parahyba.

Com a nova organização que foi levada a effeito em 1930, podemos estabelecer aqui a differença verificada no movimento escolar relativo ao ultimo biennio:

Matricula de 1931, 27.767 alumnos; matricula de 1932, 36.168 alumnos. Diferença para mais: 8.401.

Frecuencia media em 1931, 13.839; frecuencia media em 1932, 18.669,1. Diferença para mais: escolas existentes em 1931, 414; escolas existentes em 1932, 526. Diferença para mais: 112.

Alumnos aprovados em exames em 1931, 3738. Diferença para mais: 330.

Por esses dados ligeiros comportáveis no limitado espaço de uma palestra verifica-se ser animador o estado do ensino primario de Parahyba. Para amplial-o, tornal-o capaz de preencher integralmente a necessidade de nosso povo seguioso de aprender, faz-se preciso seguir sem desfallecimentos na obra iniciada. As nossas casas de ensino apresentam-se insufficientissimas aos innumerados candidatos que as procuram.

Um facto consolador, mas que nos deixa apprehensivo; ao iniciar-se o serviço de matricula na capital, no corrente anno, tão grande foi a affluencia de candidatos que fomos obrigados a encerrar as inscrições em muitas de nossas escolas nos 2 e 3 primeiros dias quando deveríamos receber alumnos, durante uma quizena. Isto porque, dentro daquelle prazo, estavam super-lotados, quase todos os grupos escolares. Escola há com capacidade para 40 creanças e teve matricula de 130! Houve mesmo cadeiras em que a lotação de 50 foi augmentada para 200, obrigando-nos a desdobrar o expediente.

E assim, 90% dos estabelecimentos de ensino da capital estão super-lotados num flagrante attentado á disciplina e á pedagogia. Mas que fazer? As condições financeiras do Estado não permitem a criação de novas escolas e estamos fartos de assistir diariamente o quadro doloroso de voltarmos creanças que não mais podem ser acceitas por falta de logares nas classes.

Outro ponto de summa importancia é o que diz respeito ao mobiliario escolar: o Estado está quase desprovido de moveis e material didactico indispensável ás suas escolas.

Afóra a capital, muitos poucos são os logares onde se encontram moveis e material pedagogico.

E a necessidade cresce dia a dia, á proporção que augmenta a população escolar.

Faz assim imprescindível uma providencia urgente nesse sentido por parte dos poderes publicos. A criação de uma escola sem o edificio apropriado ao seu funcionamento nada adeanta; precisamos de uma acção continua e ininterrupta.

O exmo. sr. dr. Gratuliano de Brito, espírito moço e inteligente que tão bem compreende as necessidades do ensino, vê com o maior carinho esse problema de tão grande alcance social, e em tempo resolve-a.

Começamos alviseira o ano escolar de 1933. A capital que durante o ano findo viu em suas escolas públicas 4.264 crianças – a maior inscrição até então verificada.

Referência: Jornal A União, 12 de março, ano XLI, n.58, domingo, p.5, 1933.

ANEXO III

A ESCOLA NOVA

SYSTEMA DECROLYANO

CENTROS DE INTERESSES

– A AGUA –

1.º PASSO (observação).

Em plena sala de aulas os alumnos olham, attentamente, pelas janelas, a chuva torrencial que, ruidosamente, cae sobre os telhados das casas fronteiras, sobre o leito da rua e sobre as arvores da praça vizinha, molhando e alagando tudo. Observam, com interesse, que de toda parte corre agua: dos beiraes e dos canos dos edificios, dos cantos das ruas e das folhas dois oitizeiros que enchem a praça. Vêm que as aguas procuram umas ás outras, misturando-se, formando, lá adeante, verdadeiros riachos que, apressadamente, procuram a cidade baixa; observam que a agua cahida do CEO, desce em fios muito alvos que se confundem, ao contacto com a terra; vêm o CEO todo nublado, da côr de cinza, emquanto que a rua vae ficando quasi deserta, notando-se apenas a passagem rapida de bondes e automoveis, e um ou outro transeunte envolto em capa e protegido por guarda-chuva; vêm mais que ao cahir sobre o solo, a agua que até então era limpa, muda de côr, por causado sujo da terra, tomando um aspecto feio, escuro, para ir alvejando com a continuação da chuva. Não vêm o sol, e por isso notam o dia menos claro: e por isso como que um véo que intercepta a visão á distancia; sentindo o ar mais frio, em contraste com o calor das semanas anteriores.

2.º PASSO (Associação)

O professor servindo-se do centro occasional e satisfazendo a natural curiosidade das creanças, entretém com ellas interessante e util palestra que gira sobre o que lhes prendeu a attenção: a agua.

Não se póde viver sem a gua que é um dos quatro elementos; sem ella não existiriam os homens, os animaes e as plantas. Se não fora a agua, nenhuma utilidade teriam as grandes embarcações e não trabalhariam as machinas; não haveria, finalmente, vida sobre a terra.

A chuva é a agua cahida das nuvens que derramam sobre a terra, em grandes massas. Devido aos obstaculos encontrados na atmosphaera, essas massas d'agua se dividem, partindo-se em longos fios. A quantidade d'agua cahida é maior ou menor, conforme a porção della contida nas nuvens que são movimentadas pelos ventos.

Ha um verdadeiro vae e vem d'agua entre a terra e os ares. Ao cair sobre a terra ella procura escapar-se, ora correndo para os rios que conduzem ao mar, ora infiltrando-se na terra, até encontrar, lá em baixo, no subsolo, uma camada impermeavel que a não deixa passar. Ahi então localiza-se em grande porção, com o nome de lençol d'agua.

A tendência della, porém, é voltar para o logar d'onde veio: as nuvens. Assim é que dos mares, dos rios, lagos, açudes, de toda parte escapa-se a toda a hora, em fórmula de vapor.

Se bem que não vejamos esse movimento, sinão nos dias humidos, a evaporação é constante, ininterrupta. Como vapor d'agua, ella sobe o ar, indo reunir-se em nunvens para, com o resfriamento, condensar-se, voltando em fórmula liquida, novamente á terra.

Também as aguas que se encontram no sub-solo não ficam paradas: procuram fugir, para voltarem ás nuvens.

Há na terra pequeninos e innumerados buraquinhos que vêm do subsolo até á camada externa: são uns canaes muito finos, por isso chamados de canaes capillares. Por elles a agua sobe até á superfície, para d'ahi evaporar-se. E' a este movimento que se dá o nome de capillaridade.

Póde-se medir a porção d'agua cahida das nuvens, usando-se um aparelho chamado pluviômetro, que consiste num instrumento, de fórmula de funil, tendo na parte inferior uma pequena torneira. Com um tubo de vidro, riscado em milímetros, chamados proveta – apanha-se o liquido recolhido no funil, podendo-se assim lêr o numero de milímetros d'agua...

Além dos mares e rios onde se accumula a maior porção d'agua das chuvas, também se póde prendel-a em açudes guarnecidos por fortes barragens (baldos). Os açudes são de grande utilidade, não só nos fornecendo agua que nos sustenta a nós, aos animaes e plantas, mais ainda conservam humidas as terras vizinhas onde se fazem excellentes plantações, e com a humidade e a vegetação haverá maior força de evaporação e dahi mais frequencia de chuvas.

E' muito commum no nordéste do Brasil esse espectaculo tremendo que se chama de sêcca, e se tivéssemos açudes em larga escala, bem diminuido seria o soffrimento quando nos chega tão temeroso flagello.

Para construir-se um açude é necessario, antes de iniciar os trabalhos da barragem, estudar-se a natureza do terreno e a capacidade d'agua que para o local poderá correr.

Em terras salitrosas, as aguas do açude torna-se-ão salgadas, e em campo aberto não haverá probabilidade de juntar-se muita agua.

A barragem deve ser construida a partir da camada impermeável do terreno, para evitar o deslocamento do lençol d'agua para outro sitio que não aquelle em que se vae fazer a construcção. A essa parte interna do baldo chama-se barragem subterrânea.

3.º PASSO: (Expressão)

Linguagem – Mandar que os alumnos digam por suas palavras o que observaram durante a chuva e um resumo do que ouviram na palestra.

Composição – Descrever em seus cadernos o que foi por elles commentado no exercício de linguagem.

Vocabulario – Dar a significação de pluviômetro, proveta – evaporação – condensação – nuvens – canaes capillares – barragem – infiltração. Formar sentenças com cada uma dessas palavras.

Sciencias naturaes e physicas – Além da agua se nos aprensentar no seu estado real, e transformar-se em vapor, também póde solidificar-se, tomando fórma própria com o nome de gêlo.

Ella nos dá assim um perfeito conhecimento dos tres estados dos corpos: solido, liquido e gasoso.

Geographia – Tres partes da terra estão cobertas por aguas que se dividem em cindo oceanos. Destes, chamam-se mares, propriamente, as partes que banham o interior dos continentes. Os mares são, pois, subdividições dos oceanos, 16 estados do Brasil são banhados pelo oceano atlantico.

Amazonas, Matto grosso, Goyaz e Minas Geraes, por ficarem no interior do paiz tão chamados Estados centraes. Não soffrem, porém, muito com isto, porque são servidos por grandes rios como o Amazonas, o Madeira, o Tocantins e o Paraná que se prestam á navegação.

Chorographia da Parahyba – A Parahyba, sendo um estado do Nordeste, é muito sujeita ás grandes estiagens. Ha mesmo algumas zonas como a do cariry e a curimatau, onde não é raro passarem-se annos, a fio, sem cahir uma chuva sequer. A zona sertaneja, se bem que muito fértil, é, vez por outra, victima de tremendas sêccas. De todas, a mais feliz é a do brejo onde os invernos são mais ou menos regulares.

Os nossos rios são pequenos e não são perennes, com excepção de pequena parte da Parahyba – o maior delles. Do sertão, a o mais importante é o de Piranhas, que deixando o nosso Estado entra no Rio Grande do Norte, lá recebendo, depois, o nome de Assú.

Hygienne – A agua de beber deve ser potável, isto é, limpa, sem gosto, sem cheiro e sem côr.

Nem todo agua, pois, deverá ser ingerida.

De uma agua má poderão nos apparecer graves doenças como as febres typhoides, o cholera, etc; por isso ella deve ser filtrada ou fervida, a fim de desappareçam os germes portadores de tão fataes molestias.

Há também aguas medicinaes e que se encontram em fontes.

São muito conhecidas as aguas de Vichy, Lambary de São Lorenço, Araxá e Poços de caldas.

Em nosso Estado temos no município de São João do Rio do Peixe, o Brejo das Freiras, cujas aguas sulfurosas são muito recommendadas pelos medicos.

Arithmetica – Custando 1 metro cúbico d’agua 800 réis, quanto custarão 18 metros?

Existe em certo local um deposito com 186 metros cúbicos d’agua: quantos dias serão precisos para gastar toda essa agua, se forem retirados delle, diariamente, 3 metros?

Desenho – Fazer um rio com afluentes, no taboleiro de areia.

Fazer scenas observadas durante a chuva.

J. Baptista de Mello.

Referência: Jornal “A União” Domingo, 26 de abril de 1931.

ANEXO IV

VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Regressou a Delegação Paraibana – Fala-nos o Prof. Batista de Melo – A Ação dos Professores Paraibanos

De Fortaleza, onde fora representar o nosso Estado chegou no domingo passado a embaixada paraibana junto VI Congresso Nacional de Educação, composta dos srs. Prof. Batista de Melo e dr. Manuel Florentino, diretor da Instrução Publica e professor do Liceu Paraibano, respectivamente.

Para dar aos nossos leitores uma idéa do que foi o grande certame de Fortaleza, resolvemos entrevistar o sr. Diretor da Instrução que gentilmente nos aquiesceu, dando-nos oportunidade de divulgarmos em nossa terra os trabalhos do VI Congresso.

Os Congressos de Educação que se veem realizando sob os auspícios da A. B. E. veem se caracterizando, infelizmente, pelo intencionando desconhecimento da realidade espiritual da criação brasileira.

Neste, porém, a quebrar o caráter irritante do laicismo que a Associação Brasileira de Educação timbrava em conformar as suas diretivas, vimos a palavra de autorizados pedagogos a reclamar dentro do mesmo Congresso os auxílios e luzes das finalidades espirituais na obra educativa aja vista a brilhante tese que o padre Helder Camara apresentou ao Congresso de que nos ocuparemos depois.

Damos a palavra ao ilustre delegado para nos dizer o que foi o Congresso.

Designados pelo Exmo. Snr. DR. Interventor Federal, para representar a Paraíba no 6.º Congresso Nacional de Educação, reunido em Fortaleza, no dia 2 do corrente mês, para ali seguimos eu e o dr. Manuel Florentino da Silva, - a 27 de janeiro findo.

COMO FOMOS RECEBIDOS NA CAPITAL CEARENSE

O povo do Ceará com a sua proverbial gentileza recebeu-nos findalamente proporcionando nos máximo conforto. Trazemos a mais grata recordação dos poucos dias que passamos em Fortaleza – cidade de atividade comercial e que encanta o visitante que a vê pela primeira vez, pela excelente disposição de suas ruas e praças simetricamente distribuidas; pelo trabalho incessante que se faz notar por toda parte, dando-nos a impressão de uma cidade que

se renova dia a dia, e sobretudo pela comunicabilidade do povo sempre de bom humor, numa demonstração cabal de sua resistencia e de sua nobresa.

AS DELEGAÇÕES DOS ESTADOS

A exceção de Alagoas e Mato Grosso todos os Estados da Federação se fizeram representar no Congresso, sendo de notar a cordialidade existente entre a maioria dos delegados que era constituída de elementos dos mais representativos do magisterio brasileiro, em todos os ramos do ensino, desde o primario, ao superior. Nomes de projeção nas rodas pedagógicas de todo o paiz reuniram-se no conclave realizado em Fortaleza.

FINALIDADES DOS CONGRESSOS DE EDUCAÇÃO

Nesses certames são discutidos assuntos da mais alta relevância para o ensino. dentro de um programa inteligentemente organizado pela Associação Brasileira de Educação que patrocina e dirige essas reuniões anuais – os Congressos veem prestando ao ensino do paiz assinalados benefícios, levando aos governos da Republica e dos Estados as conclusões a que chegam os trabalhos ali realizados e propondo medidas de grande importancia para uma melhor distribuição de todos os serviços que dizem respeito á instrução e á educação do povo, além de trazerem ao conhecimento dos Estados o que se passa sobre esse grande problema nacional em todos os recantos do Brasil.

Ainda mesmo que outra utilidade não representassem os Congressos de Educação só o intercambio de idéas, numa aproximação confortadora – de todo o professorado patricio justificaria o empreendimento feliz que, de seis anos a esta parte vem realizando a A. B. E. Como os cinco primeiros reunidos em Curitiba, S. Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Niteroi o 6.º Congresso discutiu téses interessantíssimas que visam engrandecer sobremodo o ensino nacional.

“A organização de Escolas materiais”, “Ensino de ciências físicas e naturais”, “Ensino de linguagem e de literatura infantil”, “A formação do professorado primario nos Estados do Brasil”, “Ensino Profissional”, “Organização dos Departamentos estaduais de Educação”, “Como orientar e aperfeiçoar o ensino das classes primarias”, “Educação sanitaria”, “Desenho”, “Ensino Normal”, “Escolas Normais Rurais”, etc. Foram temas de bem feitos trabalhos levados a discussão nas secções tecnicas que se realizaram durante todos os dias do Congresso.

A AÇÃO DOS REPRESENTANTES DA PARAÍBA

Cumprimos o nosso dever, tomando parte das reuniões técnicas e nas sessões do plenário. Tivemos por diversas vezes de apresentar sugestões sobre temas oferecidos, nos quais defendemos os interesses do Ensino no Estado, que naturalmente não pôde ser o mesmo processado nas escolas americanas e europeas, sem a necessária adaptação; insistimos pelo estabelecimento de escolas rurais pelas diferentes regiões do Nordeste, e em que ao lado do ensino de letras, sejam ministrados conhecimentos de agricultura e de pequenas indústrias de modo a preparar a criança para a vida prática. É a escola-rural – o tipo que nos convém e que virá resolver, em parte, o grave problema do trabalho. A escola puramente de letras, estamos certos, está muito longe de satisfazer as nossas necessidades e, quase sempre, concorre tão somente a aumentar o bacharelismo e a burocracia de que o país já se sentia farto. Encarando a necessidade de uma reforma radical na mentalidade do professorado brasileiro – mostrámos as faltas do ensino normal, praticado em diversos Estados, inclusive o nosso, com programas que não correspondem à sua verdadeira finalidade. Batemo-nos por uma campanha sistemática que venha implantar um regime de educação sanitária capaz de salvar milhares de escolares paraibanos que, pelo estado de miséria em que vivem, arrastam uma existência de amargura e de aniquilamento, sem higiene e sem conforto.

Cogitamos do ensino profissional, ainda tão atrasado em nosso Estado. Sobre o ensino normal que deve merecer o maior carinho de parte dos poderes públicos pois que dele depende a formação do professorado que é o termômetro de todo o movimento educacional – o meu companheiro, dr. Manuel Florentino, ofereceu ao Congresso uma bem elaborada tese que recebida com simpatia e devidamente discutida, foi encaminhada a uma comissão de técnicos para o estudo de um plano de reforma nos programas das escolas normais. Também a validade dos diplomas de professores em todos os Estados foi objeto de discussão. De acordo com as disposições do Regimento Interno, as congressistas, expuseram no plenário, a situação do ensino em seus estados, cabendo-nos relatar o da Paraíba, o que fizemos na penúltima sessão, realizada no dia 7 do corrente.

De todos os nossos trabalhos daremos conta ao governo do Estado em relatório, que será acrescido das sugestões que julgamos convenientes oferecer, em benefício do ensino em nosso Estado.

A MESA DO CONGRESSO

Coube, ao dr. Joaquim Moreira de Souza, diretor da Instrução Publica , no Ceará a precidencia do certame. Foi um ato de justiça dispensado a um professor digno que á frente do Departamento do Ensino, vem trabalhando com abnegação, fazendo com que a instrução do seu Estado desfrute a bonita posição em que se encontra. Para presidente de honra foram aclamados o Ermo. Sr. Dr. Getulio Vargas e o Interventor Roberto Carneiro de Mendonça.

Também durante os trabalhos do Congresso foi eleito presidente da Associação Brasileira de Educação o professor Lourenço Filho – renomado pedagogo nacional.

A INSTRUÇÃO NO CEARA

Se bem que se encontrassem em férias os estabelecimentos de Ensino de Fortaleza percorremos os seus principais colégios, grupos escolares e Escola Normal, trazendo bôa impressão do que vimos em relação a predios , material didático, bibliotecas e museus. A Escola Normal ocupa um prédio, material didatico, bibliotecas e museus. A Escola Normal ocupa um prédio suntuoso, chamando-nos a atenção o seu vasto “auditorium” e excelente gabinete de História Natural.

A primeira vista nota-se que há trabalho e bôa vontade de parte do professorado cearense assistido por uma Diretoria de Instrução e um corpo de inspetores esforçados e inteligentes, encontrando todos do capitão, Carneiro de Mendoça, o mais franco apoio á sua obra grandiosa.

Tambem o movimento social de Fortaleza é digno de aplausos. Uma mocidade luzida, possuidora de idealismo sadio, com uma mentalidade do escól trabalha incansavelmente pela grandeza do seu Estado. Um sacerdote moço e talentoso – o padre Helder Camara controla o movimento social católico na capital cearence. Muito estimado o padre Camara é presidente da Associação dos Professores Catolicos de Fortaleza onde realiza obra de grande utilidade. Foi um dos conferencistas do Congresso produzindo sob o tema “ A educação e o Catolicismo” um trabalho de alta significação, recebendo da assistência entusiásticos aplausos.

REFERÊNCIA; A Imprensa, 15 de fevereiro de 1934 – quinta- feira.

